Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Sexta-feira, 16 de Agosto de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.524 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • 2€

Público

Futebol
Mbappé, Álvarez e os treinadores: as grandes ligas estão de volta
Desporto, 27

Diário de Um Cientista
Um predador pouco provável empurra o tordo-do-príncipe para a extinção
P2 Verão

Bienal de Veneza
Por outra ideia de civilização, outra forma de ver arte
Ípsilon

Governo quer tirar poderes aos condóminos no alojamento local

Diploma prevê que os condóminos tenham de provar que um AL provoca incómodo antes de o fechar, no máximo por cinco anos. Haverá "áreas de contenção" e de "crescimento sustentável" Economia, 21

1930-2024

Gena Rowlands, uma actriz de paixão

Tinha 94 anos e sofria da doença de Alzheimer Cultura, 24/25

21.ª edição

Fernando Pimenta vai à Universidade de Verão do PSD

Haverá um convidado-surpresa para uma conferência no dia 31 de Agosto. O maestro Rui Massena também irá a Castelo de Vide Política, 10

MOHAMMED SALEM/REUTERS

Médio Oriente
Mortes em Gaza ultrapassam as 40 mil
Mundo, 14/15

Turismo

Clima influencia hábitos de viagem de 76% dos europeus
Economia, 18/19

Politólogos

Sem medidas estratégicas, PSD apontou ao centro
Política, 8/9

Hoje Novela Gráfica VIII
Crime e Castigo Vol. 4
Argumento e desenhos: Bastien Loukia

ISNN-0872-1548

Já muitos defendem "concentração" de maternidades. Há um estudo em curso

Hospitais portugueses fizeram 82.800 partos em 2022, 80% dos quais foram feitos no SNS

Várias comissões de peritos sugeriram já o fecho de urgências de obstetrícia, mas propostas ficaram na gaveta. Director executivo do SNS admite hipótese em Lisboa

Alexandra Campos

O discurso mudou: depois de o anterior ministro da Saúde, Manuel Pizarro, e do primeiro director executivo do Serviço Nacional de Saúde (SNS), Fernando Araújo, terem rejeitado a proposta mais polémica e impopular da comissão de peritos que sugeriu a concentração – eufemismo usado para fecho – de várias urgências de ginecologia-obstetrícia e blocos de parto no país, o novo director executivo, António Gandra d'Almeida, assumiu que "concentrar" é um cenário possível na região de Lisboa, caso a nova comissão que já está a fazer um levantamento venha a propor essa solução.

Foi na sua primeira entrevista, ao *Expresso*, que Gandra d'Almeida admitiu a hipótese, depois de nas últimas semanas especialistas, administradores hospitalares, vários médicos, enfermeiros e comentadores criticarem em uníssono a "falta de coragem política" para resolver o que se convencionou chamar "a crise das maternidades", que se arrasta há anos mas se agudiza no Verão, quando as férias tornam difícil cumprir os exigentes rácios definidos pela Ordem dos Médicos (OM) para as escalas das urgências da especialidade.

Quase todos reconhecem, agora, que será necessário avançar para soluções mais radicais, de forma a conseguir reforçar as equipas depauperadas devido ao envelhecimento dos ginecologistas-obstetras e à dificuldade de cativar e manter muitos dos jovens especialistas no SNS, alguns dos quais preferem trabalhar como prestadores de serviços, à tarefa, porque ganham mais dinheiro, têm mais flexibilidade de horários e conseguem, assim, conciliar a vida profissional com a vida familiar.

Remendos nas escalas

Por estes dias, o director executivo tem andado atarefado a tentar pôr remendos nos buracos das escalas médicas. No fim-de-semana passado, perante a perspectiva de ter de novo as três maternidades da margem Sul do Tejo – as dos hospitais de Garcia de Orta (Almada), do Barreiro e de Setúbal – fechadas em simultâneo, conseguiu que a primeira ficasse "referenciada", ou seja, a receber apenas grávidas encaminhadas pelo Centro de Orientação de Doentes Urgentes (CODU) do INEM.

Mas isso aconteceu só durante o fim-de-semana. Entre segunda-feira e quarta-feira, segundo a informação então disponível no Portal do SNS, que nem sempre está correcta, as três maternidades da margem Sul do Tejo voltaram a encerrar em simultâneo. Ontem, a de Almada reabriu ao CODU e a de Setúbal está aberta hoje e amanhã. É confuso, e por isso a Direcção Executiva (DE-SNS) aconselha as mulheres a ligarem sempre para a linha SNS Grávida (808 24 24 24).

A agravar, além dos fechos rotativos em Lisboa e Vale do Tejo (LVT), este Verão também há problemas numa vasta área geográfica que fica desguarnecida – a região Oeste – porque as urgências de ginecologia-obstetrícia dos hospitais de Leiria e das Caldas da Rainha têm estado também vários dias fechadas em simultâneo. Aqui, a solução encontrada pela DE-SNS foi enviar grávidas de Leiria com partos programados para o Centro Materno-Infantil do Norte, no Porto, a 200 quilómetros, e para Coimbra, a quase 80 quilómetros. "A situação não está melhor do que nos anos anteriores. Até ao momento temos muita sorte por não ter havido complicações mais graves", avisa Nuno Clode, presidente da Sociedade Portuguesa de Obstetrícia e Medicina Materno-Fetal.

Quando tomou posse, há menos de dois meses, Gandra d'Almeida herdou o modelo de funcionamento em rede delineado por Fernando Araújo, desde o final de 2022 – o das urgências que fecham e abrem rotativamente, de forma alternada. Araújo queria ganhar tempo enquanto melhorava as condições das maternidades públicas e tentava cativar mais jovens especialistas para o SNS, evitando o fecho total, ainda que transitório, que acabaria por "se tornar definitivo", argumentava. Mas se a sua estratégia foi divulgar calendários trimestrais com os fechos rotativos, a nova ministra da Saúde, quando chegou, preferiu informar a população com um mapa interactivo que vai sendo actualizado dia a dia. Foi criada ainda a linha SNS Grávida (808 24 24 24).

A situação não está melhor do que nos anos anteriores. Até ao momento temos muita sorte por não ter havido complicações mais graves

Nuno Clode
Presidente da Sociedade Portuguesa de Obstetrícia e Medicina Materno-Fetal

Várias comissões

Como chegámos a esta situação? A "crise" das maternidades tem anos, apesar de se ter agravado e tornado mais visível nos últimos dois. Basta procurar nas notícias de há uma década, de Agosto de 2014, para encontrar declarações do então primeiro-ministro Pedro Passos Coelho, que se queixava de não conseguir fechar serviços. "Andamos quase há dois anos e não conseguimos encerrar [maternidades] porque há sempre expedientes administrativos e jurisdicionais que o impedem", lamentava.

Anos antes, o ex-ministro da Saúde António Correia de Campos fechara uma dezena de maternidades, entre 2006 e 2007, depois de recuperar e se basear nos estudos e as propostas de dois grupos de peritos.

Após a demissão de Correia de Campos, mais duas comissões de especialistas foram encarregadas de apresentar propostas para a elaboração de uma "carta hospitalar" nesta área. As duas entregaram, uma em

MANUEL ROBERTO

2012 e outra em 2016, propostas para a redefinição da rede de referenciação. Só que, mal foram colocadas em discussão pública, desencadearam polémica e foram engavetadas. Há dois anos, o pediatra e geneticista Jorge Saraiva, que coordenou a comissão de 2016, explicou ao PÚBLICO que o trabalho, depois de vergastado por "presidentes de câmara e deputados de círculo", não avançou.

A história ainda se repetiu. Em Junho de 2017, era então Adalberto Campos Fernandes ministro da Saúde do Governo PS, houve nova tentativa de redefinição da rede de referenciação nesta área. O Governo encarregou mais uma comissão deste trabalho, foi apresentada uma proposta técnica, mas a pandemia não permitiu a conclusão do processo.

Quando a nova ministra Marta Temido foi confrontada com os problemas – cruamente expostos depois de uma grávida ter perdido o bebé em Junho de 2022 no Hospital das Caldas da Rainha –, encarregou uma nova comissão de actualizar a rede de referenciação e de apresentar um plano de contingência. Não teve tempo de conhecer o resultado – a morte de uma grávida transferida do hospital de Santa Maria para o S. Francisco Xavier, em Agosto, levou-a a pedir a demissão.

Liderada por Diogo Ayres de Campos, do Hospital de Santa Maria, a comissão recolheu os dados de todos os serviços de ginecologia-obstetrícia públicos e entregou um relatório com várias propostas a Manuel Pizarro e Fernando Araújo, mas os problemas começaram quando foi divulgada, sem contextualização, apenas a mais impopular – a hipótese de concentração de seis blocos de partos, dois no Norte, dois no centro e dois em Lisboa e Vale do Tejo.

40%

Mais de 40% dos 1900 ginecologistas-obstetras inscritos na Ordem dos Médicos têm mais de 65 anos

O grupo sugeria outras medidas, como o encaminhamento de grande parte dos atendimentos nas urgências (porque estes serviços não fazem só partos) para os centros de saúde, o aumento das vagas para a especialidade, o alargamento do papel dos enfermeiros especialistas, a redução das equipas mínimas de médicos nas escalas. Esta última embateu, porém, na oposição da Ordem dos Médicos, que, agora, pela voz do bastonário Carlos Cortes, admitiu rever as regras de funcionamento.

Ainda assim, e apesar de sublinhar que "a maior parte das soluções de fundo ficaram no papel", Diogo Ayres de Campos lembra que algumas avançaram e concede que as maternidades públicas têm hoje melhores condições graças às obras aprovadas e financiadas por iniciativa de Fernando Araújo. Mas não se cansa de criticar o fecho rotativo de maternidades que, enfatiza, "não é uma solução aceitável num país europeu".

Médicos há muitos

Como se resolve esta crise? Os ginecologistas-obstetras inscritos na OM são muitos – cerca de 1900 –, mas mais de 40% têm acima de 65 anos. E com contrato activo no SNS, segundo a Administração Central do Sistema de Saúde, eram apenas 760 em Junho passado, tendo o número permanecido quase inalterado entre o final de 2019 e o final de 2023 (passou de 723 para 728). Além disso, uma percentagem elevada tem mais de 55 anos, o que os dispensa de fazer urgências.

Mesmo assim, muitos dos mais velhos "continuam a fazer urgência", assegura o director do serviço de ginecologia-obstetrícia do Hospital S. Francisco Xavier (Lisboa), Fernando Cirurgião, que sublinha, porém, que a maior parte dos serviços no país é obrigada recorrer aos tarefeiros para poder manter os serviços abertos 24 horas. Mas "o facto de se continuar a promover o trabalho à tarefa" faz com que alguns dos recém-especialistas prefiram "rescindir os contratos com o SNS e passar a prestadores de serviços, até porque podem constituir uma empresa, descontar despesas e, assim, pagar menos impostos", explica o médico, que integrou a comissão liderada por Ayres de Campos.

Outros jovens médicos optam por emigrar ou ir para o sector privado, onde, além de remunerações mais elevadas, têm horários flexíveis e menor responsabilidade.

Não será por acaso, aliás, que os problemas se concentram essencialmente na região de Lisboa, onde os três grandes hospitais privados têm visto crescer o número de partos, sobretudo desde os anos da pandemia. Para Nuno Clode, as carências actuais decorrem de "erros de problemas de planeamento e organização", mas tanto Diogo Ayres Campos como Fernando Cirurgião sustentam que, se não se aumentar a remuneração dos médicos, não se apostar nas carreiras e não se tornar o SNS mais atractivo, a situação não vai mudar.

Entretanto, já há outra comissão de especialistas a fazer um novo diagnóstico da situação. É liderada pelo pediatra Alberto Caldas Afonso, director do CMIN, que integrou a equipa que elaborou o plano de emergência do Governo. Caldas Afonso garantiu ao PÚBLICO que o levantamento inclui serviços "públicos e privados" e que estes últimos também serão "visitados".

Nascimentos

No SNS, metade dos partos são normais. Nos privados, são só 18%

Alexandra Campos

Como se nasce em Portugal? Basicamente nos hospitais que, segundo os últimos dados detalhados disponíveis, do Instituto Nacional de Estatística (INE), fizeram, em 2022, "82,8 mil partos" – e quase 80% foram realizados no Serviço Nacional de Saúde (SNS). Aqui, cerca de metade (50,2%) foi efectuada sem intervenção instrumental ou cirúrgica, nomeadamente cesariana. Já os hospitais privados efectuaram "14,7 mil partos", pouco mais de um sexto do total, e perto de 82% (cerca de 12 mil) implicaram a realização de cesariana ou o recurso a instrumentos de apoio como fórceps ou ventosas.

O PÚBLICO pediu à Direcção-Geral da Saúde (DGS) e à Entidade Reguladora da Saúde (ERS) – organismos a que todos os hospitais estão obrigados a prestar contas por portaria datada de 2016 e da autoria de Fernando Araújo, que era então secretário de Estado adjunto da Saúde – os números de 2023 dos blocos de parto, públicos e privados. A DGS remeteu para os dados dos hospitais do SNS que estão disponíveis no Portal da Transparência (têm apenas o número de partos e de cesarianas) e, quanto aos privados, mandou consultar as estatísticas do INE de 2022.

A ERS tem esses dados detalhados, mas são de 2021 e resultam de uma monitorização divulgada no ano passado. E estes dados de 61 instituições de saúde que fizeram 75.468 partos em 2021 em Portugal continental – entre públicas, privadas e do sector social – permitiram perceber que, nesse ano, três privadas realizaram 100% dos partos por cesariana, e outras usaram este método com quase todas as grávidas assistidas.

Nuno Clode explica que privados não são "alternativa"

Quanto aos dados recentes dos partos nos hospitais privados, sem um portal da transparência para este sector, ficamos dependentes dos números que os grupos de saúde decidem disponibilizar.

O PÚBLICO solicitou os números de 2023 de partos e de ginecologistas-obstetras que trabalham nos três grandes hospitais privados de Lisboa, onde os problemas das urgências se concentram. A Luz Saúde adiantou que, no ano passado, fez 3891 partos em Lisboa, enquanto os Lusíadas realizaram 3205 na capital e a Cuf Descobertas totalizou 3140.

Sobre o número de ginecologistas-obstetras, apenas os Lusíadas responderam, adiantando que na região da Grande Lisboa "colaboram mais de 130 médicos" desta especialidade "com diversos vínculos contratuais, quer em regime de dedicação completa, quer em regime de dedicação parcial".

Comparando com os números de 2021, os três grandes hospitais privados terão feito mais cerca de 900 partos do que dois anos antes, quando os nascimentos em Portugal ficaram, pela primeira vez, abaixo dos 80 mil.

Mas Nuno Clode, presidente da Sociedade Portuguesa de Obstetrícia e coordenador do serviço de ginecologia e obstetrícia do Hospital CUF de Torres Vedras, volta a defender que "os privados não têm capacidade para ser alternativa ao SNS", até porque estão "no limite", uma vez que "foram dimensionados para um determinado número de partos".

O ex-ministro da Saúde Manuel Pizarro até anunciou, por diversas vezes, a intenção de fechar maternidades privadas e do sector social sem condições para continuarem abertas. Mas para isso avançar era necessário definir regras para os licenciamentos. Uma fonte adiantou ao PÚBLICO que a portaria que permitiria concretizar esta intenção – obrigando a que as maternidades com menos de 700 partos por ano e taxas de cesarianas superiores a 50% fechassem portas, exceptuando as localizadas nos distritos do interior, como Bragança, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Beja – ficou na "pasta de transição" do Governo. Questionado sobre esta matéria, o gabinete da ministra da Saúde não respondeu.

Pouco “estratégico e estrutural”

Editorial

David Pontes

“Estratégico e estrutural.” Luís Montenegro repetiu insistentemente a expressão na parte do discurso que ficou esquecida em favor do anúncio no final de três medidas para o ensino, a mobilidade e os pensionistas.

O líder do PSD e primeiro-ministro quis passar a ideia de que os quatro meses de Governo correspondem a uma visão de “transformação estratégica e estrutural de Portugal” e que as decisões tomadas até agora não estão reféns do calendário da incerteza, marcado pelas dúvidas na aprovação do próximo Orçamento do Estado ou de possíveis eleições antecipadas.

Com a sua esquálida maioria, Montenegro ressentiu-se (e queixou-se) das críticas dos *media* e dos comentadores na gestão do dossier da Saúde, e quis mostrar-se senhor de um tempo maior, quando lhe exigem respostas no imediato. Não é fácil quando os exemplos são acordos remuneratórios com professores, polícias, oficiais de justiça ou guardas prisionais, como citou. Nem quando se refere uma maior liberalização do alojamento local ou uma linha telefónica para grávidas, que também não representam algo estratégico ou estrutural.

Sobraram a localização do aeroporto, as mudanças na imigração, medidas para os jovens e a vontade de prosseguir na baixa dos impostos. Mas, na maior parte das áreas mais decisivas, Montenegro não teve muito mais para lembrar do que os anúncios de intenções.

O pouco de “estratégico e estrutural” ficou reforçado com o carácter apagado das três novidades do discurso do Pontal. Ajuda na abertura de novos cursos de Medicina, quando o problema não é tanto da falta de médicos, mas a vontade de eles ingressarem no SNS e quando essa abertura não depende do Governo; um passe que já existia e que só fica mais barato, para viajar numa rede ferroviária curta e envelhecida a berrar por modernização, mas com um plano Ferrovia 2020 dramaticamente atrasado; e um apoio episódico a pensionistas, por um valor menor e a um número mais reduzido, do que o apoio dado pelo Governo socialista no ano passado.

Nada que consiga dissipar a ideia do anúncio fácil, de um corrupio de decisões que vão enchendo o próximo orçamento de medidas populares, para comprometer o PS a deixá-lo passar, mas que podem elas sim representar uma ameaça estrutural e pouco estratégica para as contas do Estado. Sem uma palavra no Pontal para possíveis negociações, Montenegro não pode deixar de saber que é aí que se verá se o Governo ganha forma e tempo para ser “estratégico e estrutural”.

> **O pouco de ‘estratégico e estrutural’ deste Governo ficou reforçado com o carácter apagado das três novidades do discurso do Pontal**

CARTAS AO DIRECTOR

público
Autarcas do PSD preocupados com crise “inaceitável” nas urgências
QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

EUA, uma no cravo outra na ferradura

Os Estados Unidos da América têm tido um comportamento muito incoerente relativamente às chacinas efectuadas por Israel.

Se por um lado criticam por vezes as actuações de Netanyahu, não deixam, ao mesmo tempo, de continuar a fornecer milhares de armas a esse mesmo país, mesmo sabendo a forma bruta e incompreensível como as tropas israelitas têm actuado na Faixa de Gaza, onde matam indiscriminadamente milhares de palestinianos.

Se por um lado os EUA parecem querer um acordo de cessar-fogo, por outro não deixam de armar Israel para que Netanyahu, se quiser, continue a aniquilar o povo palestiniano. Incoerência total.

Manuel Morato Gomes
Senhora da Hora

Nos 50 anos do PSD

No discurso comemorativo dos 50 anos do PPD/PSD, Luís Montenegro foi fiel ao Pontal mas apenas citou os legados de Sá Carneiro e Cavaco Silva não elevando a governação de Passos Coelho durante a intervenção do terceiro resgate financeiro do Fundo Monetário Internacional.

Pedro Passos Coelho é dos poucos quadros do Partido Social Democrata que não está a contas com a Justiça.

Poucos saberão a história das setas na bandeira social-democrata. Não foi fácil soltar as amarras quando soprava o vento do marxismo após a formação do PPD. A generalidade dos jovens desconhece os degraus de formação do partido que mesmo fazendo acordos com os oficiais de justiça, os polícias, os professores e os guardas prisionais perdeu as europeias para o PS.

Sinalizando as diferenças, Churchill perdeu as legislativas inglesas após a II Guerra Mundial.

Ademar Costa
Póvoa de Varzim

A Festa do Pontal

A tradicional Festa do Pontal voltou ao Calçadão de Quarteira, agora, com o Dr. Luís Montenegro, na posição muito desejada de primeiro-ministro. (...) Em anos anteriores, quando era oposição ao Governo de então, o discurso de mal dizer era mais fácil. Tudo estava mal, não havia ponta por onde pegar.

(...) Com toda a certeza que a sua vidinha à frente deste Governo não tem sido nada brilhante. No entanto, ser Governo não é nada fácil. Não me vou alongar em grandes considerações. Somente debruçar-me sobre a grave crise que tem sido as urgências nos hospitais.

Já tem um grande “dilema” para resolver.

Mário Jesus
Odivelas

> **Se por um lado os EUA parecem querer um acordo de cessar-fogo, por outro não deixam de armar Israel para que Netanyahu, se quiser, continue a aniquilar o povo palestiniano. Incoerência total**
>
> **Manuel Morato Gomes**
> Senhora da Hora

Montenegro, Venezuela e Palestina

Que influência tem no mundo o facto de Luís Montenegro reconhecer a fraude nas eleições venezuelanas? O que muda ou deixa de mudar se Montenegro reconhecer o Estado da Palestina? Supostamente, nada.

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM OSSÓW

PRZEMYSLAW PIATKOWSKI POLAND OUT/EPA

Encenação da Batalha de Varsóvia, ontem realizada na vila de Ossów, parte das comemorações do 104.º aniversário da luta travada entre as tropas da Polónia e da União Soviética entre 12 e 25 de Agosto de 1920

Independentemente do que possa ter acontecido na Venezuela nestas eleições, há 400.000 portugueses que vivem e trabalham lá e um ditador como Maduro pode fazer-lhes a vida num tormento. É espantoso, este tempo todo, o mundo ter-se esquecido da Venezuela para agora ressurgir a Venezuela. É como Cuba.

Quanto ao Estado da Palestina, evidentemente que deve existir e há muito, mas neste momento há que resolver a guerra. E, de qualquer forma, o reconhecimento de Luís Montenegro não aquece nem arrefece.

Augusto Küttner de Magalhães
Outeiro (Gerês)

Urgências em crise? Não

Abrimos os jornais e as televisões e temos a ideia de que estamos, no que à saúde diz respeito, totalmente desprotegidos. Ora isto não corresponde totalmente à verdade.

No que diz respeito às grávidas, sim: o sistema não está totalmente a responder às suas necessidades e passam-se casos gravíssimos no seu atendimento ou na falta deste. Mas, daí partirmos para a ideia de que o SNS está em falência, é falso.

Estou de férias em Espinho e já, infelizmente, tive de recorrer ao SNS. A primeira vez por uma perturbação gastrointestinal. Era domingo, dirigi-me ao Centro de Saúde e nem passados 20 minutos estava a ser medicado por um médico.

O outro foi na passada segunda-feira. Levantei-me da cama e tudo começou a girar vertiginosamente à minha volta. Acabei caído no chão. Recorri à Linha Saúde24 e foi-me marcada a urgência no Hospital Santos Silva. Fui para a triagem, indicaram-me um médico, este por sua vez depois de exames ligeiros constatou que o indicado era ser visto por um otorrino, para onde fui conduzido. Passados 45 minutos desde a chegada ao hospital estava a ser tratado com medicação intravenosa.

Urgências em crise? Tirando as de obstetrícia parece-me que não.

Jorge Magalhães,
Santa Maria da Feira

ESCRITO NA PEDRA

No adultério, há pelo menos três pessoas que se enganam
Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), poeta brasileiro

O NÚMERO

10

meses é o tempo que dura o conflito entre Israel e o Hamas, vitimando 40 mil palestinianos

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro

publico.pt

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • assinaturas@publico.pt

Espaço público

Programa Acessibilidade 360: PRR para a inclusão de pessoas com deficiência

Ana Sofia Antunes

A promoção da acessibilidade e a eliminação de barreiras arquitetónicas são o elemento central na inclusão das pessoas com deficiência, permitindo-lhes construir uma verdadeira vida independente, com autonomia e autodeterminação, inseridos nas suas comunidades, com acesso à educação, emprego, saúde, justiça, lazer...

Subsistindo barreiras arquitetónicas nos edifícios e espaços públicos, e também em habitações de pessoas com deficiência, que se veem privadas do livre acesso e uso das mesmas, o Governo do Partido Socialista decidiu, de forma inédita na utilização de fundos comunitários, destinar uma parcela das verbas do PRR à promoção da acessibilidade nestes três domínios (Programa Acessibilidades 360). Foram assim contratadas com Bruxelas as metas de intervir em 1500 edifícios públicos, 1000 habitações e em 200.000 m2 de espaço público.

De acordo com os dados mais recentes de que dispomos, relativos a junho, era este o estado de execução do programa:

– Programa de Intervenção em Vias Públicas (PIVP): 54 candidaturas aprovadas; 43 contratualizadas com municípios; 40 com pagamento. Dos 200.000 m2 da meta contratualizada, 164.000 m2 encontravam-se já aprovados para intervenção.

– Programa de Intervenção em Edifícios Públicos: 441 candidaturas aprovadas; 230 contratualizadas; 194 com pagamento.

– Programa de Intervenção em Habitações: 404 candidaturas aprovadas; 308 contratualizadas com municípios; 289 com pagamento.

Creio ser unânime a vontade de que este programa se encontrasse já em fase mais adiantada de execução. Contudo, sabíamos, desde o início, que os obstáculos existiriam: lançar uma linha de fundos totalmente nova, com procedimentos a definir do zero; criar de raiz uma equipa técnica de acessibilidades com competências em matéria de fundos; mobilizar entidades para se candidatarem a financiamentos para acessibilidades, algo disponível pela primeira vez.

Foi feito um caminho sério para podermos implementar com celeridade este programa. Nos novos avisos que foram sendo lançados, foi possível, em articulação com as entidades coordenadoras, flexibilizar procedimentos e simplificar a tomada de decisão. O número de obras em curso, com pagamentos efetuados, é considerável, encontrando-se parte delas já concluídas, aguardando o último pagamento para encerramento de contas.

Creio ser unânime a vontade de que este programa se encontrasse já em fase mais adiantada de execução

Para o futuro, com vista ao aproveitamento pleno desta oportunidade, será necessário:

– Reforçar a dotação do PIVP, garantindo que as candidaturas já aprovadas não fiquem pendentes da assinatura dos contratos de candidaturas anteriores para poderem avançar;

– Criar equipas de acompanhamento permanente dos municípios e demais entidades públicas executantes, para que todos os procedimentos inerentes às candidaturas e respetiva execução possam decorrer com celeridade;

– Trabalhar com os municípios para que apresentem candidaturas a várias intervenções conjuntas e lancem empreitadas conjuntas para as diferentes obras a que se candidataram, para que estas ganhem dimensão e se possam tornar atrativas para as empresas de construção, na pressuposição de que o programa deverá estar totalmente implementado a 31 de dezembro de 2025.

Deputada do PS, ex-secretária de Estado da Inclusão das Pessoas com Deficiência

Saúde em Portugal: da ilusão da mudança à realidade da crise permanente

Pedro Lourenço

Há pouco mais de meio ano, escrevi uma carta aberta ao então ministro da Saúde, Manuel Pizarro, sobre os graves problemas que afectavam o sistema de saúde em Portugal, com destaque para a crise nas urgências e a falta de recursos nos hospitais. Infelizmente, apesar das promessas eleitorais e da recente mudança de Governo, a situação continua alarmante e com pouco ou nenhum progresso visível. A chegada de Ana Paula Martins ao Ministério da Saúde trouxe a esperança de uma nova abordagem, mas a realidade parece resistir a qualquer tentativa de mudança.

Quando o Governo atual assumiu funções, a promessa de uma reforma significativa no Serviço Nacional de Saúde (SNS) foi central na campanha. Ana Paula Martins, conhecida pela sua competência técnica, foi vista como a pessoa certa para implementar essas reformas. No entanto, os primeiros meses do seu mandato mostram que, apesar das boas intenções, o sistema permanece inflexível. As dificuldades em fazer diferente, mesmo com uma liderança experiente, revelam que o problema não está apenas nas pessoas, mas num sistema que parece não permitir mudanças eficazes.

O cenário nas urgências hospitalares, um dos principais focos da carta aberta enviada, permanece crítico. O setor da saúde continua a receber um número crescente de reclamações dos utentes, com mais de 2500 queixas registadas, só este ano. Entre as especialidades mais afetadas, a obstetrícia é líder, o que sublinha a gravidade da situação nos cuidados às grávidas e recém-nascidos. Relatos como o de Sara Martins, no Portal da Queixa, que foi recusada numa urgência em Leiria, são exemplos concretos de como a crise se perpetua.

As razões para as queixas mantêm-se inalteradas: demoras inaceitáveis no atendimento, que frequentemente ultrapassam as 12 horas; mau atendimento por parte dos profissionais de saúde; e uma falta crónica de informação clara e precisa para os utentes. Esses problemas, já destacados anteriormente, continuam a gerar frustração e sofrimento, sem que as soluções prometidas pareçam estar a caminho.

O país continua a gritar por socorro na área da saúde. A promessa de mudança com a nova liderança parece estar a dissipar-se

Por sua vez, Ana Paula Martins, que apesar de toda a sua experiência e conhecimento, enfrenta a dura realidade de um sistema de saúde onde as mudanças prometidas esbarram numa estrutura inflexível e num Serviço Nacional de Saúde que resiste à modernização. As expectativas eram elevadas, mas a incapacidade de implementar reformas rápidas e eficazes coloca em risco a confiança que a nova ministra poderia ter conquistado.

Conclui-se, portanto, que Portugal continua a gritar por socorro na área da saúde. A promessa de mudança que acompanhou a chegada da nova liderança parece estar a dissipar-se, confrontada com a realidade de um sistema que não se permite mudar.

Enquanto o Governo não consegue encontrar uma forma de superar estas barreiras, o futuro da saúde em Portugal permanece sombrio, com os cidadãos a pagar o preço pela sua inércia.

Fundador do Portal da Queixa

Medicamentos para a obesidade — uma solução que também é um problema que engorda

Pedro Laires

"Às vezes encontramos o que não procuramos", a frase é atribuída a Alexander Fleming, que encontrou de forma acidental a penicilina, o maior avanço de sempre no tratamento das doenças infeciosas. O Viagra, que dispensa apresentações, foi também descoberto enquanto se procurava uma utilização menos lúdica na área cardiovascular. Os dinamarqueses, ao investigarem na área da diabetes, encontraram o maior avanço na história do tratamento da obesidade. E se a história do erro e do acaso transformado em sucesso é cativante, o seu revés não deve ser desatendido.

Há um problema em torno dos medicamentos aprovados para o tratamento da obesidade associada à diabetes — os agonistas da GLP-1. Não é novo, tem sido por diversas vezes abordado na comunicação social, e adensa-se. Desde a rutura de stock (que se estenderá, segundo o Infarmed, até pelo menos o próximo ano), desfalcando aqueles que mais precisam, à elevada despesa pública associada ao seu financiamento (o SNS gastou 37 milhões de euros em 2023 com um destes fármacos, o Ozempic, um aumento de 38% face ao ano anterior e a tendência é continuar a crescer).

É manifesta a utilização *off label*, isto é, a utilização fora da indicação aprovada no tratamento da diabetes mellitus tipo 2 com índice de massa corporal (IMC) igual ou superior a 35 kg/m2 (de notar que mais de metade dos portugueses não sabe sequer qual é o valor normal de IMC). Em Portugal, desconhecemos o *peso* deste *off label* - como é nosso costume, não o medimos. Independentemente de ser *off label* ou não, quem possuir uma prescrição destes medicamentos paga um décimo do seu preço, enquanto todos os outros pagam o resto. Este elevado e incomum nível de comparticipação pelo Estado é de resto possível apenas porque o tratamento incide na diabetes, que usufrui, e bem, de uma comparticipação mais generosa do que a generalidade das demais terapêuticas disponibilizadas em farmácias comunitárias. Também por isto o escrutínio sobre quem exatamente recebe estes tratamentos deve ser maior.

Claro que a justificação *de facto* do seu uso oscila, pelo que o *off label* distanciar-se-á das razões estritamente clínicas. Em Portugal, as escolhas passadas pelo Estado são muito claras no que diz respeito ao financiamento de medicamentos com indicações, digamos, menos clínicas. Um exemplo disso é a ausência de qualquer comparticipação pelo Estado de medicamentos como o Viagra ou o Propecia, cuja indicação na alopecia foi também encontrada onde não se procurava.

O Estado, como é esperado, tem de fazer escolhas, designadamente onde distribuir os recursos no tratamento das doenças que nos afligem. A despesa associada ao *off label* destes produtos tem, pois, uma repercussão nas escolhas alternativas. Por isso, uma pergunta que se impõe é: que outras patologias ficam à míngua enquanto se acorre à perda de peso, em modo *off label*, em Portugal?

É inegável que a obesidade é um problema de saúde pública muito significativo. A tal epidemia do século XXI. Segundo a OMS, a sua prevalência duplicou desde 1990 e atinge uma em cada oito pessoas. Portugal está em linha com a média da OCDE, com mais de metade da população obesa ou com excesso de peso. Trata-se de um reconhecido fator de risco de inúmeras doenças, em particular das cardiovasculares (maior causa de morte em Portugal). Em 2019, estimou-se a nível mundial 5 milhões de mortes atribuíveis ao excesso de IMC. O excesso de peso e a obesidade não é, portanto, algo que se deseje ignorar, pelo que estes medicamentos são sem qualquer sombra de dúvida uma bênção. Mas uma que deve ser tomada com peso e medida.

O financiamento destes medicamentos não pode repousar no livre-arbítrio, não pode ser deixado à mercê apenas de quem os prescreve e os toma. É antes uma empreitada coletiva. Uma que diz respeito a todos nós, que temos de encontrar os mecanismos para acautelar a despesa pública estritamente necessária alocada a estes fármacos e procurar encontrar um equilíbrio justo no seu acesso a quem mais carece. Isto é fácil de proclamar, muito complexo de implementar.

Nesta senda, o Infarmed emitiu recentemente uma circular informativa onde consta uma série de medidas implementadas, sendo uma delas um alerta na plataforma de Prescrição Eletrónica de Medicamentos para que os médicos prescritores confirmem que o doente cumpre efetivamente os critérios de financiamento destes medicamentos. É um pequeno esforço, fácil, mas meritório, que assenta em duas premissas um tanto questionáveis: a primeira, de que efetivamente há médicos a prescrever fora da indicação aprovada; e, a segunda, de que esses mesmos médicos corrigirão a sua prática com um singelo alerta informático. Aliás, veio a público a notícia de que o Infarmed pedia aos médicos que receitassem "em consciência". Ora, isto assume implicitamente a existência de médicos que não receitam "em consciência" e, simultaneamente, espera-se que o passem a fazer ante um género de lembrete-raspanete informático. Provavelmente, será insuficiente.

Com uma fatura anual que não se sacia, talvez valesse a pena investir na monitorização da utilização destes medicamentos e do seu desempenho

Infelizmente, ao que parece, nenhuma das medidas do Infarmed visou conhecer realmente a dimensão do problema, nomeadamente sobre o tal peso do *off label*, tampouco a monitorização da prescrição, da utilização e dos resultados obtidos com estes medicamentos. Há muito que se fala em Portugal sobre a lacuna deste tipo de evidência, a falta de bons e completos registos clínicos na maioria das áreas terapêuticas, que recolham e cruzem informação essencial clínica e terapêutica. Aqui temos uma excelente oportunidade de fazer diferente.

Para além de medicamentos, pudéssemos nós também importar as boas ideias. Olhando novamente para o que os dinamarqueses fazem, eles foram capazes de encontrar o que procuravam e assim estimar a quantidade de *off label* associado ao Ozempic. Um terço dos utilizadores não tinha qualquer diagnóstico prévio de diabetes. Que números temos nós para Portugal? Um terço de *off label*? Dois terços? Se tiver um terço, por exemplo (lá está, não se sabe), significa, em contas grosseiras, que, só no ano passado, o Estado gastou onde não devia mais de 10 milhões de euros.

Na Dinamarca, estas contas são possíveis porque existem os tais registos que permitem realmente medir o que está a acontecer em termos de prática clínica e os respetivos resultados em saúde. Estes registos servem a todos. Um género de panaceia sem "efeitos adversos". Útil para o Estado, que pode perceber melhor o resultado do seu investimento, útil para a indústria farmacêutica porque passa a ter resultados de "mundo real", nomeadamente sobre a efetividade e segurança dos seus medicamentos, e, em última instância, beneficia os médicos, munindo-os de mais evidência para melhor decidir, bem como os seus doentes, que usufruem dessas decisões mais bem fundamentadas.

Apesar de parecer quase demasiado bom para ser verdade, do nosso lado, a inércia persiste, pelo que estamos muito aquém deste cenário e parece que nos saciamos facilmente com alertas informáticos, na expectativa de que o problema se resolva por si mesmo. Numa fatura anual que não se sacia, talvez valesse a pena investir numa melhor monitorização da utilização destes medicamentos, assim como do seu desempenho. Até para antecipar potenciais futuras indicações aprovadas, como, por exemplo, na obesidade não associada à diabetes e no tratamento dos vícios do álcool e do tabaco, que, a acontecerem, terão consequências muito significativas na despesa pública em saúde.

Se calhar, neste caso e para variar, poderíamos tentar encontrar o que procuramos. É que só às vezes encontramos o que não procuramos.

DANIEL ROCHA

Docente e epidemiologista na Escola Nacional de Saúde Pública da U. Nova

Sem medidas estratégicas, apontou ao centro: como partidos e politólogos leram Montenegro

As três medidas anunciadas na Festa do Pontal deixaram no ar um cheiro a eleições. A escolha das propostas encosta o PS à parede e fala ao centro em vésperas de Orçamento

Liliana Borges

Um Governo em clima de festa e em "estado de negação" sobre a situação do país, em particular no sector da saúde. Foi com expectáveis críticas que os partidos da oposição receberam os anúncios feitos pelo primeiro-ministro e líder do PSD na *rentrée* política laranja, que decorreu esta quarta-feira em Quarteira. Com Luís Montenegro a piscar o olho a pensionistas e a puxar pela ferrovia – anteriormente na tutela de Pedro Nuno Santos –, o líder do PS tenta agarrar o eleitorado e faz a sua leitura, convencido de que a Festa do Pontal sinalizou a vontade do Governo de ter eleições antecipadas e serviu para dramatizar a dança que antecede a negociação do Orçamento.

Com a bitola "apontada ao centro", Montenegro fez "um discurso um pouco redondo" e recuado face ao que é tradicional nas *rentrées* políticas, avalia Gonçalo Ribeiro Telles, consultor de comunicação e analista político. "Não fazia sentido ser muito incisivo nesta altura, a dois meses cruciais da negociação do Orçamento do Estado", explica. Para Gonçalo Ribeiro Telles, Montenegro "foi inteligente ao não mencionar o Orçamento do Estado", até porque as medidas que apresentou "são tudo menos neutras" e falam ao eleitorado do PS – "e até vão buscar medidas ao PS". "O discurso é eleitoralista. É muito interessante para o centro. A Aliança Democrática e o primeiro-ministro estão a jogar com todos os cenários", avalia. Ainda assim, se o tom de Montenegro "foi certo", a "mentira sobre o SNS estar melhor do que há um ano" acabou por borrar a noite no Pontal.

"Foi um momento mais populista. O PSD sabe que os problemas do SNS não nasceram hoje e vêm de trás. Mas também sabe que, no passado mais recente, o SNS tem sido carregado como nunca foi, e é uma realidade europeia", notou o analista político.

A margem de uma visita à Feira Medieval de Silves, também Pedro Nuno Santos desvalorizou a proposta do Governo para o aumento do número de vagas para os cursos de Medicina – "são medidas que irão demorar dez ou 15 anos a ter efeito" – e olhou para o aumento extraordinário para as pensões mais baixas como sinal de que o Governo "deseja" eleições.

"Não chateiem o PS"

Recusando falar sobre o OE e demonstrando desconforto com a "pressão" que o PS está a receber para viabilizar o documento – esta quarta-feira, na Festa do Pontal, o presidente da Assembleia da República voltou a apelar à bancada socialista –, Pedro Nuno Santos lembrou

3

Os anúncios de Montenegro a partir de Quarteira: um sobre saúde, outro sobre mobilidade e o terceiro relativo a pensões

que os socialistas estão na oposição e, já num tom extenuado perante a insistência dos jornalistas, pediu: "Não chateiem o PS." Se houve uma viragem à direita, "então a direita que resolva", completou.

Mas à direita as críticas também não foram mais leves (com excepção do CDS, parceiro da coligação que forma Governo). Pelo Chega, Patrícia Carvalho considerou que o discurso no Pontal foi "muito pouco ambicioso". A deputada estranhou a ausência do Orçamento do Estado no discurso do primeiro-ministro, acusando-o de viver "um pouco alheado da realidade".

Pela IL, a líder parlamentar rejeitou a ideia defendida por Montenegro de que a saúde está melhor, uma "afirmação manifestamente errada" e lamentou que não existam medidas concretas.

Embora o discurso de Luís Montenegro tenha arrancado a defender reformas "estratégicas e estruturais" para o país, as medidas com que encerrou a sua intervenção "não coincidem" com essa ambição, considera o politólogo Bruno Ferreira Costa, em conversa telefónica com o PÚBLICO. "Nenhuma das três medidas escolhidas é estratégica ou estrutural do ponto de vista destes sectores", avalia.

Por outro lado, ao anunciar a tentativa de criar mais vagas para os cursos de Medicina, Montenegro tenta ganhar "alguma folga" temporal, nota Bruno Ferreira Costa. Porém, pelo meio, deu um tropeção, ao cometer o "auto-elogio" de afirmar que a situação actual no SNS "é muito melhor do que era no ano passado". Mas a narrativa não convence. Nem os profissionais do sector, nem os partidos, nem os politólogos, nem sequer alguns autarcas sociais-democratas – o que, explica Bruno Ferreira Costa, está relacionado com este ser um ano "muito focado nas autárquicas" e muitos não quererem "ser penalizados nas suas eleições por uma posição do Governo".

Do lado dos partidos de esquerda, o líder parlamentar do BE viu um primeiro-ministro "deslumbrado por si próprio" enquanto se atravessa "um dos piores verões do SNS" por falta de "diálogo, estratégia e planeamento". Para Fabian Figueiredo, o Governo optou pelo "caos". Apesar dos esforços de "*spin*", continuou, "não houve nenhuma medida estrutural".

Também o deputado do Livre Jorge Pinto criticou os "grandes anúncios e muita pompa", que não se traduzem em respostas "concretas". E juntou a sua voz ao eco de partidos que consideram ser "inegável que o sector da saúde está muito pior hoje do que estava quando o Governo tomou posse".

Procurando alargar o círculo de críticas que neste momento estão mais centradas na ministra da Saúde e com a sua própria demissão do Ministério das Infra-Estruturas no currículo governativo, Pedro Nuno Santos lamentou que se tenha "o hábito de proteger o primeiro-ministro, responsabilizando o ministro", quando "a ministra da Saúde não interrompeu algumas das mudanças em curso sem o apoio do primeiro-ministro". "O Governo falhou", atirou a Montenegro.

Para o politólogo Bruno Ferreira Costa, o desconforto do PS é compreensível. "Estas três medidas empurram o PS contra a parede. O PS pode criticar as opções, mas não

Luís Montenegro discursou pela primeira vez no Pontal na qualidade de primeiro-ministro

> **O discurso é muito interessante para o centro**
>
> **Gonçalo Ribeiro Telles**
> Politólogo

> **Estas três medidas empurram o PS contra a parede**
>
> **Bruno Ferreira Costa**
> Politólogo

LUÍS FORRA/LUSA

será contra a abertura de mais vagas para Medicina, nem contra o alargamento do passe ferroviário nacional ou o aumento extraordinário de pensões em Outubro", sinaliza. "Já fez medidas similares em momentos distintos", notou o investigador.

Consciente de que o PSD está a seduzir o seu eleitorado, Pedro Nuno Santos assistiu a Montenegro a dedicar a sua primeira parte do discurso à "paz social", com uma palavra aos funcionários públicos e recordando todos os progressos feitos com os acordos que têm sido fechados com professores, forças de segurança, oficiais de justiça e alguns sindicatos de profissionais de saúde.

"Se for necessário ir a eleições, o Governo tem um conjunto de medidas preparadas para disputar esse eleitorado, o que coloca o PS a jogar na defensiva. Não foi por acaso que essas foram as medidas apresentadas", resume Bruno Ferreira Costa. **com Lusa**

O que se sabe sobre o passe ferroviário

Pacote de mobilidade anunciado na Festa do Pontal incluirá a "criação" de um passe ferroviário nacional verde alargado a todos os comboios, com excepção do Alfa Pendular. A medida não é inédita e estava parcialmente inscrita no orçamento em vigor, mas nunca foi executada. O que muda com o novo modelo?

O passe ferroviário nacional é uma medida nova?
Não, foi criado por proposta do Livre, tendo integrado o OE para 2023. Porém, nessa primeira versão, o passe ferroviário de 49 euros abrangia apenas as viagens dos comboios regionais. A proposta foi entretanto sofrendo alterações para abranger mais rotas.

Qual é o modelo em vigor?
Embora o alargamento tenha sido aprovado no anterior OE, a sua aplicação nunca foi executada. Ou seja, neste momento, na prática, o passe continua a aplicar-se apenas aos comboios regionais.

Então o que vai mudar?
Desde logo, a abrangência. Embora não sejam para já conhecidos detalhes, o passe deverá ser alargado a todos os comboios e rotas, com excepção do Alfa Pendular. E isto já é mais um passo do que aquele dado pelo anterior executivo, que embora tivesse anunciado o alargamento a todos os comboios, algumas rotas de comboios intercidades estavam excluídas (Lisboa-Porto, Lisboa-Faro ou Lisboa-Évora).

Quanto custará?
Essa é outra diferença. O passe equivalente tem um custo mensal de 49 euros, mas o Governo anunciou que descerá para 20 euros.

Quando entrará em vigor?
Numa resposta enviada ao PÚBLICO pelo gabinete do ministro das Infra-Estruturas e da Habitação, Miguel Pinto Luz, o Governo responde apenas que "esta medida vai ser apresentada em pormenor em breve, no âmbito do pacote da mobilidade". A data para entrada em vigor não é clara.

Quantas pessoas usufruíram da modalidade em vigor?
Em 2023, foram 13 mil pessoas. O número residual de utilizadores pode ser explicado por continuar limitado aos transportes regionais. **L.B.**

Pensões

Associações de reformados: apoio extra de 100 a 200 euros é "penso rápido"

Raquel Martins

Associações defendem que o dinheiro deste suplemento devia ser canalizado para aumentos permanentes das pensões

As associações de reformados consideram que o pagamento de um suplemento entre os 100 e os 200 euros aos pensionistas que recebem até 1527,78 euros mensais é um "paliativo" e um "penso rápido" que não resolve o problema das pensões baixas. Em alternativa, o Governo devia dar um aumento estrutural e que permanecesse no tempo, defendem.

Na quarta-feira à noite, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, anunciou o pagamento, no mês de Outubro, de um suplemento extraordinário entre os 100 e os 200 euros aos pensionistas. Quem tem pensões até 509,26 euros (o valor do Indexante dos Apoios Sociais, ou IAS) receberá um apoio de 200 euros; entre 509,27 e 1018,52 euros o complemento será de 150 euros; e as pensões até 1527,78 euros (três vezes o IAS) recebem um extra de 100 euros.

Os pormenores e o custo da medida ainda não se conhecem. O Governo não respondeu às questões do PÚBLICO e, neste momento, apenas se sabe que se trata de uma medida extraordinária e conjuntural, uma vez que o suplemento será pago apenas no mês de Outubro e não se repetirá nos meses seguintes.

"Qualquer medida que ajude os mais de 1,5 milhões de pessoas que têm pensões inferiores ao salário mínimo é bem-vinda. Mas é um remendo, porque não é uma medida estrutural, trata-se de um suplemento que é pago num mês e que no mês seguinte desaparece", critica Maria do Rosário Gama, presidente da Associação de Aposentados, Pensionistas e Reformados (Apre).

"Não concordamos com estas medidas pontuais, faria mais sentido dar um aumento estrutural às pensões", desafia, notando que o suplemento de 200 euros corresponde a um valor mensal de 16,6 euros que deveria ser incorporado no valor das pensões mais baixas.

Maria do Rosário Gama lembra que em 2022, quando o Governo do PS decidiu dar um suplemento aos pensionistas para responder à inflação galopante, o valor correspondeu a meia pensão. "Quem tem uma pensão de 600 euros recebeu 300 e agora vai receber 150 euros", sublinha.

Também Isabel Gomes, presidente da Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos (Murpi), considera que o suplemento anunciado é um "penso rápido" e preferia que o Governo decidisse dar um "aumento efectivo" a todos os pensionistas. "Já que há dinheiro disponível, ele devia ser utilizado para repor o poder de compra das pensões e não para dar uma esmola aos pensionistas. O que se pretende é um aumento efectivo das pensões", defendeu.

Quando anunciou o suplemento, Montenegro reconheceu que a vontade do Governo era que "estes valores pudessem corresponder a um aumento das pensões de forma permanente para os próximos anos" e justificou a decisão com as condições existentes neste momento.

"No próximo ano, se tivermos uma situação financeira igual, ou melhor, tomaremos [decisões] de acordo com essa disponibilidade, e vamos fazer assim, acompanhando o aumento legal das pensões, com uma gestão equilibrada das contas públicas", sublinhou.

Montenegro garantiu assim que, em 2025, será aplicado o mecanismo automático de actualização das pensões. Contudo, como alerta Maria do Rosário Gama, os aumentos serão "bastante inferiores" aos dos últimos anos, uma vez que se tem assistido a um abrandamento da inflação e do crescimento da economia.

A comissão responsável pelo Livro Verde da Segurança Social propôs ao Governo uma alteração do mecanismo de actualização, para garantir que todas as pensões têm aumentos iguais à inflação do ano anterior (sem habitação). No caso das pensões mais baixas, os peritos defendem que elas devem continuar a ter um aumento acima da inflação e propõem aumentos intercalares sempre que a inflação supere os 5%.

Saúde

Bastonário pede medidas concretas para atrair médicos para o SNS

Ana Cristina Pereira

Intenção do Governo corre o risco de servir só para enviar "mais médicos para o privado e a emigração", diz Carlos Cortes

O bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes, está convencido de que Portugal não precisa de abrir mais faculdades de Medicina. O que o país precisa mesmo é de um Serviço Nacional de Saúde (SNS) capaz de atrair e de reter mais médicos.

"Vamos fazer tudo para preencher este mapa com medicina em Trás-os-Montes e Évora", discursou Luís Montenegro, no papel de presidente do Partido Social Democrata, na Festa do Pontal, na Quarteira, na quarta-feira: "Com isso vamos formar mais médicos, vamos fazer mais escolas de medicina em hospitais e vamos espalhá-los pelo território."

O bastonário teve de se desdobrar ontem para falar com os vários órgãos de comunicação social sobre aquelas palavras. Foi ouvi-las. Vê nelas um sinal de "reconhecimento de que o SNS está a atravessar um momento difícil e que há que ultrapassá-lo". E saúda o primeiro-ministro por isso. Quanto às soluções apontadas, a conversa é outra.

"Temos de afastar os populismos desta matéria, senão não vamos resolver os problemas do SNS", avisa, numa conversa telefónica. "Portugal não tem falta de médicos. O SNS tem falta de médicos. O facto de se abrir mais faculdades no país não vai resolver esse problema."

O bastonário pede que "se pare de uma vez por todas de ligar directamente o número de estudantes de Medicina ao número de especialistas no SNS". "Nos últimos 25 anos, foram criadas sete faculdades de medicina em Portugal. O número de vagas passou de 500 a 600 para perto de 1700."

Carlos Cortes cita um relatório recente da Direcção Geral do Ensino Superior para sustentar que o país precisa apenas "de 15 a 30 vagas suplementares". "Isso seria acumulável nas faculdades existentes – daria mais dois ou três alunos por curso. Mas este ano abre Medicina em Aveiro. São 40 vagas, que depois se vão transformar em 80, em 120."

Aos estudantes que concluem Medicina em Portugal juntam-se centenas de outros que fizeram a sua formação no estrangeiro. Todos os anos, entram no internato médico quase dois mil. No ano passado, ficaram 406 vagas por preencher. Há dois anos tinham sido 178. Há três, 74. Explica Carlos Cortes que nem todos os licenciados estão interessados em ocupar as vagas abertas para a formação de especialidade. E que muitos dos que cumprem essa etapa não estão interessados no SNS.

Nem o envelhecimento da classe médica o leva a rever a posição, temendo pelo futuro. Julga que, mais do que o número actual, importa atender à evolução. "Há um número significativo de médicos que se estão a reformar (1200 a 1300 por ano até 2027), mas depois isso desce drasticamente."

O que Carlos Cortes vê é que na Ordem estão inscritos 61 mil médicos. O país tem médicos suficientes, mas o SNS conta com pouco mais de 20 mil especialistas e com pouco mais de 10 mil em formação. "Há uma comprovada falta de capacidade de atrair médicos, que se agrava de ano para ano."

Refere outras medidas relacionadas com remuneração, progressão na carreira, formação, condições de trabalho. "O SNS está algo ultrapassado na maneira de funcionar." Por exemplo, as gerações mais novas hoje estão mais interessadas em conciliar a vida profissional com a vida pessoal e familiar. "Ter horários mais flexíveis poderia ajudar. Como tem o sector privado."

[Montenegro] Fez um conjunto de afirmações que não juntam as pessoas; temo que, pelo contrário, possam dividi-las

Carlos Cortes
Bastonário da Ordem dos Médicos

Não é o único reparo. "Também gostaria de ter ouvido um discurso mais conciliador, um discurso capaz de congregar pessoas à volta deste desígnio que é salvar o SNS. O primeiro-ministro fez um conjunto de afirmações que não juntam as pessoas; temo que, pelo contrário, possam dividi-las." "Já pedi várias vezes para tirarem o SNS da arena política", salienta. Está cansado de ver apontar o dedo. "Não ganhamos nada com isso numa área tão sensível. Precisamos de nos focar em soluções. Nenhuma reforma pode funcionar num clima de conflito permanente. Tem de haver uma plataforma de entendimento com os partidos políticos e com os agentes do sector."

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro tentou sem sucesso obter o aval da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior para abrir um mestrado integrado de seis anos em Medicina e renovou o pedido. A Universidade de Évora também esteve a trabalhar numa proposta, que submeteu em Abril.

A agência decide com base num vasto conjunto de critérios, ouvindo a Ordem dos Médicos. "As considerações que a Ordem faz são técnicas, se tem ou não tem qualidade", sublinha o bastonário. "Se é ou não necessário, isso não está integrado nos critérios. É responsabilidade do Governo criar ou não esses cursos." Ambas tinham o apoio do antigo primeiro-ministro António Costa. E receberam agora o apoio do actual.

DANIEL ROCHA

Carlos Cortes defende que o SNS não tem falta de médicos

A segunda *rentrée* do PSD

Canoísta Fernando Pimenta e maestro Rui Massena na Universidade de Verão do PSD

Maria Lopes

Um é medalhado olímpico e coleccionador de ouros e pratas em mundiais e europeus de canoagem; o outro é maestro desde os 27 anos, compositor e pianista: Fernando Pimenta e Rui Massena são os "civis" mais conhecidos que se juntam aos políticos na Universidade de Verão do PSD que decorre na última semana deste mês, em Castelo de Vide. O programa foi fechado a escassas horas do arranque da Festa do Pontal, mas continua a ter um nome em branco: haverá um convidado-surpresa para falar aos jovens no último jantar, no sábado, 31 de Agosto.

O canoísta vai estar no encontro de jovens do PSD

Os sociais-democratas voltam a juntar uma centena de jovens na 21.ª edição da Universidade de Verão (UV), em Castelo de Vide, entre 26 de Agosto e 1 de Setembro. Como é da praxe, o secretário-geral e líder parlamentar Hugo Soares discursa na abertura, no dia 26, e Luís Montenegro encerra os trabalhos a 1 de Setembro.

De acordo com o programa a que o PÚBLICO teve acesso, o canoísta Fernando Pimenta, que ficou em sexto lugar em Paris, será o orador do jantar-conferência de dia 30. A lista de oradores dos jantares conta também com os ministros Paulo Rangel (dia 27) e Margarida Balseiro Lopes (28), o antigo líder do PSD e comentador Luís Marques Mendes (dia 29).

Já o maestro Rui Massena, um dos subscritores do manifesto de apoio ao PSD em 2023, vai partilhar o palco da conferência "In Culto" com a ex-deputada Ana Rita Bessa no dia 29. E os especialistas em inteligência artificial Paulo Dimas e Daniela Braga debatem sobre o futuro próximo deste fenómeno no dia 31.

Entre os outros participantes mais políticos que darão uma aula da universidade do PSD estão o antigo ministro socialista da Defesa e da Administração Interna Nuno Severiano Teixeira, que falará no dia 30 sobre a importância das eleições americanas com Mónica Ferro (antiga deputada e antiga secretária de Estado da Defesa de Aguiar-Branco). Assim como o eurodeputado Sebastião Bugalho ("Europa: a estabilidade na incerteza", dia 27); o secretário de Estado da Economia, João Rui Ferreira ("Economia: melhor valor, mais futuro", dia 28); o antigo deputado e especialista em energia Nuno Ribeiro da Silva ("Ambiente e energia: um grande paradigma, uma grande oportunidade para Portugal", 28); e o ministro dos Assuntos Parlamentares, Pedro Duarte, que debaterá no dia 30 com o jornalista António Costa sobre a possibilidade da intervenção do Estado na actual crise dos *media*.

O plano de *workshops* para os alunos que, presume-se, tencionam um dia enveredar pela carreira política inclui temas como os discursos falados (Carlos Coelho e Rodrigo Moita de Deus) e escritos (Paulo Colaço), sondagens (Alexandre Picoto), e a relação com a comunicação social (Pedro Esteves). Os cem jovens terão de fazer uma simulação de uma assembleia para aplicarem o que aprenderam nessa semana.

Do lado do PSD, o silêncio sobre o convidado-surpresa é a regra, mas há vários nomes do partido que faria sentido se passassem pela vila raiana do Alto Alentejo. Entre os mais evidentes estão Durão Barroso e Marcelo Rebelo de Sousa, que ali estiveram no ano passado – o actual chefe de Estado foi falar sobre a Ucrânia, e desta vez faria sentido que falasse sobre o Orçamento do Estado –, mas também Aníbal Cavaco Silva. Em Novembro, o antigo Presidente apareceu de surpresa (como convidado) no congresso do PSD, evento a que não ia há quase 30 anos, para dar apoio a Luís Montenegro.

No caso da Universidade de Verão, a sua última participação foi em 2017, ano e meio depois de deixar Belém, para falar sobre os jovens e a política. Outra surpresa seria Manuela Ferreira Leite, que não voltou a Castelo de Vide desde que deixou a liderança do partido.

Experiência pioneira com sensores mede qualidade da água em duas praias

Projecto europeu em que ICBAS é parceiro analisou água dos afluentes do rio Sena durante os Jogos Olímpicos. Em Portugal, está a funcionar na praia de Matosinhos e na praia estuarina de Zebreiros

Nicolau Ferreira

Há dois sistemas de sensores experimentais que estão a avaliar a qualidade da água de duas praias portuguesas a nível microbiológico, num projecto internacional que também foi responsável por monitorizar afluentes do rio Sena durante os Jogos Olímpicos de Paris e do próprio Sena antes do início dos jogos.

A experiência, coordenada em Portugal pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar (ICBAS) da Universidade do Porto, quer testar não só a capacidade de a tecnologia analisar com precisão a presença de bactérias *Escherichia coli* em tempo real, como também, a partir dessa informação, a capacidade da tecnologia de prever a evolução da presença destas bactérias nas horas seguintes, tal como se faz na meteorologia.

Comparado com as análises feitas em laboratório dos níveis de bactérias nas águas das praias, que dão resultados em 24 horas, este sistema tem o potencial de alterar a rapidez com que se obtém a informação da qualidade das águas balneares e o tipo de resposta que as autoridades podem dar em caso de poluição.

Na sexta-feira última, um dos dois sistemas foi instalado na praia de Matosinhos, na zona costeira em Matosinhos, e nesta segunda-feira o segundo sistema foi instalado na praia de Zebreiros, uma praia estuarina do rio Douro, zona de Gondomar.

"Enquanto nas águas fluviais de Paris foram instalados sistemas iguais e o sistema foi validado para águas doces, aqui estamos a validar para águas estuarinas, salobras, [em Zebreiros], e para águas costeiras [em Matosinhos], em duas praias sujeitas a marés. É muito importante a influência da maré", diz ao PÚBLICO Adriano Bordalo e Sá, hidrobiólogo e professor no ICBAS com experiência de décadas acerca da poluição microbiológica nos sistemas aquáticos.

O investigador é um dos responsáveis pelo projecto *Forbath – Forecasting the microbial water quality in urban inland and coastal bathing waters* (algo como "previsão da qualidade microbiana das águas balneares costeiras e águas balneares interiores em zonas urbanas"), que recebeu dois milhões de euros do programa Eureka-Eurostars da União Europeia (UE), que apoia projectos que incluem pequenas e médias empresas para o desenvolvimento de novos produtos. Além do ICBAS, fazem parte do projecto a empresa francesa NKE - Marine Electronics, que desenvolveu o sistema de sensores, a empresa alemã Hydro & Meteo, que desenvolveu o *software* meteorológico para a previsão, a Universidade de Paris-Este Créteil e a Escola Nacional de Pontes e Estradas do Instituto Politécnico de Paris.

FOTOS: PAULO PIMENTA

Praia de Matosinhos (em cima) e a praia estuarina de Zebreiros (em baixo)

O sistema também vai medir, entre outros: o pH, a temperatura da água, o oxigénio, a condutividade, a clorofila e a turvação

A poluição microbiológica das praias é um problema de saúde pública, já que pode causar doenças nas pessoas que visitam e tomam banho em águas poluídas. De acordo com as directivas da UE, é necessário fazer análises regulares às praias para testar a presença da bactéria *Escherichia coli* e dos enterococos, cujo sinal em níveis altos indica presença de matéria fecal humana e/ou animal, como aconteceu recentemente na praia de Matosinhos, e que levou à sua interdição na semana passada.

A Agência Portuguesa do Ambiente (APA) é a responsável por fazer aquelas análises, mas a frequência das análises depende muito das praias, sendo que o número mínimo obrigatório são quatro análises por época balnear. No entanto, a concentração de bactérias pode variar ao longo de um mesmo dia.

"Em certas situações, verificamos que na maré baixa, às 9 horas, a qualidade da água é péssima. Às 12 horas a qualidade não é boa, mas melhorou, e da parte da tarde a qualidade da água é excelente", explica Adriano Bordalo e Sá. "Isto tem que ver com as marés, que variam de dia para dia."

Tendo em conta essa variação, o novo projecto nasce "da necessidade a nível europeu e mundial de desenvolvermos métodos da avaliação microbiológica da água a tempo real", refere o investigador. A diferença específica deste novo projecto centra-se na previsão. "Já existem outros sensores, mas não nos chega só saber a qualidade microbiológica, estamos a fazer a previsão", adianta.

O tempo mínimo de previsão deste sistema poderá ser de 15 minutos. "Da mesma maneira que gostamos de saber a previsão da chuva, para nos precavermos, com uma previsão de um intervalo tão curto o público pode ser informado se vale a pena arrumar a trouxa e ir à praia tomar banho."

Ajuda da IA

Os dois sistemas de sensores não vão medir directamente a presença de *Escherichia coli*, vão antes medir o triptofano, um aminoácido que alerta para a presença da *Escherichia coli*. Quanto mais triptofano existe, maior a quantidade de bactérias que estão presentes. Além disso, o sistema vai medir a temperatura da água, a condutividade, o oxigénio dissolvido, o pH, a turvação, a clorofila, a matéria orgânica dissolvida e, na praia de Zebreiros, os nitratos.

É a partir daqueles dados, obtidos de dez em dez minutos, conjugados com a informação local da temperatura, da precipitação e do vento, disponibilizada pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera ao projecto, que vai ser feita a previsão da qualidade microbiológica através da inteligência artificial (IA). "A IA vai aprender a relacionar dados e ser capaz de adaptar [os cálculos] a situações em que há precipitação ou que não há precipitação, em relação à direcção do vento, que é específico para cada praia", exemplifica Bordalo e Sá.

Paralelamente com a informação que é obtida pelos sensores e a previsão gerada pela IA, estão a ser feitos testes laboratoriais nas duas praias para as variáveis medidas pelos sistemas de sensores. Os testes são realizados de meia em meia hora, ao longo de 13 horas, o que equivale a um ciclo das marés. Com isto, é possível confirmar se os dados obtidos pelos sensores são verdadeiros.

"Na terça-feira fizemos uma campanha de 13 horas de tirar amostras, estamos a ler os primeiros resultados e a ideia com que ficamos, pelo menos para a água estuarina, é que o sistema está a responder bem", constata o investigador. Além disso, os testes laboratoriais vão permitir verificar se a previsão feita pela IA coincide com o que acontece realmente.

Ainda não estamos a passar uma onda de calor, mas é provável que chegue em breve

Marta Sofia Ribeiro

Nas últimas décadas, as ondas de calor têm sido mais frequentes e intensas e estendem-se para períodos menos comuns

Nas últimas semanas, têm-se repetido os avisos amarelos devido ao calor um pouco por todo o país. As temperaturas (ainda) não configuram uma onda de calor, mas “há uma probabilidade elevada” de o fenómeno chegar nos próximos dias, explica Ricardo Deus, responsável pela Divisão de Clima do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA).

Ontem, 11 distritos estavam sob aviso amarelo e hoje, Beja, Évora e Portalegre vão estar com aviso laranja. Nos Açores, o aviso amarelo – o mais baixo de três níveis – foi emitido para ontem e hoje e a Região Autónoma da Madeira está sob aviso amarelo, prevendo-se que entre hoje e amanhã suba para aviso laranja.

O que se tem sentido é “perfeitamente usual” no Verão, diz o especialista. O calor está a ser provocado pela crista anticiclónica dos Açores, que se vai deslocar até ao território continental e “estimular uma circulação de leste que transporta massas de ar mais quentes e secas” provenientes do interior da Europa.

Esta “fórmula” é a que, de forma geral, dá origem a vários dias seguidos de calor. Se durante pelo menos seis dias consecutivos a temperatura máxima do ar for superior em cinco graus Celsius relativamente ao valor médio das máximas diárias entre 1961 e 1990, a Organização Meteorológica Mundial considera que um território está a ser atingido por uma onda de calor.

As ondas de calor são um fenómeno relativamente recorrente em Portugal, mas, nas últimas décadas, além de serem mais frequentes, “também se espalham para períodos do ano que não eram tão comuns”, como o final da Primavera ou nos meses de Outono, acrescenta Ricardo Deus.

“Pontualmente, também aumenta o número de dias da onda de calor”, e esta já não fica restringida à região sul, no Alentejo. Têm-se verificado ondas de calor que podem chegar a Trás-os-Montes, por exemplo.

Associando estas mudanças às alterações climáticas, o especialista do IPMA sublinha que “num cenário de um clima, em termos médios, mais quente, poderá criar algumas situações mais alarmistas do que temos vindo a assistir”. O continente europeu é o que regista o aquecimento mais rápido a nível global. Na Europa, de acordo com um relatório do Instituto de Saúde Global de Barcelona, o calor matou mais de 47 mil pessoas em 2023, o ano mais quente de que há registo no mundo. Em Portugal, fez 1432 vítimas mortais.

PAULO PIMENTA

Até Julho, 15 países quebraram recordes de temperatura máxima

Por ano, em contexto laboral, morrem 18.970 pessoas devido ao excesso de calor, segundo um relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT). No mesmo documento, a entidade refere que, de entre os 3,4 mil milhões de trabalhadores em todo o mundo, cerca de 71% sofre de exposição ao excesso de calor e, num relatório de Abril, alerta para os perigos do trabalho num mundo em alterações climáticas.

A única solução para ir mitigando o problema é “adaptar” o dia-a-dia, as casas, as cidades, nunca esquecendo que este é “um problema à escala global e tem de ser visto dessa forma”, sublinha Ricardo Deus.

Stress térmico

Um relatório do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC) dá conta dos vários cenários que os europeus podem enfrentar em termos de stress térmico entre 2040 e 2060.

As projecções baseiam-se no desenvolvimento socioeconómico e no tipo de medidas de mitigação que os governos decidirem implementar e usa como base o cenário de stress térmico entre 1986 e 2005. Os valores são calculados tendo em conta os dias de onda de calor, a vulnerabilidade da população e a sua exposição a altas temperaturas.

Só num cenário em que há redução imediata das emissões e é possível parar o aumento da concentração de gases com efeito de estufa na atmosfera, Portugal não viverá em alto stress térmico. Mas mesmo no cenário mais optimista há zonas onde o vermelho denuncia um nível de stress bastante superior ao registado entre 1986 e 2005.

Nos cenários menos positivos, em que pouco ou nada é feito para travar os efeitos das alterações climáticas e a tendência do mundo é tornar-se mais desigual, prevê-se que o sul da Europa sucumba a níveis muito altos de *stress* térmico, o que poderá, entre outras consequências nefastas, causar cada vez mais óbitos devido ao calor.

No primeiro semestre de 2024, segundo noticia o *The Guardian*, 15 países quebraram recordes de temperatura máxima. Maximiliano Herrera, especialista em clima, diz que “esta quantidade de eventos de calor extremo vai para além de tudo o que já viu e achava possível”. O México atingiu 52 graus Celsius, no Egipto sentiram-se 50,9. No Chade, os termómetros já marcaram 48 graus Celsius duas vezes este ano e os recordes continuam a ser superados desde as Maldivas até ao Gana, de Mali até Laos.

Coimbra e Minho fora do top 500 das melhores universidades do mundo

Pedro Guerreiro

A Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto mantêm-se na lista das 300 melhores do mundo na edição de 2024 do Ranking de Xangai, publicado ontem. Lisboa e Porto seguram as suas posições, face a 2023, no intervalo entre a 201.ª e a 300.ª melhor instituição de ensino superior do globo. Já a Universidade de Aveiro conserva o seu lugar no intervalo entre o 401.º e o 500.º melhor estabelecimento no ranking. Coimbra e Minho saem do top 500.

Esta é a mais antiga lista global do ensino superior, originalmente compilada pela Universidade Jiao Tong, de Xangai, e desde 2009 elaborada pela empresa Shanghai Ranking Consultancy. Para a classificação, são tidos em conta seis indicadores, entre eles o número de alunos de pós-graduação ou professores galardoados com o Prémio Nobel e o Fields (o Nobel da Matemática), o número de investigadores mais citados em artigos académicos da sua especialidade e ainda o número de artigos publicados nas revistas *Science* e *Nature*.

Do lote das 500 melhores saem duas portuguesas: a Universidade de Coimbra e a do Minho, que do intervalo das 401-500 em 2023 descem para o patamar das 501-600. A Universidade Nova de Lisboa também recua face a 2023: de 601-700, passa a integrar o lote 701-800.

A nível global, o ranking volta a ser dominado pelos Estados Unidos, com oito universidades entre as dez melhores: Harvard (1.ª, mantendo a liderança da lista), Stanford (2.ª), MIT (3.ª), Berkeley (5.ª), Princeton (7ª.), Caltech e Columbia (empatadas em 8.º lugar) e Chicago (10.º).

O Reino Unido volta a colocar duas universidades entre as dez melhores do mundo: Cambridge (em 4.º lugar) e Oxford (em 6.º, subindo uma posição face a 2023).

Entre as universidades da União Europeia, a mais bem posicionada nesta edição do ranking é Paris-Saclay, que surge em 12.º lugar. É a única da lista das melhores 30, onde surgem três instituições chinesas: Tsinghua (22.ª), Pequim (24.ª) e Zhejiang (27.ª).

A melhor universidade lusófona é a de São Paulo, no intervalo entre a 101.ª e a 150.ª classificada.

Calçada portuguesa vai ter regras fixas para a proteger das más intervenções

Classificação de "elementos excepcionais da calçada artística" avança este ano. Será também criada a categoria profissional de "mestre calceteiro", para melhorar salários e captar interessados

Samuel Alemão

A calçada portuguesa é chão por muitos pisado quotidianamente, de norte a sul do país, e, por isso, reconhecida como parte importante da identidade de bastantes povoações portuguesas. Mas esse património tem vindo a desvirtuar-se devido à crescente dificuldade em recrutar operários qualificados que saibam fazer e manter tais elementos.

A situação poderá, porém, vir a ser revertida, em breve, através de um pacote de medidas destinadas ao sector, no qual se inclui o processo de classificação dos "elementos excepcionais da calçada artística". Também se prevê a criação de uma categoria profissional de calceteiro, a fim de a valorizar – um trabalho que está a ser desenvolvido em colaboração entre representantes do sector, municípios e administração central.

O conjunto de regras a observar nas intervenções em calçada artística está a ser definido por uma comissão especializada, vai ser apresentado em Outubro e terá reconhecimento legal, obrigando assim os municípios e as empresas de construção civil a segui-lo.

"Começámos a trabalhar neste assunto, em coordenação com o Governo, e queremos envolver também os municípios. Esperamos ter um documento, agregando essas directrizes, pronto no Outono e que será apresentado numa sessão pública", diz ao PÚBLICO António Prôa, presidente da Associação da Calçada Portuguesa, no momento em que a entidade acaba de lançar o livro *Calçada Artística de Lisboa – Cinco Roteiros*, com o apoio da Câmara de Lisboa e a Associação de Turismo de Lisboa.

A intenção de fixar um conjunto de regras e procedimentos universais a adoptar por autarquias, mas também entidades públicas e privadas, de cada vez que se façam obras na calçada nasce da constatação do crescente desvirtuar destes elementos. Avançar-se-á então para a classificação desses elementos, mas também será criado um "guia de boas práticas". "Isto é parte do património português, mas não existe uma única calçada classificada. Além disso, existe um grande risco de perda deste saber-fazer, porque a profissão de calceteiro está em risco de acabar", afirma António Prôa.

Por isso, o dirigente associativo, que já desempenhou o cargo de vereador em Lisboa, sublinha que o estabelecimento de normas terá também de estar ligado ao processo de valorização da profissão. Afinal, para se cumprirem as regras, tem de existir quem as conheça.

"Estamos a preparar o processo de classificação dos elementos excepcionais de calçada artística. E o objectivo é que se obedeça a regras claras de cada vez que se faça uma intervenção", explica Prôa, destacando o trabalho que está a ser desenvolvido nesse sentido pela associação, em estreita colaboração com o novo Instituto Público do Património Cultural.

Mas o processo também envolverá as câmaras municipais, entidades a que compete a intervenção em grande parte do espaço público das localidades portuguesas. Não por acaso, em Setembro, será anunciada uma parceria entre a associação e vários municípios, no âmbito da, há muito aguardada, candidatura da calçada portuguesa a Património Cultural Imaterial da Humanidade da UNESCO. Processo que deverá ser, por fim, concretizado em Março do próximo ano.

Em simultâneo, e para que a luta pela preservação deste tipo de pavimento tenha consequências práticas, está a ser preparada junto do Governo uma iniciativa visando proceder à valorização profissional dos calceteiros, por se temer ser um ofício em vias de extinção. "O panorama é preocupante. Temos uma profissão em risco de acabar, porque todos sabemos que é extremamente exigente e desgastante do ponto de vista físico, sendo mal remunerada. Temos de agir no sentido de promover a sustentabilidade desta profissão. E isso só se consegue pagando melhor", afirma António Prôa. "Temos reflectido muito sobre isto", admite.

Pretende-se criar uma rede nacional de formação de calceteiros, em que os municípios terão um papel importante

Pagar melhor

O dirigente associativo realça que isso tem muito que ver com o facto de a grande maioria dos calceteiros trabalhar para câmaras municipais, sendo estas obrigadas a regras muito rígidas do ponto de vista da contratação. "As autarquias não têm meios para pagar mais. Os calceteiros são equiparados a assistentes operacionais e existe uma tabela para essas categorias, que é o que é", afirma Prôa. E indica o caminho a seguir: "Temos de pagar mais, para atrair mais pessoas, mas, em correspondência, também temos de ter melhor formação."

E esses objectivos passam, inevitavelmente, explica António Prôa, pela "criação de uma carreira profissional especial de calceteiro, a qual permitirá ver reconhecida a especificidade do saber-fazer desta profissão". Trata-se de um assunto em que a Associação da Calçada Portuguesa tem vindo a trabalhar, estando a preparar uma proposta para apresentar ao Governo. Pretende-se assim oficializar a categoria de "mestre calceteiro", que deverá ser acompanhada da correspondente criação de mecanismos de certificação desses conhecimentos, a serem estabilizados através do tal "guia de boas práticas" e da referida classificação dos elementos excepcionais.

A simultaneidade dos processos é importante, faz notar o dirigente associativo. Isto porque a criação da categoria profissional de mestre calceteiro, associada à desejada classificação dos elementos característicos da calçada artística, "vai obrigar a que as empresas sejam forçadas a contratar calceteiros credenciados", acredita Prôa. O presidente da ACP lembra que, em muitas situações, a reposição das calçadas no espaço público das cidades portuguesas é feita por empresas de construção civil e não por autarquias. Exemplo disso são as muito frequentes obras realizadas por operadores de telecomunicações ou de energia.

Em todo o caso, as câmaras municipais serão sempre centrais no processo de valorização deste elemento. E um dos papéis que poderão vir a assumir está relacionado com a criação de uma rede nacional de formação de calceteiros. Pelo menos é esse o objectivo da associação, que pretende desempenhar o papel de intermediária "para que as autarquias comuniquem entre si" sobre esta matéria.

DANIEL ROCHA

Cinco roteiros por uma arte ameaçada

O princípio que presidiu à concepção do livro *Calçada Artística de Lisboa — Cinco Roteiros"* é simples. "Estes cinco percursos representam aqueles que concentram o maior número e os melhores exemplos de calçada artística na cidade", explica António Miranda, o autor dos textos desta obra, ilustrada com fotografias de Luís Pavão. Dela constam os seguintes percursos: Eixo Central (do Marquês de Pombal até à Praça do Município); Belém; Planalto Central (em redor da zona do Saldanha, Arca do Cego e Avenida de Roma); Chiado-São Paulo-Cais do Sodré; e Parque das Nações. "São os melhores exemplos de uma prática que se encontra ameaçada e, em alguns pontos da cidade, se encontra em péssimo estado", diz ao PÚBLICO o historiador.

Mais de 40 mil mortos em Gaza desde o início do conflito com Israel

Ontem, mais 40 palestinianos morreram no espaço de 24 horas na Faixa de Gaza, elevando para 40.005 o número de mortos desde 7 de Outubro. O total de feridos ascende a 92.401

Maria João Guimarães

Quando o número de mortes na Faixa de Gaza se aproximava dos 20 mil, em Dezembro, a activista Sally Habed, cidadã israelita de origem palestiniana, dizia, num protesto em Haifa, que "não queria falar de números, de estatísticas". Porque recusava que "as nossas mortes, a nossa humanidade, sejam tópico para debate", "quantos palestinianos [mortos] são de mais", e se são justificação para dizer "já chega". Ontem, foi anunciado que o número de mortes desde o início do conflito já ultrapassou os 40 mil.

Segundo o Ministério da Saúde de Gaza, registaram-se 40.005 mortes desde o início do conflito, a 7 de Outubro, com o total de feridos a atingir 92.401. Nas 24 horas anteriores, dizia o comunicado da autoridade de Gaza, morreram no território mais 40 palestinianos e 107 ficaram feridos.

O número de mortos indicados não distingue civis e combatentes, mas é tido como fiável. A questão tem sido alvo de controvérsia desde os primeiros tempos da guerra que se seguiu ao ataque do Hamas a 7 de Outubro e reavivou-se recentemente com a publicação, na revista *Lancet*, de uma carta sobre o número de mortos poder ser ainda maior.

A organização Airwars, ligada à Goldsmiths (Universidade de Londres) e que se dedica a documentar mortes de civis em guerras desde os *drones* dos Estados Unidos e Reino Unido até à Síria ou ao Iémen, anunciou ainda recentemente que conseguiu identificar quase 3000 palestinianos mortos nos primeiros 17 dias do conflito e ligá-los a ataques específicos.

A organização usa fontes de acesso aberto e, ainda que estes sejam uma pequena parcela do total de mortos em Gaza, a directora da organização, Emily Tripp, disse ao *Guardian* que pretendiam provar ser possível dizer quem foi morto e como, ao contrário do que os exércitos costumam afirmar. "O nosso trabalho consiste em servir de ponte entre o caos e a justiça", disse Tripp.

Também é possível concluir que os números do Ministério da Saúde de Gaza estavam certos, disse a organização, citada desta vez pelo diário norte-americano *The New York Times*, já que a maioria dos nomes que a organização encontrou está também na lista do ministério.

"É possível acreditar nos números do Ministério da Saúde, e não é preciso esperar muitos anos para ter a certeza", declarou Tripp ao *Guardian*.

A mais recente controvérsia sobre a informação veiculada pelas autoridades da Faixa de Gaza aconteceu quando as Nações Unidas fizeram, em Maio, uma revisão em baixa do número de mulheres e crianças mortas desde 7 de Outubro.

A ONU disse que, havendo uma diferença entre os números indicados pelo Gabinete de *Media* de Gaza, que também divulga números de mortes, e o Ministério da Saúde, decidiram usar apenas os dados do Ministério da Saúde (onde, ao contrário do Gabinete de *Media*, trabalham pessoas que são do Hamas, mas também que não pertencem ao movimento).

The Lancet e mortes futuras

Mais recentemente, uma carta na revista *The Lancet* provocou ainda mais discussão ao dizer que o número de mortes em Gaza podia ser de 186 mil ou mais – mas o modo como foi referida deu origem a alguns mal-entendidos.

Primeiro, porque o que foi publicado na *Lancet* foi uma carta (o equivalente a uma carta à direcção em jornais generalistas), assinada por três cientistas especialistas em saúde pública, e não um estudo, que estaria sujeito a regras mais estritas de *peer review*.

E, segundo, porque o número diz respeito a uma estimativa – embora conservadora – de mortes, fazendo uma extrapolação de vítimas directas, dos bombardeamentos, e indirectas, causadas pela deslocação forçada, falta de condições de salubridade que podem causar doenças, falta de tratamento médico, etc.

A carta, com o título *Counting the dead in Gaza: difficult but essential*, é assinada por Rasha Khatib, do Advocate Aurora Research Institute, em Milwaukee (EUA) e do Instituto de Saúde Pública e Comunitária da Universidade de Birzeit, Ramallah, Palestina; Martin McKee, do Departamento de Saúde Pública da London School of Hygiene and Tropical Medicine, de Londres; e Salim Yusuf, do Instituto de Investigação de Saúde Populacional da McMaster University, e Hamilton Health Sciences, em Ontário, Canadá.

O PÚBLICO contactou Rasha Khatib por *email* com um pedido de entrevista sobre a carta. A resposta veio, dias mais tarde, por via da equipa de comunicações da *Lancet*, explicando que nenhum dos autores estava disponível para entrevistas.

Na carta, os autores defendem a importância de contabilizar as mortes causadas pela guerra levada a cabo por Israel após o ataque do Hamas a 7 de Outubro, apesar das dificuldades da tarefa.

O único organismo a realizar uma contabilidade é o Ministério da Saúde de Gaza, cujos números são, apesar de disputados publicamente por Israel, considerados fiáveis pelos seus serviços secretos, dizem os autores, citando um artigo da *Vice* que por sua vez cita o jornalista israelita Yuval Abraham, da revista *+972*.

Mas o ministério enfrenta cada vez mais dificuldades em obter informação, e por isso alargou o tipo de mortes que considera na sua contabilização – depois de durante algum tempo reportar apenas o número de pessoas que morriam nos hospitais, ou levadas já mortas para as morgues, e que eram possíveis identificar, passou a ter uma parte separada em que indica agora também o número de mortos com base em informação dos serviços de emergência ou de relatos dos *media*, e que inclui ainda mortes cuja identificação não foi possível.

Os autores da carta lamentam que esta mudança – que teve como objec-

186

Juntando mortes directas e indirectas do conflito, três cientistas dizem que as mortes em Gaza podem chegar a 186 mil

Keir Starmer envia o chefe da diplomacia britânica a

Estamos "num momento crucial para a estabilidade gl

O Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico não confirmou à Sky News se o ministro David Lammy vai mesmo a Israel, como referiu uma fonte ao canal de televisão, mas o chefe da diplomacia britânica afirmou, em comunicado, que neste "momento crucial para a estabilidade global", cada minuto conta para "definir o futuro do Médio Oriente".

O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, e o seu Governo estão muito activos tentando encontrar uma solução diplomática que evite uma escalada do conflito de Gaza a todo o Médio Oriente, numa altura em que o Irão prepara uma resposta ao atentado que matou o líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão.

Garantindo que o "Reino Unido continuará a usar todos os meios diplomáticos para conseguir um cessar-fogo" em Gaza, David Lammy disse que "as próximas horas ou dias" são importantíssimos para encontrar uma solução que evite a escalada do conflito através de um cessar-fogo na Faixa de Gaza.

"Como o Reino Unido deixou claro no Conselho de Segurança das Nações Unidas esta semana, a situação em Gaza é devastadora", continuou o ministro dos Negócios Estrangeiros britânico no comunicado. "O ataque à escola de Al-Tabai'een demonstrou que os

FADI ALWHIDI/REUTERS

É provável que haja mais mortos debaixo dos escombros dos edifícios bombardeados em Gaza

Negociações para cessar-fogo

Mediadores contam ter conversas paralelas com o Hamas

Uma nova ronda de conversações sobre o cessar-fogo em Gaza está em curso na capital do Qatar, Doha, onde o chefe de espionagem de Israel se juntou aos seus homólogos dos EUA e do Egipto e ao primeiro-ministro do Qatar. O porta-voz da segurança nacional da Casa Branca, John Kirby, confirmou que as conversações começaram oficialmente, mas advertiu que era improvável que chegassem a um acordo ontem e que provavelmente continuariam a conversar durante o dia de hoje.

O Hamas recusou participar nesta reunião à porta fechada por estar comprometido com a proposta que lhe foi apresentada a 2 de Julho e considerar que estas negociações seriam um "voltar à estaca zero". No entanto, os mediadores planeiam consultar a equipa de negociação do Hamas sediada em Doha, após a reunião, disse à Reuters um funcionário informado sobre as conversações.

A ronda de negociações, um esforço para pôr fim ao derramamento de sangue em Gaza e trazer 115 reféns israelitas e estrangeiros para casa, foi organizada quando o Irão parecia prestes a retaliar contra Israel na sequência do assassinato do líder do Hamas, Ismail Hanyeh, em Teerão, a 31 de Julho. Com os navios de guerra, submarinos e aviões de guerra dos EUA enviados para a região para defender Israel e dissuadir potenciais atacantes, Washington espera que um acordo de cessar-fogo em Gaza possa afastar o risco de uma guerra regional mais alargada.

Israel e o Hamas acusaram-se mutuamente de não terem conseguido chegar a um acordo, mas, no período que antecedeu a reunião, nenhum dos lados pareceu excluir a possibilidade de um acordo. Uma fonte da equipa de negociação israelita disse que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu permitiu uma margem de manobra significativa em algumas das disputas substanciais. As lacunas incluem a presença de tropas israelitas em Gaza, o sequenciamento da libertação de reféns e as restrições à livre circulação de civis do Sul para o Norte de Gaza.

Kirby disse aos jornalistas que os negociadores estavam concentrados em reduzir as lacunas e implementar o acordo-quadro, que, segundo ele, tinha sido "geralmente aceite" por ambas as partes. "Os obstáculos que restam podem ser ultrapassados e temos de encerrar este processo", afirmou. "Hoje é um começo prometedor."

Na véspera das conversações, o Hamas, que rejeita qualquer intervenção norte-americana ou israelita na definição do "dia seguinte" à guerra em Gaza, disse aos mediadores que, se Israel fizesse uma proposta "séria" que estivesse de acordo com as propostas anteriores do Hamas, o grupo continuaria a participar nas negociações. Sami Abu Zuhri, alto funcionário do Hamas, disse à Reuters na quinta-feira que o grupo está empenhado no processo de negociação e pediu aos mediadores que garantam o compromisso de Israel com a proposta que o Hamas acordou no início de Julho, que, segundo ele, acabaria com a guerra e exigiria a retirada total das tropas israelitas de Gaza.

Enquanto os negociadores chegavam ao Qatar, os combates prosseguiam em Gaza, com as tropas israelitas a atingirem alvos em várias cidades. **PÚBLICO/Reuters**

SAMUEL CORUM/EPA

John Kirby, porta-voz da segurança nacional da Casa Branca

Israel

obal", diz David Lammy

palestinianos em Gaza não têm um sítio seguro para onde se virar." Por isso, "estas conversações constituem uma oportunidade para garantir um cessar-fogo imediato que proteja os civis em Gaza, assegure a libertação dos reféns ainda cruelmente detidos pelo Hamas e restabeleça a estabilidade num momento perigoso para a região."

O chefe da diplomacia britânica deverá encontrar-se com o primeiro-ministro israelita, Benjamin Netanyahu, e com o seu homólogo, Israel Katz. A seu lado, terá a chefe da diplomacia francesa, Stéphane Séjourné, de acordo com a notícia avançada pela Sky News. **António Rodrigues**

tivo melhorar a qualidade dos números – tenha servido para uma tentativa de descredibilização, acrescentando que a 10 de Maio de 2024 se estimava que 30% das 35.091 mortes contabilizadas até então não estavam identificadas.

De qualquer modo, "o número de mortes registadas é provavelmente subestimado", dizem, apontando para, por exemplo, as avaliações da organização não governamental Airwars, que "constata frequentemente que nem todos os nomes de vítimas identificáveis estão incluídos na lista do ministério" (a carta é anterior ao anúncio da Airwars sobre a identificação das vítimas dos primeiros dias da guerra).

Além disso, com a estimativa da ONU (de 29 de Fevereiro de 2024) de que 35% dos edifícios na Faixa de Gaza foram destruídos, os autores da carta deduzem que haverá pelo menos mais de dez mil corpos sob os escombros (estimativas feitas pela ONU citando a organização de protecção civil palestiniana).

A carta segue para a explicação de que em cada conflito às mortes directas (dos bombardeamentos, etc.) há ainda mais mortes indirectas, devido a doenças e falta de cuidados de saúde, escassez de água ou alimentos, que se estimam ser entre três e 15 vezes superiores às mortes directas.

Aplicando esta ideia (e uma proporção de quatro mortes directas por mortes indirectas, segundo disse um dos autores ao *Guardian*, num artigo publicado antes da resposta da *Lancet* de que não seriam dadas entrevistas, mas já depois do pedido de entrevista do PÚBLICO) ao número de mortes relatadas na altura da publicação da carta, 37.396, "não é implausível estimar que 186 mil ou até mais mortes possam ser atribuíveis ao actual conflito na Faixa de Gaza".

Na resposta enviada por *email*, o departamento de comunicação da *Lancet* sublinhava que os próprios autores da carta diziam que muitas destas mortes indirectas podem não ter acontecido, citando uma frase anterior sobre as mortes indirectas: "Mesmo se os conflitos acabarem imediatamente, irá continuar a haver muitas mortes indirectas nos meses e anos seguintes."

Lula assume cenário de novas eleições na Venezuela como saída da crise pós-eleitoral

Leonete Botelho

Presidente Biden concorda com solução brasileira. Diplomacia portuguesa está expectante quanto ao futuro na região

O Presidente do Brasil assumiu que defende um novo acto eleitoral na Venezuela como solução para a crise política e social que o país atravessa depois das presidenciais de 28 de Julho. "Se ele [Nicolás Maduro] tiver bom senso, pode tentar fazer uma conclamação ao povo da Venezuela, quem sabe até convocar umas novas eleições", afirmou Lula da Silva na Rádio T, da Foz do Iguaçu.

"Não me quero comportar de forma apaixonada, dizendo que sou favorável a fulano ou sou contra. Eu quero o resultado", disse Luiz Inácio Lula da Silva, lembrando que Maduro "ainda tem seis meses de mandato" e continua a ser o Presidente da Venezuela, "independentemente das eleições". Daí que defenda haver margem para uma solução negociada que poderia passar por um governo de coligação ou novas eleições – uma espécie de segunda volta – para sair da actual situação de desconfiança internacional.

Nesse cenário, Lula diz que seria Maduro a "estabelecer os critérios de participação", deveria criar "um comité eleitoral suprapartidário em que participe toda a gente" e deixar que observadores, "olheiros do mundo inteiro", analisassem esse processo eleitoral. "Ele sabe que está devendo uma explicação para a sociedade e para o mundo", acrescentou.

A hipótese de novas eleições foi já recusada por María Corina Machado, líder do partido Vente [Vamos] Venezuela e da Plataforma Unitária Democrática, que apresentou Edmundo González como candidato contra Maduro e reivindicou a vitória a 28 de Julho, sustentada em actas eleitorais recolhidas em 80% das 30 mil mesas de voto e publicadas na Internet. "A eleição já aconteceu", disse nesta quinta-feira a jornalistas da Argentina e do Chile.

Celso Amorim, o principal assessor para as relações exteriores de Lula, está ciente das dificuldades do processo. "O que é curioso de novas eleições é que tanto um quanto o outro teriam de aceitar", disse ontem no Senado em Brasília, reforçando que o Brasil é favorável a uma "solução que venha do diálogo. É difícil, mas tem de ser tentada", afirmou.

"A posição do Brasil obedece a princípios muito importantes: a defesa da democracia, a não-ingerência em assuntos internos e a resolução pacífica de controvérsias. Por isso, temos insistido na publicação de actas. Não sei se isso agrada ou não ao Presidente Maduro, mas nós nunca deixámos de insistir na publicação das actas", disse o antigo embaixador, citado pelo *site* G1, da rede Globo.

SEBASTIAN BARROS/NURPHOTO/GETTY IMAGES

Os presidentes do Brasil e da Colômbia têm estado em contacto

Portugal cauteloso

O Brasil é neste momento um dos principais interlocutores regionais para a crise, juntamente com a Colômbia, depois de o Presidente do México, López Obrador, ter dado um passo atrás na posição conjunta que assumira com Lula da Silva e Gustavo Petro, ao afirmar que aguardava as conclusões do Tribunal Supremo da Venezuela, que se encontra a analisar as actas eleitorais entregues pela autoridade eleitoral, pró-Maduro.

Nas duas declarações conjuntas que divulgaram, os três países exigiam a publicação das actas eleitorais e uma verificação imparcial dos resultados. Agora, Brasil e México parecem ter uma posição mais recuada, embora Brasília continue a exigir a divulgação dos resultados oficiais. A Colômbia, que já recebeu cerca de quatro milhões de venezuelanos desde as últimas eleições, tem sido mais discreta nas posições públicas.

Expectante quanto ao evoluir da situação, a diplomacia portuguesa considera que as dinâmicas regionais estão a alterar-se na região, com o Brasil e a Colômbia a deixarem de ser complacentes com o regime de Maduro, sobretudo depois do referendo à anexação do território da Guiana Essequiba. E a poderem ter uma posição decisiva na solução da crise.

A saída, de acordo com uma fonte diplomática portuguesa ouvida pelo PÚBLICO, seria uma transição negociada, com ou sem eleições, para garantir um governo e um presidente interinos e independentes, dando garantias de imunidade a Maduro e aos seus fiéis – como já fizeram os EUA. Embora essa solução pudesse ser aceite pela oposição, dificilmente será aceite pelo regime.

Como país com uma das maiores diásporas na Venezuela – cerca de meio milhão de portugueses e luso-venezuelanos –, Portugal tem tido uma posição cautelosa em relação à situação, mas também tem um papel importante na posição europeia sobre a Venezuela. No passado dia 4, a UE emitiu um comunicado em que apela à transparência do processo, pede o fim da repressão e o respeito pelos direitos humanos, mas não reconhece a vitória de nenhum dos candidatos.

Mais de mil quilómetros quadrados da Rússia estão nas mãos da Ucrânia, afirma o Governo de Kiev

António Rodrigues

Perante a maior ocupação do seu território desde a II Guerra Mundial, que parece ter apanhado as autoridades russas de surpresa, e face ao avanço das forças ucranianas na região de Kursk, Moscovo anunciou ontem que vai reforçar a defesa da sua fronteira com o envio de um contingente militar para travar os soldados de Kiev.

O mais alto comandante das forças ucranianas, o coronel-general Oleksandr Syrskyi, disse ao Presidente ucraniano, Voldoymyr Zelensky, num vídeo divulgado pelo próprio chefe de Estado, que os seus homens haviam instalado um comando militar na região russa de Kursk e que continuam a avançar, embora mais lentamente (cerca de 500 metros a 1,5km nas 24 horas anteriores).

Ao todo avançaram 35 quilómetros desde a sua entrada na Rússia na semana passada, ocupando, de acordo com o coronel-general, uma área de 1150 quilómetros quadrados, controlando 82 localidades na parte ocidental do território russo.

"Estamos a avançar na região de Kursk. Foi criado um gabinete do comando militar para assegurar a ordem e também todas as necessidades da população local", disse Syrskyi numa mensagem transmitida pelo Telegram e citada pela Reuters.

Por seu lado, o Ministério da Defesa russo informou que as suas forças recuperaram o controlo de Martinovka e Krupets, contrariando a ideia de que os ucranianos continuem a avançar, desfeita a surpresa. Moscovo enviou um reforço militar para a sua fronteira ocidental, com vista a recuperar o território perdido e garantir que o mesmo não volta a acontecer.

Kiev voltou a salientar, ontem, que o seu objectivo não é ocupar a região de Kursk: "A Ucrânia não está interessada na ocupação destes territórios, mas sim na destruição de muitas instalações militares russas, empurrando o restante da tropa russa mais para lá das linhas que permitem os ataques contra território ucraniano", afirmou o principal porta-voz da presidência da Ucrânia, Mikhailo Podoliak.

Segundo Podoliak, ao contrário da Rússia, as forças ucranianas "travam uma guerra exclusivamente defensiva" e a incursão em território russo visa criar uma zona-tampão que permita proteger a sua fronteira.

O mais alto comandante das forças ucranianas, o coronel-general Oleksandr Syrskyi

"A Ucrânia e a Rússia travam guerras diferentes", explicou o porta-voz citado pela Europa Press, sublinhando que "a Rússia atacou deliberadamente a Ucrânia com o objectivo de matar civis e ocupar o seu território, o que é, sem qualquer dúvida, um crime de guerra".

O analista militar ucraniano Serhiy Zgurets disse à Reuters que a Ucrânia irá tentar manter o controlo de uma zona entre as cidades de Rylsk, Korenevoye e Sudzha e a fronteira, uma faixa de cerca de 20 quilómetros de território russo como zona-tampão.

"Esta linha não é difícil de defender, dado que existem poucas estradas e um grande número de rios", disse, explicando que bastaria uma pequena força com sistemas de artilharia de longo alcance e defesas antiaéreas, abastecida a partir da região ucraniana de Sumi.

Numa altura em que 200 mil russos foram retirados das zonas ocupadas ou ameaçadas, Moscovo declarou o estado de emergência federal para a região de Belgorod (que já havia decretado para Kursk), dando poderes reforçados ao governador, Viacheslav Gladkov, e permitindo-lhe ter acesso a meios financeiros federais para ajudar as pessoas afectadas.

Zelensky deu a entender, na quarta-feira, que outras operações militares em território russo não estão excluídas. "Temos de garantir ao nível legislativo que os nossos guerreiros, que participam, por exemplo, na operação de Kursk e participarão em outras acções no território do Estado agressor, receberão na totalidade os pagamentos e benefícios definidos para a linha da frente."

Mundo

4 esquinas

O mundo que se conta a partir do que se diz

Por António Rodrigues
Jornalista. Escreve à sexta-feira

Muitas vezes, nestas situações de conflito generalizado, o motivo para enterrar [alguém] numa vala comum é apenas o livrar-se das provas, pelo que as variáveis que fazem sentido para encontrar campas individuais não funcionam necessariamente para valas comuns

Tori Berezowski
Professora de Ciência Forense da Universidade Deakin (Austrália)

Sob o chão da democracia

1. Quase meio século depois da morte do ditador Francisco Franco e 85 anos após a derrota da República na Guerra Civil, o chão pisado pelos espanhóis ainda está cheio de valas comuns. A chamada "transição", em que os fervorosos franquistas se transformaram, morto o ditador, em democratas encartados, serviu apenas para deixar assentar o pó sobre os crimes do regime e transformar a Espanha de hoje na única democracia que jamais investigou os crimes do Estado, apesar dos vários pedidos da ONU para que as circunstâncias das mortes e desaparecimentos da ditadura fossem alvo de investigação.

A Lei da Memória Democrática, aprovada há dois anos pelo Governo socialista, apesar da muita resistência da direita, como afirmava então à Infobae o presidente da Associação para a Recuperação da Memória Histórica, Emilio Silva, "mantém intacta a impunidade do franquismo, porque, além de não julgar os verdugos, não os menciona e não pretende investigar quem eram". A Lei da Amnistia aprovada em 1977 permaneceu vigente para "o assassínio e o desaparecimento de pelo menos 114.226 civis às mãos dos pistoleiros da Falange e golpistas de 1936", acrescentou Silva, neto do primeiro desaparecido do franquismo identificado por uma prova de ADN.

A possível vala comum que começou esta semana a ser escavada no bairro madrileno de Montecarmelo, das 2200 que se calculava em 2022 ainda estarem por encontrar em Espanha, não será de mortos pelo franquismo no pós-guerra, escrevia o *El País*, mas de 451 combatentes das Brigadas Internacionais que deram a sua vida na defesa da República espanhola. Os seus restos mortais foram exumados do cemitério de Fuencarral em 1941 por ordem do franquismo, que, não contente com derrotar a República em vida, quis humilhar aqueles que morreram pelos seus ideais, enterrando-os sem identificação numa vala comum.

Visto de cima

2. Uma equipa de investigadores do CentroGeo, um centro de investigação geoespacial criado pelo Governo mexicano, desenvolveu um modelo que utiliza imagens de satélite para localizar valas comuns. Num país onde os números oficiais falam em mais de 100 mil desaparecidos nos últimos 20 anos (a média é actualmente de 26 desaparecidos por dia), o trabalho de análise minuciosa do chão do México em busca de marcas de lugares onde podem estar pessoas enterradas tornou-se fundamental.

Como refere à revista *New Scientist* uma das investigadoras, Ana Josselinne Alegre Mondragón, com o aumento do número de desaparecidos, o CentroGeo começou a receber pedidos de ajuda do Governo e dos familiares para tentar encontrar locais onde as vítimas estariam enterradas: "Por isso, começámos a procurar variáveis que nos pudessem ajudar a responder a estas questões."

Cruzando dados geográficos de valas comuns conhecidas e juntando-lhes informação sobre rotas migratórias (grupo particularmente vulnerável ao desaparecimento no México) e áreas de influência de cartéis da droga (por trás de grande parte dos casos, segundo a ONU), num modelo que combina 30 variáveis e algoritmos que aprendem com os dados recolhidos, os investigadores começam a ver sinais de sucesso.

Um primeiro modelo desenhado para o estado de Baixa Califórnia ajudou à descoberta de duas valas comuns no ano passado. A Plataforma Cidadã de Valas, criada em 2023 pelo CentroGeo com o Programa de Direitos Humanos da Universidade Ibero-americana, a Comissão Mexicana de Defesa e Promoção de Direitos Humanos, a delegação do México e a América Central da Article 19, a Data Cívica e o Human Rights Data Analysis Group, vai permitir compilar mais informação para apurar a localização. Como diz Alicia Franco Boscan: "Para conseguir fazer correr o modelo, precisamos em primeiro de gerar dados."

O vazio depois

3. Com o mandato da equipa de investigação das Nações Unidas (Unitad) enviada para o Iraque para ajudar o Governo na investigação de crimes graves cometidos pelo Daesh a chegar ao fim (17 de Setembro) teme-se pelo vazio que virá depois. Na terça-feira, a Human Rights Watch (HRW) veio alertar para as centenas de milhares de vítimas enterradas em valas comuns por todo o Iraque que precisam de ser encontradas, que se conte a sua história e que se faça algum tipo de justiça.

"As valas comuns são recordações dolorosas dos capítulos mais violentos da história iraquiana e a sua exumação é crucial para permitir que as famílias das vítimas – e a nação – tenham alguma esperança de justiça e se curem destas feridas", disse Sarah Sanbar, investigadora da Human Rights Watch no Iraque, citada no *site* da organização de direitos humanos. "As pessoas têm o direito de conhecer o destino dos seus entes queridos e de lhes dar um enterro adequado e digno."

De acordo com os números oficiais, 288 valas comuns foram exumadas desde 2003 no Iraque, mas não se sabe ao certo quantas mais ainda há por encontrar. "Enquanto não existir um registo nacional unificado, não há forma de sabermos quantas pessoas podem estar enterradas em valas comuns", disse à HRW Dhiaa Kareem Taama, director-geral do Departamento de Assuntos de Valas Comuns e de Protecção.

"A Unitad era a nossa única esperança, enquanto vítimas e sobreviventes", lamentou-se, em declarações à ONG, um homem cujo pai, irmão e dois tios foram encontrados numa vala comum a sul de Sinjar. "Muitas coisas vão piorar quando eles partirem. Não tenho a certeza de que o Governo iraquiano tenha a capacidade de preencher o vazio."

Jejum apocalíptico

4. Da vala comum na floresta de Shakaola, no Sudeste do Quénia, foram exumados 429 corpos, a maioria com sinais de ter morrido à fome, alguns, nomeadamente bebés e crianças, com marcas de terem sido estrangulados, sufocados ou agredidos até à morte com objecto contundente. Eram todos seguidores do autodenominado pastor Paul Nthenge Mackenzie, criador da Igreja Internacional das Boas Novas, uma seita apocalíptica que pregava que o fim do mundo chegaria em 2023.

Mackenzie e outros 94 acusados, incluindo a sua mulher, começaram a ser julgados esta semana na cidade costeira de Mombaça por 238 crimes de homicídio involuntário – têm ainda processos pendentes por terrorismo, homicídio, sequestro, tortura de menores e crueldade.

O trabalho forense de identificação dos restos mortais tem sido moroso e está muito longe de terminado para sofrimento da maioria dos familiares. Com escassos meios para lidar com um caso desta dimensão, os médicos forenses só identificaram até agora 39 corpos através da comparação com o ADN de parentes.

Mackenzie, que se declarou inocente, terá incentivado os seus seguidores a jejuar para "ir ao encontro de Jesus", embora se tenha precavido de o dizer directamente nos seus sermões, como comprovou uma análise feita pela BBC. Um continente onde a via terrena pouco tem para oferecer aos seus cidadãos é espaço fértil para o surgimento deste tipo de seitas que prometem a recompensa doce do céu a quem amarga a existência. Paradoxalmente, o pastor afirmava-se seguidor de William Branham, um evangélico revivalista norte-americano dos anos 1930-40, e entre os vídeos que promovia no canal de YouTube da sua igreja havia uns sobre a doutrina da Semente da Serpente, muitas vezes usada por supremacistas brancos como justificação para as suas teses segregacionistas.

NUNO FERREIRA SANTOS

Transporte aéreo, que tem "uma fatia de leão em termos de emissões de CO2 dentro do turismo", ainda não é encarado como um obstáculo

Clima já está a influenciar decisões de três quartos dos viajantes europeus

Fuga dos turistas às ondas de calor ainda não se faz sentir, mas já está entre preocupações de quem viaja. Turismo em Portugal avança nas práticas sustentáveis, mas adaptação ao longo prazo é ténue

Aline Flor

A ameaça das alterações climáticas paira sobre o bem-estar no país – e o turismo não escapa a essa sombra. Além de reduzir o seu impacto negativo em termos ecológicos, é preciso garantir que o sector tenha condições para fornecer os seus serviços num território com um clima cada vez mais quente, exposto a fenómenos extremos, como secas e incêndios florestais, e vulnerável à erosão costeira, que ameaça as nossas praias.

Em Portugal, apesar dos desafios levantados pela sazonalidade e a centralização, algo ainda é dado como certo: "O turismo continua a crescer com toda a pujança" e, a nível global, "todas as projecções apontam para um crescimento substancial à medida que mais pessoas vão acedendo à classe média", nota Cristina Siza Vieira, vice-presidente executiva da Associação de Hotelaria de Portugal (AHP).

E já se pensa em ajustar os planos perante o impacto incontornável das alterações climáticas? "Será aquilo que o mercado for ditando", nota. "Também não se pensava em cultivar uva e fazer vinho no Reino Unido e neste momento já se faz. Há oportunidades que vão surgir." Ou seja, o futuro depois se verá – e o que irá ditar as oportunidades agarradas pelo sector serão, como já têm sido, as "tendências de mercado".

O que preocupa quem viaja?

Um dos documentos que nos últimos tempos chamou a atenção do sector foi o relatório "*Monitorização do sentimento em relação às viagens intra-europeias – Verão/Outono 2024*", publicado em Junho, no qual a European Travel Commission (ETC) resolveu incluir uma nova questão: "Como é que a alteração do clima (chuvas fortes, ondas de calor, falta de neve, etc.) tem influenciado os hábitos de viagem?"

Para Cristina Siza Vieira, os dados deixam uma mensagem clara: 76% dos inquiridos já afirmam estar a ajustar os seus hábitos de viagem em função das alterações climáticas. Entre

estes, 17% já evitam destinos com temperaturas extremas, uma proporção que sobe para 32% entre as pessoas com mais de 55 anos, que “estão particularmente determinados a evitar o calor”, menciona o relatório. “Há aqui uma mudança da procura, temos de perceber que isto está a mexer”, alerta a jurista.

Estas mudanças já se fazem sentir em Portugal, com a eventual fuga de turistas da bacia do Mediterrâneo para os novos climas mais temperados? “Não é isso que se tem observado”, responde Siza Vieira. A Europa continua a ser o principal destino mundial e o Sul do continente não perdeu o seu papel essencial nessa distinção.

No topo das preocupações dos que viajam dentro da Europa, aliás, os fenómenos meteorológicos extremos surgem em quinto lugar, com 10,1% dos viajantes a referi-lo. No topo está antes o aumento dos custos relacionados com a inflação (20,8%), que gera sentimentos de insegurança, e a instabilidade económica e finanças pessoais (16,1%).

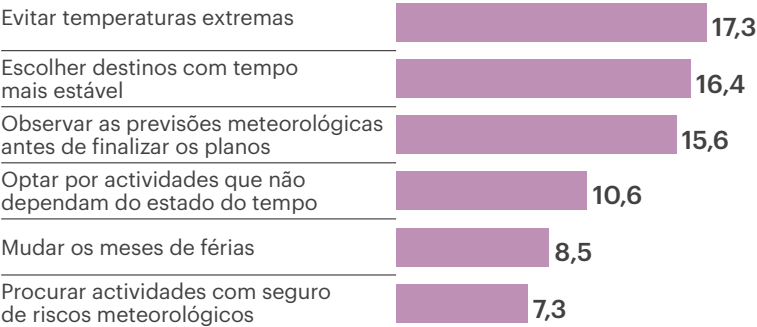
Já a pegada ecológica da viagem surge apenas em nono lugar, mencionada por 5,2% dos viajantes, o que explicará que o transporte aéreo, que tem “uma fatia de leão em termos de emissões de CO2 dentro do turismo”, não seja ainda encarado com um obstáculo. Mas nem por isso o sector está parado nesta matéria, nota Cristina Siza Vieira, que enumera o investimento em investigação sobre combustíveis sustentáveis, em mobilidade suave tanto nas cidades como fora e a procura de alternativas de transporte.

Fugir ao calor?

Já no ano passado o relatório *“Impacto regional das alterações climáticas na procura turística europeia”*, publicado pelo Centro Comum de Investigação (Joint Research Center, JRC) da Comissão Europeia, alertava que os países do Sul da Europa e regiões insulares — altamente vulneráveis aos impactos das alterações climáticas — irão enfrentar reduções da procura turística em todos os cenários de aquecimento global, com quedas que podem ser consideráveis em Chipre, Grécia, Espanha e também Portugal.

Uma das consequências é uma eventual deslocação das duas épocas intermédias, que passarão a ocorrer mais cedo na Primavera e mais tarde no Outono, respectivamente, à medida que se tornam cada vez piores as condições para o turismo durante o Verão nas regiões do Sul da Europa.

A vice-presidente executiva da AHP acrescenta ainda que as adaptações podem surgir através da relocalização de algumas apostas, da oferta de outras actividades de ar livre que possam ser praticadas fora das alturas de maior calor, da abertura e encerramento das actividades

Europeus estão a adaptar hábitos de viagem às alterações climáticas

Fonte: European Travel Commission, 2024 PÚBLICO

em períodos diferentes, com eventual impacto na época alta — que, como já prevêem os estudos, poderá passar para as temporadas intermédias (a chamada *shoulder season*).

O estudo, contudo, atribui um grande peso à preferência dos turistas pelo conforto térmico, que pode diluir-se entre outras preferências ou factores como o aumento da consciencialização sobre o impacto das alterações climáticas e sensibilização para questões de sustentabilidade.

E, mais uma vez, não é claro o impacto directo destas questões nas decisões dos viajantes. Em Julho deste ano, o relatório da ETC sobre tendências e perspectivas do turismo europeu no segundo trimestre do ano concluía que, “até à data, não há provas sólidas de que os acontecimentos do ano passado [incêndios florestais] estejam a afectar as viagens à Grécia este ano”.

Também este relatório nota a tendência para uma dispersão das viagens ao longo das temporadas intermédias (a chamada *shoulder season*) nos países do Sul da Europa, “reduzindo a dependência do país em relação aos turistas durante os meses de temperatura máxima, nos quais é mais provável que ocorram tais fenómenos meteorológicos e climáticos”.

O que nos espera?

Quais são os desafios que estas mudanças terão, concretamente, a nível nacional? O Roteiro Nacional para a Adaptação 2100 (RNA2100), que avaliou a vulnerabilidade do território às alterações climáticas no século XXI, identifica quatro efeitos das alterações climáticas que terão um impacto particular sobre o turismo.

Está em causa um aumento das temperaturas e maior frequência e intensidade das ondas de calor; os períodos de seca que poderão afectar estruturas e serviços, desde campos de golfe e piscinas até sistemas de irrigação de parques e jardins; incêndios florestais, com forte impacto no turismo de natureza; e ainda a erosão costeira e inundações potenciadas pela subida do nível do mar, que ameaçam a segurança das pessoas e colocam riscos para as próprias infra-estruturas.

As consequências destes fenómenos climáticos poderão ter impactos no património natural e cultural, “incluindo os *hotspots* de biodiversidade, as cidades históricas, monumentos e sítios arqueológicos”, enumera o RNA2100. “O aumento previsto das temperaturas, as alterações nos extremos de temperatura e nos padrões de precipitação e os fenómenos meteorológicos extremos podem acelerar a degradação dos ecossistemas e do património cultural, diminuindo a sua atractividade para os turistas e comprometendo a sua preservação a longo prazo.”

Portugal, que planos?

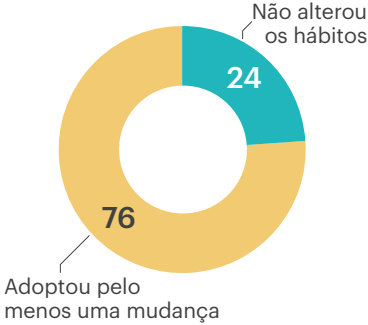
No Plano Nacional de Energia e Clima para 2030 (PNEC2030), o turismo é identificado como um sector de “especial efeito multiplicador”, pela sua “influência directa no consumidor e nas cadeias de fornecimento”, em matéria de gestão e consumo sustentável e na dinamização de “comportamentos de baixo carbono”.

Para a vice-presidente executiva da Associação de Hotelaria de Portugal,

10,1%

Na lista das preocupações dos que viajam dentro da Europa, os fenómenos meteorológicos extremos surgem em quinto lugar (10,1% dos viajantes)

20,8%

No topo está antes o aumento dos custos relacionados com a inflação (20,8%), que gera sentimentos de insegurança, e a instabilidade económica

Cristina Siza Vieira, “a hotelaria está a fazer o que pode relativamente à sua pegada”. “Estamos no caminho não apenas da mitigação, mas da compensação do impacto”, entre iniciativas de economia circular (por exemplo, reaproveitamento de têxteis) ou protocolos de plantação de árvores, além de uma tentativa de ligação à comunidade residente. No interior, em particular, o turismo tem um “efeito potenciador muito maior”, podendo contribuir para a coesão territorial.

No relatório da OCDE sobre tendências e políticas de turismo em 2024, aliás, Portugal tem direito a um pequeno destaque a propósito dos objectivos estratégicos para o desenvolvimento sustentável do sector plasmados na Estratégia para o Turismo 2027, sob o lema “O turismo como pólo de desenvolvimento económico, social e ambiental em todo o território”.

Entre as oito metas no âmbito dos três pilares da sustentabilidade (social, ambiental e económico), três são de âmbito ambiental: conseguir que mais de 90% das empresas adoptem medidas de eficiência energética, promovam uma utilização eficiente da água nas suas operações e desenvolvam acções eficientes de gestão de resíduos.

Contudo, sob um olhar mais atento, é possível perceber *nuances*. Entre os cinco principais desafios para o turismo em Portugal nos próximos dez anos identificados no processo participativo que deu corpo à Estratégia para o Turismo 2027, as alterações climáticas não estavam entre as preocupações de longo prazo.

O que já se sabe sobre as soluções?

Afinal, estamos preparados para receber turistas em temperaturas que podem tornar-se muito elevadas? Para acomodar não apenas os turistas mas também os seus habitantes, as cidades terão de investir em abrigos de calor e fontes de água, promover meios de transporte acessíveis e com baixas emissões, criar espaços verdes. “Temos de adaptar as cidades, que convocam cada vez mais gente”, resume Cristina Siza Vieira.

Outro contributo do turismo pode vir através do edificado: no plano director municipal de Cascais, por exemplo, foi incluída a indicação de não utilizar cores muito escuras nos edifícios, o que faz com que estes retenham mais calor. O *business as usual*, contudo, sobrepõe-se às novas regras: “Andamos muito preocupados, mas depois na prática os edifícios aparecem com condições que não devíamos fazer no Sul da Europa, continuam a fazer aqueles hotéis de cores escuras”, lamenta António Lopes, professor no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa, que fez parte da equipa técnica na revisão do documento. Em conclusão, afirma, “em Portugal ainda estamos a gastar como se não estivesse a acontecer nada”.

É aí que o poder político pode ajudar a acelerar o passo. António Lopes, que tem apoiado autarquias na elaboração dos seus planos de adaptação climática, dá o exemplo do Algarve, onde vários autarcas “já perceberam que é preciso fazer alguma coisa rapidamente, em particular nos concelhos mais ribeirinhos — os que vão ter problemas”.

Reporte de sustentabilidade

No relatório sobre tendências e políticas de turismo em 2024, a OCDE nota ainda que, “embora a sustentabilidade esteja cada vez mais integrada” nas estratégias de turismo em muitos países, os objectivos de desempenho “ainda se centram tipicamente em medidas económicas”. É necessário ir mais longe, sublinha o relatório, “olhando para além dos objectivos históricos de chegadas e despesas turísticas e centrando-se nas necessidades específicas do país ou destino”.

Ligando a actividade turística ao planeamento do território, em particular o planeamento urbano, António Lopes nota um pensamento “mais reactivo do que proactivo” em matéria de adaptação. O investigador tem notado o interesse de alguns operadores que começam a perceber que é preciso começar a agir antes que a situação climática se agrave — “mas o interesse desvanece enquanto não começar a pesar no fluxo de caixa das empresas”. “Só vamos resolver o problema quando os economistas se meterem nisso”, brinca.

Essa mudança acabará por vir, em parte, através das obrigações de reporte em matéria de sustentabilidade. Cristina Siza Vieira explica que há uma “previsão de que esta vai ser uma exigência dos mercados, quer da banca e seguros, quer de operadores que procuram certificação, quer dos turistas mais sensíveis a estes temas”.

Governo prepara-se para tirar poderes aos condóminos no alojamento local

Luís Villalobos

Projecto de lei do executivo prevê que os condóminos tenham de provar que um AL provoca incómodo antes de o fechar

O diploma que o Governo aprovou em Conselho de Ministros (CM) com alterações ao alojamento local (AL) torna mais difícil aos condóminos eliminar ou evitar que haja este tipo de negócio no seu prédio, invertendo o que foi aplicado pelo anterior executivo socialista.

De acordo com o projecto de lei a que o PÚBLICO teve acesso, e que foi enviado à Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) e às regiões autónomas, o executivo passa a incluir na lei (n.º 128/2104) que a actividade de AL numa fracção autónoma "não constitui uso diverso do fim a que é destinada", embora permita que haja a proibição do exercício da actividade de alojamento local no título constitutivo da propriedade horizontal, em regulamento de condomínio ou através de deliberação posterior da assembleia de condóminos.

No futuro, se tudo ficar tal como foi aprovado em CM no passado dia 8 de Agosto, uma deliberação do condomínio para proibir a existência de AL "deve ser aprovada pela assembleia de condóminos por maioria representativa de dois terços da permilagem do prédio e produz efeitos para futuro, aplicando-se apenas aos pedidos de registo de alojamento local submetidos em data posterior à deliberação".

Neste momento, de acordo com a alteração aplicada pelo PS, "sempre que o estabelecimento de alojamento local seja registado em fracção autónoma de edifício em regime de propriedade horizontal que se destine, no título constitutivo, à habitação", isso tem de ser precedido "de decisão do condomínio para uso diverso de exercício da actividade de alojamento local". Esta parte da actual lei será revogada.

Em relação aos AL já existentes, a actual lei prevê que a assembleia de condóminos, desde que reúna dois terços da permilagem do edifício, "pode opor-se ao exercício da actividade" de AL, "salvo quando o título constitutivo expressamente preveja a utilização da fracção para fins de alojamento local ou tiver havido deliberação expressa da assembleia de condóminos a autorizar" o negócio.

Este ponto dois do artigo 9 da lei é substituído por uma formulação muito mais favorável ao sector de arrendamento de curta duração, com a nova lei a estipular que a assembleia de condóminos pode opor-se ao exercício da actividade de AL na referida fracção, "através de deliberação fundamentada aprovada por mais de metade da permilagem do edifício".

Provar que há incómodo

Será preciso, no entanto, "fundamento na prática reiterada e comprovada de actos que perturbem a normal utilização do prédio, bem como de actos que causem incómodo e afectem o descanso dos condóminos", tendo de solicitar uma decisão do presidente da câmara.

Esta fórmula para o encerramento de um AL aproxima-se da que existia até ao PS modificar a lei e que levantava dúvidas sobre o que era a "prática reiterada e comprovada de actos que perturbem a normal utilização", e como é que isso se provava.

Em caso de cancelamento, determina-se "a imediata cessação da exploração do estabelecimento" de AL. Mas só dura por cinco anos

Agora, de acordo com a proposta do Governo liderado por Luís Montenegro, a assembleia de condóminos terá de enviar a respectiva deliberação ao presidente da câmara, que toma a decisão final sobre o cancelamento, "bem como sobre outras medidas que lhe sejam propostas em relatório final do procedimento de cancelamento".

Em caso de cancelamento, diz o projecto que o Governo se prepara para transformar em lei, determina-se "a imediata cessação da exploração do estabelecimento, sem prejuízo do direito de audiência prévia". No entanto, fixa-se em cinco anos o máximo do tempo de cancelamento do AL.

Câmara pode intervir

É também colocada em cima da mesa uma nova alternativa de conciliação, podendo o presidente da câmara "convidar os intervenientes à obtenção de um acordo". Este procedimento tem de ser concluído em 60 dias, "com aprovação de relatório final, e conter as soluções e propostas de medidas a adoptar, ou a conclusão de inviabilidade de acordo, com vista a decisão final do órgão competente".

MANUEL ROBERTO

Governo já chamou "erros" às mudanças ao AL feitas pelo PS

Por parte da associação do sector, a Alep, esta sempre considerou como negativo o poder acrescido dos condóminos atribuído pelo PS. No seu *site*, a Alep exprime a expectativa de que as mudanças anunciadas pelo Governo incluam, em vez do que apelida "proibições disfarçadas", como a "possibilidade de cancelamento de um AL sem justa causa", encontrar "outras formas dos condomínios actuarem, mas sempre de forma justificada".

Quando anunciou novas alterações ao sector, já após ter anulado a contribuição extraordinária do AL, o ministro da Presidência, Leitão Amaro, afirmou que tinha sido aprovado um diploma que eliminava "alguns erros crassos, como a intransmissibilidade de licenças, [e] a caducidade ao fim de cinco anos". Nada foi dito sobre os condomínios.

Criação do "provedor" do AL

O ministro afirmou ainda que deviam ser os municípios "a tomar decisões sobre as regras de funcionamento do AL nas zonas de maior pressão". E, de facto, as alterações à lei trazem consigo o fim da caducidade e intransmissibilidade das licenças, bem como responsabilidades acrescidas para as autarquias.

Na proposta de lei, começa-se por referir que os municípios "podem aprovar um regulamento administrativo tendo por objecto a actividade do alojamento local" no seu território, legislando que, nos casos em que há mais de mil AL, "a assembleia municipal deve deliberar expressamente se exerce" esse poder regulamentar.

"Os municípios que não aprovem a deliberação prevista no número anterior ficam impedidos de cobrar a taxa municipal turística de estadia em alojamento local", de acordo com o documento enviado à ANMP e às regiões autónomas.

O Governo propõe também a criação da figura do "provedor do alojamento local", de modo que este "apoie o município na gestão de diferendos entre os residentes, os titulares de exploração de estabelecimentos de alojamento local e os condóminos".

Áreas de contenção e crescimento sustentável

Autarquias ficam com mais responsabilidades

Com as câmaras a recuperarem capacidade de intervenção (a Alep já tinha pedido que se voltasse a dar poderes às câmaras, mas "reforçados", em vez da "suspensão cega por todo o litoral"), o Governo pretende criar as áreas de "contenção" e de "crescimento sustentável". Assim, os municípios deverão poder determinar a "existência de áreas de contenção e áreas de crescimento sustentável, por freguesia ou união de freguesias, no todo ou em parte, para instalação de novo alojamento local". Sobre as áreas de contenção, estas são aquelas em que se perceba que há uma sobrecarga de AL, evitando novas aberturas, enquanto as de crescimento sustentável são as que requerem monitorização, de modo a "prevenir uma situação de sobrecarga". No regime das áreas de contenção poderá haver "situações excepcionais" que permitem novos AL e, por outro lado, também poderá haver o estabelecimento de "limitações proporcionais à transmissibilidade dos novos números de registo". **L.V.**

NELSON GARRIDO

A precariedade dos cientistas é central nas reivindicações de investigadores em Portugal há mais de uma década

Das bolsas à carreira: como se contratam cientistas em Portugal?

As instituições receberam anteontem os resultados do novo mecanismo para contratar investigadores para a carreira. Financiamento será parcialmente assegurado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Tiago Ramalho

Concursos para aqui, concursos para ali. A vida de um cientista em Portugal (e na maioria dos países europeus, na verdade) rege-se por candidaturas para garantir o dinheiro necessário à sobrevivência dos projectos ou a existência de um salário. A atribuição de 1100 vagas para concursos em instituições portuguesas através do FCT-Tenure, anteontem, abriu um novo capítulo na contratação de cientistas: contratos permanentes e directamente para a carreira científica ou para a carreira docente (com este mecanismo, podem ser contratados para ambos). Mas, afinal, o que mudou e como é que são contratados os investigadores em Portugal?

Não faltam modalidades, embora o paradigma esteja em mudança – ou num esforço para tal. Avançámos de um emprego assegurado através de bolsas para um sistema científico maioritariamente alicerçado em contratos a prazo de seis anos através dos concursos de estímulo ao emprego científico ou da apelidada “norma transitória”. Agora, o intuito é garantir contratos permanentes, terminando com a precariedade (não de todos) através de uma ajuda económica da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), a principal instituição financiadora de ciência em Portugal – e tutelada pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação. Afinal, existem quase 3000 investigadores com contratos precários em Portugal.

De onde surgiu este FCT-Tenure?

O FCT-Tenure é a maior bandeira do mandato de Elvira Fortunato, que

tutelou a ciência nos dois anos do último Governo do PS. Em Julho do ano passado, a antiga ministra anunciou dois concursos para colocar 1400 investigadores na carreira científica ou docente – entretanto foram anunciadas mais 100 vagas, perfazendo um total de 1500 lugares de carreira. “Estamos a fazer história”, defendia numa audição parlamentar nesse mesmo mês de 2023.

O mecanismo é um fruto da necessidade de sempre: dar resposta aos vínculos precários da maioria dos cientistas portugueses, que têm contratos a prazo de seis anos, no máximo. As 1500 vagas anunciadas estão divididas em dois concursos: o primeiro, de 2024, com 1100 posições distribuídas pelas instituições portuguesas anteontem; o segundo, em 2025, com outras 400 já estipuladas.

Estas posições foram pedidas pelas instituições científicas e de ensino superior consoante as necessidades identificadas por estas entidades. No total, houve 2211 candidaturas - o dobro das vagas em aberto para o concurso deste ano. Destas mais de 2000 candidaturas, os vários painéis de avaliação internacionais seleccionaram as propostas que consideraram mais relevantes, mediante critérios como a estratégia da instituição e a justificação da necessidade de abrir aquele lugar para a carreira – seja docente ou científica. Os lugares de carreira aprovados para cada instituição terão agora de ser abertos a concurso internacional durante os próximos meses.

A intenção do FCT-Tenure é dar aos investigadores em situação precária uma oportunidade de entrar numa das duas carreiras (docente ou científica). Entre as 2211 propostas, 42% destinavam-se a posições para a carreira docente, algo que tem preocupado as organizações do sector científico, dada a prioridade que as universidades dão ao ensino, sobretudo com as aposentações de professores no ensino superior que se prevêem para os próximos anos. Contas feitas às posições aprovadas, entre as 1100 vagas atribuídas, 398 foram para a carreira docente e 702 para a científica.

No entanto, a abertura destas vagas não significa que estes 1500 cientistas a contratar (juntando os 1100 de 2024 e os 400 do próximo ano) serão todos actuais investigadores com contratos a prazo e com um histórico de precariedade na ciência portuguesa. As instituições que viram ser-lhes atribuídas posições abrirão um concurso internacional a que qualquer pessoa poderá concorrer – como acontece em todos os concursos.

O que acontece agora?

Agora entramos precisamente na fase dos concursos, em que as instituições abrirão os concursos internacionais com os perfis específicos, consoante a proposta que tinham feito à FCT.

O financiamento para estas posições abertas através do FCT-Tenure será disponibilizado para todos os concursos iniciados depois de 31 de Julho de 2023 e até 31 de Julho de 2025. Ou seja, também poderão ser pagos alguns concursos que já abriram ao longo do último ano. Inclusive, algumas instituições apressaram os trâmites e têm aberto concursos para várias posições de carreira (docente e científica) nos últimos meses – confiando que pelo menos parte dos pedidos seria aprovada. Além destes concursos já abertos, os próximos meses trarão cerca de um milhar de editais com lugares de carreira para doutorados.

E quem não abrir todas as posições previstas neste prazo? Poderá ficar de fora da próxima. A FCT avisa que essas entidades poderão ser excluídas da próxima edição do FCT-Tenure, que tem 400 vagas previstas para o concurso de 2025.

Como será financiado?

O FCT-Tenure é um regime de co-financiamento, em que a FCT oferece um incentivo à contratação de investigadores. Como tal, os primeiros anos terão dinheiro injectado pela própria FCT.

Nos primeiros três anos, a agência de financiamento científico pagará 67% dos salários de todas as vagas abertas. Ou seja, confirmando-se os 1100 cientistas contratados, todas as instituições de acolhimento só terão de se preocupar com um terço dos vencimentos. Há, no entanto, uma vantagem para as vagas abertas para a carreira científica: há um co-financiamento da FCT (em 33%) de outros três anos para estas posições.

O FCT-Tenure embora abra portas à integração de 1500 investigadores nas carreiras, tem colocado um peso acrescido sobre estas instituições, sobretudo com as queixas das universidades de que será difícil arcar com os vencimentos totais daqui a três anos (ou seis anos, no caso das contratações para a carreira científica).

Onde entra aqui o Aliança Ciência?

O Aliança Ciência é um outro mecanismo independente para apoiar a contratação de cientistas para a carreira. É diferente do FCT-Tenure – embora possa ser usado em conjunto. Neste caso, este mecanismo distribuiu 20 milhões de euros por universidades e politécnicos, que pode ser aplicado na contratação de 1055 doutorados para a carreira de investigação científica.

Por que é diferente? Este mecanismo cinge-se apenas às contratações para a ciência (exclui a docência) e, portanto, pode ser usado para outros concursos abertos para a carreira científica que não estejam abrangidos pelo FCT-Tenure – até porque estas 1055 vagas exclusivamente para a ciência são superiores às 702 vagas atribuídas para a carreira científica no FCT-Tenure. É, portanto, outro incentivo à contratação permanente de investigadores.

O financiamento do Aliança Ciência cobre um terço (33%) dos encargos salariais com os cientistas, conforme ficou definido na proposta assinada entre o anterior Governo e as instituições de ensino superior.

Ora, e em que são sobreponíveis? Estes 33%, caso sejam usados nas vagas abertas através do FCT-Tenure para a carreira científica, colmataram a fatia que faltava – uma vez que os 67% são co-financiados através do FCT-Tenure. Ou seja, no limite, as instituições terão as carreiras científicas pagas a 100% (caso conjuguem os dois mecanismos) nos primeiros três anos.

Há um senão neste Aliança Ciência. Estes 20 milhões de euros para acomodar 33% dos salários com cientistas só foram concertados para 2024, sendo que ainda não há garantias de que este programa esteja presente nos próximos orçamentos do Estado – e o novo Governo da Aliança Democrática ainda não deu novidades sobre este dossier (apesar das perguntas enviadas pelo PÚBLICO).

E os concursos que já existiam?

O instrumento primordial para contratar investigadores até este ano eram os famosos “CEEC”, ou seja, os Concursos de Estímulo ao Emprego Científico, muito concorridos e com baixas taxas de aprovação – em 2024, apenas 14,6% das 2746 candidaturas foram aprovadas (uma taxa de aprovação recorde). Eram estes concursos que ditavam boa parte dos contratos a prazo de seis anos assinados pelos cientistas desde 2017. No entanto, o concurso será remodelado.

A próxima edição dos CEEC ainda terá 400 vagas, mas apenas serão abrangidas as categorias mais baixas, de investigador júnior e auxiliar. Além disso, os contratos serão de apenas três anos, em vez dos tradicionais seis anos. O intuito é que sirvam apenas de introdução à investigação científica, esperando-se depois que sejam contratados permanentemente para a carreira.

Neste momento, existem quase 3000 cientistas com contratos precários em Portugal, dos quais metade terminará esse mesmo contrato até ao final de 2026

Há outras maneiras de recrutar cientistas?

Há outras formas utilizadas para contratar investigadores em Portugal: bolsas de doutoramento, contratação para projectos de investigação ou o Programa ERC-Portugal, por exemplo.

Numa fase ainda muito embrionária da carreira, os doutoramentos funcionam (em muitos casos) como o primeiro passo no trajecto científico, ao mesmo que tempo que se completa mais um ciclo académico. Aqui, as bolsas de doutoramento são um instrumento fundamental, garantindo um salário para que o estudante se dedique à tese de doutoramento que quer desenvolver e à própria investigação.

Há também investigadores contratados especificamente para projectos que ganharam um financiamento de três a cinco anos, geralmente, e cuja verba tem prevista a contratação de um determinado número de investigadores – também nestes casos, a duração do contrato está vinculada à duração do projecto.

Por fim, desde 2022 que a FCT criou um programa para atrair e reter bolsas do Conselho Europeu de Investigação (ERC, na sigla em inglês) – as famosas bolsas milionárias da Europa. Uma das tipologias deste programa é o “Retain” (retenção, em português) que financia o recrutamento de investigadores precários para posições permanentes, caso estes investigadores tenham um projecto financiado pelo ERC activo ou concluído há menos de dois anos. O incentivo financeiro da FCT corresponde a dois anos de salários.

E fora da academia?

Apesar de a maioria dos mecanismos ser orientada para a academia, também tem havido incentivos para a contratação de doutorados e investigadores em empresas, na administração pública ou em hospitais, por exemplo. Nos últimos anos, as bolsas de doutoramento fora da academia têm recebido fortes incentivos da FCT, embora sem resultados equivalentes.

O anterior Governo tinha como meta que até 2027 metade das bolsas de doutoramento atribuídas fossem para fora da academia – um valor longínquo do previsto. Em 2022, por exemplo, foram reservadas 400 vagas para estas bolsas, mas só 103 tiveram aprovação mínima. Em 2023, novamente 400 vagas, mas os projectos de doutoramento com nota mínima também ficaram aquém – apenas 332 bolsas atribuídas fora da academia. Apenas este ano foram atribuídas todas as 450 bolsas deste tipo que estavam previamente reservadas.

Além disso, há ainda um novo Concurso de Estímulo ao Emprego Científico somente focado em colocar investigadores doutorados fora da academia. A medida tinha sido anunciada pelo anterior Governo, também em Julho de 2023, mas só deverá avançar no último trimestre de 2024 e contará com financiamento parcial da FCT aos contratos dos investigadores em empresas.

Afinal, onde entra o estatuto da carreira?

O estatuto da carreira de investigação científica encontra-se em revisão desde o ano passado, com o actual o Governo a afirmar a intenção de o levar ao Parlamento já neste mês de Setembro, depois de duas rondas de auscultação do sector científico e do ensino superior. Este novo estatuto substitui um diploma com 25 anos e que se encontra profundamente desactualizado – uma promessa renovada recorrentemente desde o Governo de Passos Coelho.

Embora o actual ministro Fernando Alexandre veja nesta uma solução para a precariedade, o estatuto por si só não abrirá concursos para a contratação permanente de investigadores. A proposta actual do estatuto facilitará a integração dos trabalhadores na carreira científica, com uniformização da avaliação de desempenho e da progressão na carreira.

É agora que se resolve a precariedade na ciência portuguesa?

Essa é a pergunta milionária. Não existem certezas sobre o que o concurso FCT-Tenure produzirá no futuro, nem os problemas que poderá criar. Se por um lado, há 1500 contratos permanentes que deverão dar entrada nas instituições portuguesas durante os próximos dois anos, também é verdade que, por outro lado, existem dúvidas sobre a sustentabilidade financeira das instituições que recebem estes doutorados do FCT-Tenure, bem como do futuro desta medida.

Os repetidos alertas de reitores ou investigadores somaram-se durante o último ano. Há quem avise sobre a sobrecarga financeira das universidades e politécnicos (daqui a três a seis anos), há quem mencione a subversão da medida para uma mera contratação para a docência, e também há quem refira que muitos investigadores continuarão precários – uma vez que há 2940 contratos precários a vigorar, segundo os números disponíveis na página da FCT.

Quanto ao futuro deste instrumento de contratação permanente, a FCT afirma que se espera que “o programa tenha uma periodicidade bienal, constituindo-se como um novo instrumento de promoção da estabilização profissional de investigadores e suas linhas de investigação”. Para já, há 400 vagas garantidas para o concurso de 2025.

Gena Rowlands (1930-2024): uma actriz de paixão

Com John Cassavetes, que foi seu marido, formou um par pioneiro do cinema independente americano. Tinha 94 anos, sofria da doença de Alzheimer

BORIS SPREMO/GETTY IMAGES

Obituário

Vasco Câmara

Até à madrugada de ontem, horas europeias, tínhamo-la connosco, a maior actriz americana viva. Já não. Morreu, aos 94 anos, na sua casa de Indian Wells, Califórnia, Gena Rowlands, nascida Virginia Cathryn "Gena" Rowlands em 1930, em Cambria, no estado norte-americano do Wisconsin. Era filha de um banqueiro e político e de uma actriz.

Foi vencedora de Emmys, de Globos de Ouro, de prémios de interpretação em festivais internacionais mas nunca ganhou o Óscar, e foi nomeada duas vezes – a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood deu-lhe um prémio honorário em 2015. Foi casada com John Cassavetes, foi a sua musa. Os dois escreveram um momento fundamental da história das imagens. O par de cinema desfaz-se hoje e solidifica-se na terra dos mitos.

A imprensa americana noticia o desaparecimento citando o filho da actriz, Nick Cassavetes, e os seus representantes, sem precisar a causa da morte. Contudo, foi ainda em Junho que Nick, realizador, em declarações à *Entertainment Weekly*, se referira à mãe e à doença de Alzheimer, que vitimara já a sua avó materna, nestes termos: "Ela está em plena demência. E é insano: vivemos já isso na nossa família, ela interpretou isso" – em *The Notebook/O Diário da Nossa Paixão*, filme de 2004 baseado no livro de Nicholas Sparks em que Nick dirigiu a mãe – "e agora cabe-nos outra vez".

"A maior actriz americana"? O famoso *Biographical Dictionary* de David Thomson ignora-a olimpicamente, pelo menos até à sua terceira edição. Para Thomson, Gena Rowlands é apenas um manual de improvisação para os actores. A BBC noticia a morte dizendo que morreu "a actriz de *The Notebook*", o que é replicado por uma multidão de *sites* e quejandos e publicações sem afecto ou cuidado. E o par Rowlands/Cassavetes não lhes diz nada, como Newman/Woodward, como Rossellini/Bergman, como Bogart/Bacall, nem os filmes em que foram colaboradores um do outro estabelecendo o modelo do negócio e da arte que se chamou "cinema independente"? Será uma paixão exclusiva da "velha e nobre" cinefilia europeia continental?

Este tipo de epítetos, "a maior actriz americana", é, de qualquer forma, traiçoeiro: Joanne Woodward, por exemplo, ainda vive... e podíamos continuar...

No entanto, bastariam três títulos, *Uma Mulher sob Influência* (1974) – até bastaria só este, o filme em que o mundo interior de uma dona de casa com "problemas psicológicos", como se diz, transborda, e o espectador é tomado pela insegurança, pela sensação de perigo –, *Noite de Estreia* (1977), no papel de uma actriz alcoólica em ensaios de nova peça, e *Gloria* (1980), o mais bem sucedido comercialmente, em que, mulher de armas, protege um miúdo perseguido por um gangue, bastariam estes para justificar absolutos. Projecto que não foi sequer iniciado por Cassavetes, nem escrito para a actriz, Gena disse ter-se divertido imenso a rodá-lo, a disparar sobre as pessoas e a correr para apanhar táxis. Da associação com Cassavetes, *Gloria* é o mais facilmente reconduzível a um género, solidificou a sua forma. Não espanta que seja o mais citado pela memória dos espectadores. O

DR

Gena e John assaltaram a utopia do lar da classe média norte-americana que fora a grande construção dos anos 50

John [Cassavestes] era único, a pessoa mais destemida que conheci

Gena Rowlands
Actriz

favorito da actriz era, contudo, *Uma Mulher Sob Influência*. Os dois valeram-lhe as nomeações para os Óscares.

Uma Mulher Sob Influência, *Noite de Estreia* e *Gloria* são três dos 10 filmes que Gena filmou com o marido John no período entre 1963 e 1984 (Cassavetes morreu em 1989). Mostram o "particular interesse empático" do realizador "pelas mulheres e pelos seus problemas na sociedade, como elas eram tratadas e como elas os resolviam e ultrapassavam o que tinham a ultrapassar" (declarações de Gena à AP em 2015).

O pessoal e o profissional

Mas a deles é uma história maior. Foi uma aventura épica e moderna a dois, a de Gena e John, ao permitir que a vida profissional invadisse a vida pessoal e a dos filhos – será mais eloquente dizer ao contrário, a vida pessoal a fundir-se na vida profissional? – porque Cassavetes e Rowlands faziam os filmes com actores que eram também seus amigos, Peter Falk, por exemplo, e muitas vezes filmavam na sua própria casa. Assim, armados da sua vida afectiva e profissional, assaltaram a utopia do lar da classe média norte-americana que fora a grande construção, a grande fachada dos anos 50, a década da explosão da televisão e do conformismo social. Isto em nome de uma outra utopia, cinematográfica: o cinema nas margens do sistema dos estúdios, aquilo que ficaria conhecido como "cinema independente". Foram salteadores, foram pioneiros. E chegaram até a ser irmãos no ecrã: *Love Streams/Amantes* (1984), o último filme que fizeram juntos, é um objecto bastante comovente porque parece sublimar a profunda irmandade destes dois legando-a aos vindouros como testamento.

Esta passagem da televisão ao cinema, do particular, do íntimo ao *bigger picture* é ensaiada, aliás, num belo e estimulante livro publicado em 2021, *Gena Rowlands, On aurait dû dormir*, de Murielle Joudet, que é menos uma biografia da actriz do que um diário da economia doméstica do casal que Gena, a partir de 1954, formaria com John Cassavetes. Eram ambos actores, começaram integrados na máquina televisiva que explodia naqueles anos, várias vezes actuaram juntos. Foram figurantes do *boom* económico. Citando esse ensaio: "Ao contrário do movimento centrípeto das medíocres *sitcoms* da época [anos 50 e 60], em que os membros de uma mesma família convergiam todas as noites para o lar com alegria forçada, *Faces* será o filme de uma energia centrífuga".

Faces (1968), assinala, então, o primeiro momento de esplendor profanador do cinema de Cassavetes, sendo um filme de pendor abstracto – não é o primeiro dele como realizador; esse foi *Shadows*, em 1959, e faria ainda experiências na máquina hollywoodiana, *Too Late Blues* (1961) e *A Child is Waiting* (1963), este já com Rowlands. É o início do resgate, por parte de dois criadores, da sua carreira artística. Cassavetes começaria decididamente a encarar a sua vida de actor (por exemplo, em *A Semente do Diabo*, de Roman Polanski) como forma de pagar os seus filmes. E com eles faria justiça aos talentos, que ele julgava pouco aproveitados, da mulher.

Gena começara de facto uma carreira televisiva, em que chegou a ser filha de Bette Davis, em que participou em episódios das séries mais icónicas da era como *Alfred Hitchcock Presents*, e de uma carreira teatral. Corriam os anos 50. Se percorrermos os títulos dos trabalhos para teatro nessa época, encontramos, por exemplo, *O Pecado Mora ao Lado/The Seven Year Itch* (a peça de George Axelrod que tornou Marilyn Monroe estrela de cinema com o filme de Billy Wilder) e um *Middle of the Night*, encenado por Joshua Logan, a partir do texto de Paddy Chayefsky, em que Rowlands está apaixonada pelo patrão, homem mais velho (Edward. G. Robinson).

Hollywood também não lhe devotou grande interesse, o que ela retribuiu porque se ausentava dos ecrãs sempre que queria, pedindo escusa dos seus contratos, por causa de uma gravidez (teve três filhos com Cassavetes, Nick, Zoe e Alexandra) ou outra razão familiar.

Permaneceu paladina de Cassavetes. No Festival de San Sebastian, em 1992, disse que queria que toda a gente visse os filmes do realizador. "John era único, a pessoa mais completamente destemida que conheci". Haveria vida depois da morte de Cassavetes. Não só porque Gena refez a sua intimidade, casando-se com o empresário Robert Forrest, que lhe sobrevive. Mas porque chegaram até ela Woody Allen, cineasta no seu período de maior ferocidade criativa (*Another Woman/Uma Outra Mulher*, 1988), Terence Davies (*The Neon Bible/A Bíblia de Néon*, 1995, erigida a monumento pela cinefilia afectiva do britânico) ou Jim Jarmusch com o aluado *Night on Earth/Noite na Terra* (1991) – Jarmusch não se esqueceu, obrigado Jim!, postou no seu Instagram: "*You are the greatest ever.*" Gena Rowlands regressaria à TV para participar de um momento histórico, o telefilme *An Early Frost*, a primeira vez que a TV norte-americana tratou como ficção de grande público, era a noite de 11 de Novembro de 1985, o tema da sida.

Coura: a meditação falhada de André 3000, a igreja rap-gospel de Killer Mike

Mariana Duarte

O tiro de partida do festival fez-se com flautas, guitarras, neo-soul, R&B e rap. A edição 2024 continua até sábado

FOTOS: PAULO PIMENTA

Killer Mike montou no palco principal de Paredes de Coura uma igreja rap-gospel e narrou um retrato da América negra

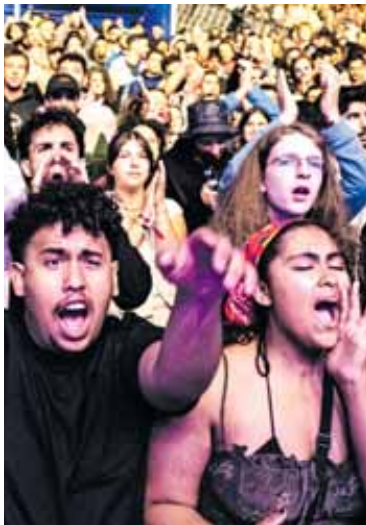
Uma imagem do horizonte de Atlanta com as placas das ruas Martin Luther King Jr. (nascido em Atlanta) e Hamilton E. Holmes (médico ortopedista, um dos primeiros afro-americanos admitidos na Universidade da Geórgia, cuja capital é Atlanta) ao fundo do palco. No centro, um coro gospel com cinco vozes, ladeado por um DJ e encabeçado por Killer Mike. Estão vestidos de branco. O concerto arranca com o pulso sísmico de *Down by law*, abertura de *Michael*, álbum do rapper de Atlanta. A voz destemida que evoca ícones do activismo negro não descarrila. No final, lança um "ámen".

Killer Mike, ou Michael Santiago Render, trouxe canções para montar em Paredes de Coura uma igreja rap-gospel e narrar um retrato da América negra. Do racismo à violência policial, da gravidez adolescente ao abismo das drogas. Há dores e conquistas, há histórias familiares e traumas geracionais, há fé no rap, na marijuana e no amor; há *black pride* e *black power*.

Cabeça de cartaz do primeiro dia de Coura, quinta-feira, o rapper que atingiu sucesso planetário com a dupla Run The Jewels voltou a Portugal trajado de reverendo. Não faltaram palavras de apoio ("quero transmitir empatia a todos os toxicodependentes", disse em jeito de introdução a *Something for junkies*), sobressalto cívico ("não estamos aqui só para fazer mexer o rabo, mas também a mente"), dor & luto partilhado (com *Motherless*, homenageia as mulheres que o criaram, a mãe Denise, que engravidou aos 16 anos, e a avó Betsy), agradecimentos a Portugal, que "faz festa rija" e tem "boa marijuana".

Num concerto suficientemente instigante para nos fazer aguentar das pernas às três da manhã, entre o hip-hop de Atlanta, também conhecido como hip-hop do Sul, berço de Killer Mike nos anos 1990, o trap ou o rap tingido a soul, R&B e brisa jazzística na linhagem dos Fugees e Lauryn Hill, não teria brilhado nem metade sem o seu coro gospel. Um portento. Foi especial o momento em que cada uma/um fez um solo, com versões de versos icónicos de Whitney Houston pelo meio.

"Quero que esta noite seja uma experiência espiritual enriquecedora", lança. Desejo ambicioso, para o qual não contribuem as contradições do rapper, que apoiou o democrata Bernie Sanders nas corridas à Casa Branca em 2016 e 2020.

Ao mesmo tempo que diz estar solidário com quem está agarrado às drogas, chama de falhados aos que se encontram nessa situação (ouça-se *Spaceship views*). Ao mesmo tempo que denuncia as desigualdades sociais, exalta desbragadamente a sua conta bancária. Não, já não é o "homem do povo" que a voz vinda do fundo do palco anunciava. Mas a fé também poderá ser isto: aceitar as incoerências humanas.

Killer Mike não teria brilhado nem metade sem o seu coro gospel. Um portento

Não vai dar, André 3000

Umas horas antes, subia ao palco "o homem que mudou a vida" de Killer Mike: André 3000, rapper e cantor dos Outkast, uma das bandas mais influentes do hip-hop, que mostraram ao mundo Killer Mike no disco *Stankonia* (2000). Era um dos nomes mais aguardados desta edição. Pelo estatuto granjeado nos Outkast, mas também pela curiosidade de ver ao vivo e a cores a sua nova *persona*.

André 3000 já não é a figura garrida e exuberante dos Outkast. Deixou de lado o hip-hop, viragem anunciada com *New Blue Sun* (2023), álbum de *ambient/ jazz/ new age* dominado pelo seu novo amor, as flautas. Tudo mudou quando saiu de Atlanta para ir viver em Venice, LA. Consta que andava com ferozes ataques de ansiedade. Aderiu às mezinhas, daquelas que custam muitos dólares, da cultura do bem-estar californiana, o que incluiu uma sessão de ayahuasca (beberagem com propriedades psicadélicas originária de culturas ameríndias).

Um dia, entrou numa aula de respiração e ficou fascinado com uma surfista a tocar flauta. Esta apresentou-o a Guillermo Martinez, artesão de instrumentos de sopro de madeira nativos americanos e meso-americanos, que fabricou a primeira flauta de André. Tiro e queda: agora tem uma divisão inteira de sua casa preenchida por 40 flautas, de diferentes tonalidades e países.

Trouxe uma amostra para Coura, na companhia de uma banda com guitarras, percussão e electrónica. André, xamã de um concerto-meditação improvisado, André, encantador de pássaros num palco transformado numa floresta por vezes encantada, outras vezes assombrada, soube a pouco. Não é que *New Blue Sun* seja incrível, mas flui com argúcia instrumental e propriedades pacificadoras, numa altura em que qualquer mezinha que não custe muitos euros é bem-vinda. Mas esta interpretação livre do disco saiu ao lado.

André 3000 parece ter tentado emular a trip de ayahuasca que fez parte da sua terapia. Foi uma tentativa falhada de ser algo entre Laraaji, Jon Hassell e Alice Coltrane, no início com uns pozinhos do *drone-dark ambient* dos Sunn O))). Teria encaixado melhor num retiro espiritual onde os ricos vão experimentar psicadélicos para tentar encontrar o sentido da vida. E ficou evidente: André tem ainda de comer muita fruta para conseguir tocar flauta decentemente.

Teremos sempre Rio Tinto

Logo depois, no palco secundário, os 800 Gondomar foram a chapada de que o povo precisava para acordar. Às vezes, basta uma guitarra, um baixo e uma bateria a rosnar e a enroscar no sítio certo – e a cartilha do *garage punk* bem estudada – para fazer música galvanizante. O trio de Rio Tinto veio ocupar o lugar dos britânicos Bar Italia, que cancelaram o concerto na sequência da hospitalização de um dos membros da banda.

A essência do Paredes de Coura veio à tona: *mosh*, *crowd surfing*, descarga de energia, público a entoar "Rio Tinto!". *Smells like teen spirit*, mas com problemas de adulto: a crise da habitação e a precariedade sem fim à vista, como cantam em *Rio Tinto*, poesia em bruto, épico do desencanto millennial e Gen Z do mais recente disco, *São Gunão*.

Seguiu-se Sampha. O londrino está longe de ser uma das vozes mais entusiasmantes do território confluente entre a neo-soul, a electrónica e o R&B, mas acompanhado por uma banda bem oleada, ao vivo a sua música ganha uma robustez orquestral que finta o aborrecimento que é o último disco, *Lahai*.

O final de tarde fez-se com as guitarra e sintetizadores serpenteantes, a apelar à hipnose e à ginga, dos Glass Beams, numa fusão entre surf rock, música indiana e rock da Anatólia (Led Zeppelin e Altın Gün estão a passar por aqui). Escondidos por trás de máscaras diamantíferas, o trio australiano faz música sem rasgo, que parece resumir-se a uma única longa canção em *loop*. Mas foi bem-sucedido ao espalhar vibrações *shanti* por um recinto já concorrido – boa parte do público respondeu com menear de anca, mãozinha a ziguezaguear no ar a tentar algo parecida com dança do ventre e o expectável charro para sublimar as *good vibes*.

O primeiro dia do Paredes de Coura 2024 foi feito de jornadas e reflexões interiores. Umas melhores, outras piores. No geral, assim-assim. O festival continua este sábado com Sleater-Kinney, L'Impératrice e Slow J.

Mbappé, Álvarez e os treinadores: as grandes Ligas estão de volta

Ainda há 15 dias para ajustar os plantéis nos principais campeonatos, mas o Atlético Madrid está a gastar como poucos, o Wolverhampton a reforçar o contingente português e a Série A a revolucionar os bancos

Nuno Sousa

O Wolverhampton e a Udinese são os recordistas de jogadores estrangeiros (29 em 33 e 34 em 38). O Atlético Madrid encabeça a lista das compras mais caras neste mercado de transferências. O Chelsea é o clube com o plantel mais extenso (44 atletas). O PSG é o campeão dos Big5 com mais portugueses a bordo (cinco). É nestes termos que arrancam quatro dos cinco mais valiosos campeonatos de futebol do planeta (a Bundesliga arranca apenas no dia 23), para a temporada 2024-25.

O tiro de partida foi dado ontem à noite na Liga espanhola, com o Athletic Bilbau-Getafe e o Betis-Girona. É um campeonato marcado pela chegada do astro francês Kylian Mbappé ao Real Madrid, um campeão que começou a época da melhor forma, com o triunfo na Supertaça europeia, e que tentará acentuar o domínio interno face a um Barcelona em transição. Os catalães mudaram de treinador (saiu Xavi Hernández, entrou Hansi Flick) e apostaram muitas das fichas para contratar Dani Olmo (55 milhões), mesmo que o Atlético Madrid tenha sido, dos três clássicos candidatos, o que mais gastou até agora: 141,5 milhões, essencialmente distribuídos pelo avançado argentino Julian Alvarez (75 milhões, ex-Manchester City), pelo defesa espanhol Le Normand (40 milhões, ex-Real Sociedad).

Hoje é dia de começar a acompanhar a Ligue 1 e a Premier League. Dos quatro campeonatos em causa, o francês é aquele que menos jogadores deixa sair (158) e conta com o campeão logo no jogo de abertura, em casa do Le Havre. O PSG ganhou nada menos do que dez das últimas 12 edições da prova, razão pela qual continua a anos-luz da concorrência em termos de favoritismo – apesar de a chegada a Marselha do treinador Roberto de Zerbi, ex-Brighton, deixar água na boca aos adeptos do futebol ofensivo.

Mas não será só isso. Já investiu cerca de 120 milhões de euros em 2024-25 (essencialmente no médio João Neves e no central Willian Pacho) e no ar paira “apenas” a incógnita sobre a forma como irá substituir Mbappé. Para já, será com recurso ao plantel actual, mas nomes como o do avançado nigeriano Victor Osimhen (entre outros) continuam a ser considerados nas hostes parisienses.

COPA/GETTY IMAGES

Julián Álvarez trocou o Manchester City pelo Atlético Madrid, num negócio de 75 milhões de euros

14

Número de trocas de treinador na Série A, quase tantas como a Liga inglesa (cinco), a espanhola (cinco) e a francesa (sete) juntas

A Premier League 2024-25 começa logo à noite (20h) com um Manchester United-Fulham, mesmo que nenhum esteja no pelotão da frente para lutar pelo título. O favorito é o do costume, o Manchester City, numa Liga que até agora viu entrar 214 jogadores e que engloba o maior contingente de jogadores portuguese – são 22 no total, com o Wolverhampton à cabeça, graças aos sete representantes que vão desde a baliza (José Sá) ao ataque (Rodrigo Gomes, Podence, Chiquinho, Gonçalo Guedes), passando pela defesa (Nelson Semedo e Toti Gomes).

A expectativa é grande, também, para perceber o que valerá efectivamente o Liverpool pós-Jürgen Klopp. Com o neerlandês Arne Slot como treinador, os *“reds”* iniciam a competição em casa do Ipswich Town (que jogará no principal escalão pela primeira vez desde 1961-62), destacando-se pela estabilidade que estão a conseguir assegurar no plantel neste mercado. Já o Arsenal reforçou-se na defesa (contratou o guarda-redes David Raya e o central Calafiori) e procurará dar o salto definitivo rumo ao título que lhe faltou nas duas últimas temporadas, ancorado na liderança técnica de Mikel Arteta.

Estabilidade no banco é algo mais difícil de encontrar em Itália. A esse respeito, a Série A 2024-25 soma quase tantas mudanças como as Ligas inglesa, francesa e espanhola juntas. Foram 17 as mexidas nos treinadores, a começar com a chegada de Paulo Fonseca (que lidera o gigante AC Milan) e a acabar em Antonio Conte, que procurará relançar um Nápoles que caiu de produção depois do *scudetto* conquistado em 2022-23. Em ambos os casos, o objectivo será dar luta ao Inter Milão, em maré de tentar renovar o título, havendo também de contar com a Juventus, com Thiago Motta como técnico.

A Liga italiana começa apenas no sábado com um Génova-Inter e um Parma-Fiorentina à mesma hora (17h30). Será o regresso do Parma mas não só à alta-roda do futebol transalpino. Com ele transitam da II Liga o Venezia e o Como, que já não convivia com os maiores do território há 21 anos. E, claro, também com um novo treinador: Cesc Fàbregas.

Desporto

I Liga

Jornada 2

Jogo	Horário
Santa Clara-FC Porto	**17h, SPTV**
Gil Vicente-AVS	**20h15, SPTV**
Rio Ave-Farense	**sáb, 15h30, SPTV**
Nacional-Sporting	**sáb, 18h, SPTV**
Benfica-Casa Pia	**sáb, 20h30, BTV**
Moreirense-Arouca	**dom, 15h30, SPTV**
Vitória SC-Estoril	**dom, 18h, SPTV**
Boavista-Sp. Braga	**dom, 20h30, SPTV**
E. Amadora-Famalicão	**seg, 20h15, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Santa Clara	1	1	0	0	4-1	3
2 FC Porto	1	1	0	0	3-0	3
3 Sporting	1	1	0	0	3-1	3
4 Famalicão	1	1	0	0	2-0	3
5 Moreirense	1	1	0	0	2-1	3
6 Boavista	1	1	0	0	1-0	3
7 Vitória SC	1	1	0	0	1-0	3
8 AVS	1	0	1	0	1-1	1
9 Sp. Braga	1	0	1	0	1-1	1
10 Estrela Amadora	1	0	1	0	1-1	1
11 Nacional	1	0	1	0	1-1	1
12 Farense	1	0	0	1	1-2	0
13 Arouca	1	0	0	1	0-1	0
14 Casa Pia	1	0	0	1	0-1	0
15 Rio Ave	1	0	0	1	1-3	0
16 Benfica	1	0	0	1	0-2	0
17 Estoril	1	0	0	1	1-4	0
18 Gil Vicente	1	0	0	1	0-3	0

Próxima jornada Farense-Sporting, Casa Pia-Santa Clara, FC Porto-Rio Ave, Benfica-E. Amadora, Famalicão-Boavista, Arouca-Nacional, Estoril-Gil Vicente, Sp. Braga-Moreirense, AVS-Vitória SC

II Liga

Jornada 2

Jogo	Horário
Alverca-Felgueiras	**sáb, 11h, SPTV**
Oliveirense-Mafra	**sáb, 14h, SPTV**
Portimonense-U. Leiria	**sáb, 20h30, SPTV**
P. Ferreira-Marítimo	**dom, 11h, SPTV**
Feirense-Ac. Viseu	**dom, 14h, SPTV**
Vizela-Penafiel	**dom, 15h30, SPTV**
Desp. Chaves-Leixões	**dom, 18h, SPTV**
Benfica B-Torreense	**dom, 18h, BTV**
Tondela-FC Porto B	**seg, 18h, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Vizela	1	1	0	0	2-0	3
2 Penafiel	1	1	0	0	4-3	3
3 Ac. Viseu	1	1	0	0	2-1	3
4 Leixões	1	1	0	0	2-1	3
5 Feirense	1	1	0	0	1-0	3
6 Paços Ferreira	1	1	0	0	1-0	3
7 Marítimo	1	0	1	0	2-2	1
8 Tondela	1	0	1	0	2-2	1
9 Alverca	1	0	1	0	1-1	1
10 FC Porto B	1	0	1	0	1-1	1
11 Felgueiras	1	0	1	0	0-0	1
12 Portimonense	1	0	1	0	0-0	1
13 Oliveirense	1	0	0	1	3-4	0
14 Benfica B	1	0	0	1	1-2	0
15 Desp. Chaves	1	0	0	1	1-2	0
16 Mafra	1	0	0	1	0-1	0
17 Torreense	1	0	0	1	0-1	0
18 U. Leiria	1	0	0	1	0-2	0

Próxima jornada União Leiria-Alverca, Felgueiras-Feirense, Torreense-Oliveirense, Leixões-P. Ferreira, Ac. Viseu-FC Porto B, Penafiel-Tondela, Marítimo-Desp. Chaves, Mafra-Portimonense, Benfica B-Vizela

MELHORES MARCADORES

I Liga
2 golos Pedro Gonçalves (Sporting)
1 golo Clayton (Rio Ave), Ivan Jaime (FC Porto)

II Liga
2 golos Roberto (Tondela)
2 golos Zé Leite (Penafiel)

MANUEL FERNANDO ARAUJO/EPA

Evanilson prepara-se para jogar na Premier League

Evanilson deixa FC Porto a troco de 37 milhões

Nuno Sousa

Negócio com Bournemouth poderá gerar mais 10 milhões de euros aos "dragões", que discutem nos Açores a liderança da Liga

Cabe ao FC Porto e ao Santa Clara darem o pontapé de saída para a 2.ª jornada da Liga portuguesa de futebol (17h, SPTV). Actualmente, são dois dos líderes da prova, sendo que este embate nos Açores acontece numa altura em que os "dragões" já não contam com Evanilson. O avançado, activo importante do clube nas últimas épocas, vai mudar-se para a Premier League, em concreto para o Bournemouth, num negócio que permitirá um encaixe de 37 milhões de euros (mais 10 por objectivos) aos "azuis e brancos".

"Evanilson não está na convocatória e obviamente que é sempre impactante, a 24 horas do jogo, perder um jogador tão influente", admitiu Vítor Bruno, treinador do FC Porto, que enfatizou os números de golos e assistências acumulados pelo brasileiro desde que chegou a Portugal, em 2021, mesmo num contexto de limitações físicas em muitos casos. "Faz falta, mas fará mais falta quem neste momento está cá e que terá de dar a resposta."

Faz falta o avançado, mas, num contexto de dificuldades financeiras, à SAD também farão falta os 37 milhões que o Bournemouth, 12.º classificado da Liga inglesa em 2023-24, se apresta para pagar pelo jogador. Um valor ao qual poderão ainda acrescentar-se 10 milhões em função de objectivos desportivos definidos no contrato.

Evanilson, que fez 25 golos em 42 jogos pelos "azuis e brancos" em 2023-24, deixa assim a Liga portuguesa quatro anos depois de ter chegado, oriundo do Fluminense (na altura a troco de 8,8 milhões de euros). Na presente temporada, a participação na Copa América atrasou a chegada ao Dragão e o treinador, Vítor Bruno, tem vindo a apostar em Namaso na frente de ataque.

Na mesma janela de mercado, e depois da transferência de Taremi para o Inter Milão, a custo zero, o FC Porto perde as duas grandes referências do ataque. Actualmente, no plantel, Danny Namaso, Toni Martínez e Fran Navarro são as opções mais válidas para desempenhar a posição nove, sendo que o mercado de Verão termina apenas no final do mês e os "dragões" irão ainda a tempo de reforçar o sector.

Não é só Evanilson a abandonar o Dragão nesta altura. Fábio Cardoso, central que curiosamente representava o Santa Clara (adversário desta tarde) antes de assinar pelos "dragões", está de saída para o Al Ain, dos Emirados Árabes Unidos, por empréstimo válido por uma temporada. Vítor Bruno também não poupou elogios ao jogador, que nas últimas três épocas participou em 78 jogos pelo clube.

"Às vezes nós olhamos para aqueles que são titulares absolutos e indiscutíveis e cujas perdas serão muito sentidas pela perda que são e pelo que representam. O Fábio, não sendo um titular indiscutível e tendo perdido algum espaço também no ano passado, é alguém que é um profissional. É daqueles com que dá gosto de trabalhar, tem carácter acima daquilo que é muitas vezes normal encontrar num balneário."

Sp. Braga passa em Genebra e enfrenta Rapid Viena

Paulo Curado

Dois golos dos minhotos na Suíça, na estreia de Carlos Carvalhal, deixaram pelo caminho um Servette que ainda criou problemas

Os austríacos do Rapid Viena são o derradeiro obstáculo do Sp. Braga na sua demanda pela Liga Europa. Os minhotos confirmaram ontem um lugar no *play-off*, após eliminarem os suíços do Servette, em Genebra, por 1-2, na segunda mão da terceira pré-eliminatória de acesso à prova. Um resultado bem melhor do que a exibição nos dois encontros.

Em partida de estreia, o novo técnico Carlos Carvalhal promoveu duas novidades face ao "onze" bracarense da primeira mão. Vítor Carvalho e El Ouazzani entraram para os lugares de Roger (que logo aos 17' substituiria o lesionado João Moutinho) e Roberto Fernandéz, com o treinador a ser feliz com a aposta no avançado franco-marroquino.

Tal como na primeira mão, há uma semana, em Braga, que acabou com um nulo no marcador, foram os suíços quem assumiu as principais despesas ofensivas nos instantes iniciais, faltando a qualidade técnica para uma melhor definição. Os lançamentos em profundidade para as costas dos defesas centrais bracarenses ou à procura das alas para cruzamentos não foram excessivamente complicados de anular.

Mais uma vez bastante organizado, o Servette – recentemente goleado pelo Basileia (6-0), para o campeonato helvético – investiu em reforçadas cautelas defensivas, que começavam numa pressão muito alta. Ficavam dificultadas as saídas dos minhotos, que preferiam apostar na expectativa do que em imprimir uma maior intensidade à partida ou num futebol mais apoiado.

A primeira oportunidade dos portugueses surgiu aos 31', na melhor jogada da equipa, que não tinha conseguido até então ligar os sectores. Mas acabou por ser nos instantes finais da primeira parte que os "arsenalistas" chegaram à vantagem, que pouco justificavam até então.

Na jogada, iniciada na área bracarense, Bruma tocou para Ricardo Horta, com este a solicitar Víctor Gómez, que cruzou rasteiro para Ouazzani – que reforçou esta temporada a equipa – a empurrar para as redes. Estava apontado o primeiro golo da eliminatória. Inconformado, o Servette carregou mais na segunda metade e quase chegou ao empate, aos 52', mas Crivelli falhou o alvo, talvez na mais flagrante oportunidade dos suíços.

Do outro lado, a eficácia bracarense voltou a fazer a diferença, noutra jogada colectiva, mais uma vez com Ricardo Horta e Bruma. O antigo extremo do Sporting lançou Vítor Carvalho, que picou a bola perante a saída do guarda-redes para um golo simples de Roberto Fernandéz.

Já nos descontos da partida, um erro defensivo do Sp. Braga permitiu o golo de honra ao Servette, o primeiro sofrido pelos minhotos esta temporada (Kutesa, 90+1'). Mas foi tarde para os suíços.

SALVATORE DI NOLFI/EPA

Sp. Braga resolveu a eliminatória fora de portas, depois do 0-0

Vitória SC continua em alta na Liga Conferência

Nuno Sousa

Minhotos, que ainda não sofreram golos, bateram novamente o Zurique e apuraram-se para o *play-off* da competição

A eliminatória já estava praticamente sentenciada desde o jogo da primeira mão, na Suíça, onde o Vitória SC se impôs ao Zurique por 0-3. Em Guimarães, os vimaranenses limitaram-se ontem a confirmar a superioridade sobre o actual líder da Liga helvética (2-0) e garantiram, com total justiça, uma vaga no *play--off* da Liga Conferência.

Com quatro alterações face ao encontro da primeira mão, o Vitória SC apresentou o mesmo índice de organização que tem evidenciado desde que Rui Borges assumiu o comando da equipa. Sem consentir espaços a um Zurique que se dispôs em 4-4-2, coleccionou as melhores oportunidades do primeiro tempo, a primeira perto do quarto de hora, com uma transição ofensiva que só não foi perfeita porque a finalização de João Mendes, já no centro da área, ficou aquém do exigido.

Manuel Silva foi titular no meio-campo do Vitória SC e assinou um grande golo no segundo tempo

Aos 35', foi outro esquerdino a desperdiçar uma ocasião soberana: Ricardo Mangas surgiu isolado, mas demorou demasiado a tomar a decisão e viu o remate ser interceptado. E dois minutos mais tarde foi Nuno Santos a atirar de forma espontânea, sem preparação, vendo a bola sair rente ao poste esquerdo.

O intervalo chegava sem golos, mas com claro ascendente vimaranense. Até que, aos 58', uma jogada de insistência terminou com assistência de recurso de Tiago Silva e remate perfeito de Manuel Silva, em arco, que ainda resvalou no poste antes de se traduzir no 1-0.

Fazia-se justiça, que ganhou autoridade redobrada aos 70', quando Arcanjo, acabado de entrar e depois de grande lance individual de Jesus Ramírez, assinou o segundo golo. Estava confirmado o triunfo e o encontro marcado com os bósnios do Zrinjski Mostar, no *play-off* da prova, dentro de uma semana.

O despacho n.º 8206-A/2024: também tu, IPDJ?

Opinião

José Manuel Meirim

1. Regressámos. Revisitemos o passado recente. O despacho acima referenciado, publicado no dia 23 de Julho, da autoria conjunta do ministro dos Assuntos Parlamentares e da ministra da Juventude e Modernização, veio proceder à dissolução do conselho directivo do Instituto Português do Desporto e Juventude I.P. e ainda à cessação do mandato de todos os seus membros. Esta solução é justificada por diversos considerandos (blá, blá e blá) e ainda porque "considerando que imprimir uma nova orientação à gestão do IPDJ, I. P. implica necessariamente a alteração da composição do seu conselho directivo." Sobre a perspectiva política do despacho e da sua oportunidade temporal, não nos debruçamos. Não é o nosso terreno de jogo.

2. Porém, sentimo-nos tentados a sustentar uma percepção não muito positiva deste instituto público, independentemente dos seus dirigentes máximos. Não conhecendo – confesso – toda acção do IPDJ, os seus meios e recursos humanos, é para nós claro que pelo menos a função fiscalizadora do IPDJ, agora e no passado, não se pautou pela efectividade exigível aos poderes públicos. Como sou ateu, na mais abrangente acepção do conceito – nem em mim tenho fé –, não creio que a mudança de nomes, só por si, coloque no pódio essa menosprezada função.

3. Mas este acto não responde, para já, àquilo que julgamos determinante quanto à resposta pública no domínio do desporto, a saber, o seu desligar da Juventude. Posição, aliás, sustentada por parte do associativismo desportivo, desde logo pelo Comité Olímpico de Portugal.

A previsão de um secretário de Estado só para o desporto foi um bom sinal. Contudo, tudo se foi desmoronando, com a inclusão do desporto, no programa do Governo, no pilar da juventude.

E o golpe de misericórdia foi dado pelo decreto-lei n.º 32/2024, de 10 de Maio, que veio aprovar o regime de organização e funcionamento do XXIV Governo Constitucional.

Aí, no artigo 16.º, n.º4, estabelece-se que o ministro dos Assuntos Parlamentares exerce, exclusivamente no que respeita a matérias de desporto, os poderes de superintendência e tutela sobre o Instituto Português do Desporto e Juventude, I. P., conjuntamente com a ministra da Juventude e Modernização.

Do outro lado da moeda, no artigo 26.º, n.º 3 alínea b), afirma-se que a ministra da Juventude e Modernização exerce os poderes de superintendência e tutela sobre o Instituto Português do Desporto e Juventude, I. P., sem prejuízo das competências do ministro dos Assuntos Parlamentares, no que respeita às matérias de desporto.

4. Independentemente das testemunhas e convidados, é este casamento organizativo que não nos merece aprovação. A "dissolver" com urgência, diríamos nós. Como diria um amigo meu, o casamento é uma opção errada; mas tem um remédio, o divórcio.

Professor de Direito do Desporto

Diário de Um Cientista

Em 2021 viajei para a ilha do Príncipe para estudar como é que os mamíferos introduzidos impactam uma ave muito especial: o tordo-do-príncipe. Os macacos mostraram ser um importante predador

Um predador pouco provável empurra o tordo-do-príncipe para a extinção

Página 14

Patrícia Guedes Texto
André Carrilho Ilustração

Discreto e enigmático, o tordo-do-príncipe, de nome científico *Turdus xanthorhynchus*, existe apenas na ilha do Príncipe e é uma das aves mais ameaçadas do planeta. Esta espécie não foi avistada durante mais de 50 anos, tendo reaparecido em 1996, altura em que ainda era considerada uma subespécie do tordo-de-são-tomé, que vive na ilha de São Tomé. Em 2010, houve provas genéticas, morfológicas e acústicas suficientes para ser reconhecido como uma espécie independente. Sem nenhum exemplar em cativeiro, as estimativas apontam para que existam menos de 500 tordos-do-príncipe na natureza. Foi esta ave que fui estudar à ilha do Príncipe, em 2021.

Como espécie, estima-se que o tordo-do-príncipe exista há cerca de quatro milhões de anos. Nessa altura, os *Australopithecus* caminhavam por África e o *Homo sapiens* ainda estava longe de surgir no horizonte. Apesar de ser tão antiga, pouco se sabe sobre aquela ave, nomeadamente a viabilidade genética da população, a preferência e disponibilidade de alimentos, o comportamento de acasalamento e a selecção do parceiro, o sucesso reprodutivo e o impacto dos mamíferos introduzidos na população.

Esta ave só é encontrada na floresta nativa da ilha do Príncipe, situada perto da costa de África, no golfo da Guiné, e junto à linha do equador. Devido à desflorestação para a plantação de cana-de-açúcar, cacau e café, a floresta cobre apenas 21% da ilha. A desflorestação começou no século XV, quando a ilha foi colonizada e quando novas espécies começaram a ser introduzidas no Príncipe. Este termo refere-se a qualquer ser vivo que é transportado, propositadamente

A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Façam todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em** publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista

ou não, para um local onde antes não existia.

Até à nossa chegada, os únicos mamíferos presentes na ilha eram morcegos e musaranhos, que não apresentam perigo para as aves. Com os humanos vieram ratos, gatos, cães, civetas africanas e macacos, hoje dispersos por toda a ilha. Com mais de metade das extinções de aves ligadas a mamíferos introduzidos, não é de estranhar que estes animais possam estar ligados ao declínio do tordo.

Evoluir numa ilha sem predadores fez o tordo perder o medo de ser predado. Ele é até curioso e aproxima-se das pessoas na floresta. Este tipo de comportamento é muito comum em aves que evoluíram em ilhas que nunca estiveram ligadas ao continente e torna-as muito vulneráveis quando chegam espécies predadoras. O dodó, endémico das Maurícias, no oceano Índico, evoluiu em condições semelhantes e apresentava o mesmo tipo de comportamentos. Em menos de 100 anos, após a chegada dos humanos, estava extinto, predado tanto pelos humanos como pelos mamíferos que vieram com eles.

A minha história no Príncipe

O primeiro vislumbre da ilha do Príncipe tirou-me o fôlego. Toda a vegetação da ilha é de um verde exuberante, rico e a transbordar de vida. As montanhas estão cobertas de uma floresta densa que ocupa desde o cume mais alto até à areia branca das praias, onde um mar cristalino ondula suavemente. Para mim, é o mais próximo de um paraíso na Terra.

Maravilhei-me e apaixonei-me por aquela ilha. Não só pela sua beleza natural, mas pelas pessoas, que me receberam tão bem, pela comida de deixar água na boca e saudade no coração e pelo ritmo de vida, "leve-leve", como lá se diz. Fiquei cinco meses, mas a ilha e toda a experiência ainda vive num cantinho do meu coração, onde vou sempre que as saudades apertam. É incrível como uma ilha tão pequena, nem duas vezes o tamanho da cidade de Lisboa, pode ser tão especial.

Durante aquela temporada trabalhei com a Fundação Príncipe, uma organização não-governamental local, para percebermos a relação entre os mamíferos introduzidos e o declínio do tordo-do-príncipe. Optámos por realizar uma experiência de larga escala no campo: íamos construir ninhos que imitassem os do tordo (o mesmo tamanho, formato e materiais usados), pôr dois ovos de codorniz lá dentro e colocá-los nas árvores. Em frente a este ninho artificial, montámos uma armadilha fotográfica - uma câmara fotográfica que tira fotos ou vídeos quando detecta movimento. Ao simular um ninho natural, esperávamos perceber o que se estava a passar com o tordo-do-príncipe, com a ajuda das armadilhas fotográficas.

A equipa de campo era formada por um supervisor de projecto, Yodiney "Yodi" dos Santos, dois assistentes de campo, Ayres Pedronho e Aramis Andrade, e eu. Éramos liderados pelo Yodi, conhecido como "capitão do mato", e contávamos com a ajuda indispensável do Ayres e do Aramis para a colocação dos ninhos e das armadilhas fotográficas. Já eu era responsável por assegurar que tínhamos todo o material necessário para o estudo, garantir que estávamos a seguir os protocolos definidos e recolher e analisar os dados.

Logo na segunda localização em que estávamos a instalar os ninhos artificiais, algo de extraordinário aconteceu: a equipa encontrou um ninho de tordo-do-príncipe! Infelizmente, não estava lá na altura da descoberta do ninho, mas lembro-me do entusiasmo com que recebi a notícia e da excitação por saber que ia poder ver um ninho natural. Foi no dia 6 de Maio de 2021. A equipa colocou uma armadilha fotográfica em frente ao ninho para registarmos o que ia acontecer. Dois meses depois, regressámos para recuperar as fotos.

O ninho estava no Pico Príncipe, o ponto mais alto da ilha. Apesar de ter menos de um quilómetro de altitude, foi uma subida desafiante e foram precisas várias horas para chegar ao local do ninho. Fomos deixados na comunidade mais perto, atravessámos um rio e embrenhámo-nos na floresta.

É-me difícil descrever o que senti ao caminhar na floresta do Príncipe. Ouve-se a vida da floresta: o restolhar das folhas, o chamamento dos macacos, o assobio do papagaio-cinzento e o canto melancólico do chóchó, um guarda-rios azul, preto e branco que gosta de ver o que estamos a fazer. Sentimos o ar pesado com humidade e a roupa a colar-se ao corpo, encharcada em suor. Mas mesmo quando o corpo se queixava, havia um sentimento de pertença e de "casa" que ainda não desapareceu.

> **“O primeiro vislumbre da ilha do Príncipe tirou-me o fôlego. Toda a vegetação da ilha é de um verde exuberante, rico e a transbordar de vida. As montanhas estão cobertas de uma floresta densa que ocupa desde o cume mais alto até à areia branca das praias, onde um mar cristalino ondula suavemente. Para mim, é o mais próximo de um paraíso na Terra**

Aproximámo-nos devagar do ninho, tentando não causar qualquer perturbação. Estava em alerta, olhando na direcção do mais leve ruído. Ainda não tinha visto nenhum tordo e esta parecia ser a oportunidade perfeita. Enquanto tirávamos a armadilha fotográfica, o Yodi subiu à árvore e confirmou o pior: o ninho estava abandonado.

Foi um momento triste. Tínhamos esperança de boas notícias. Com uma população tão pequena, todas as tentativas contam e um ninho abandonado mostra um esforço de um casal de tordos que não resultou. Vimos muito rapidamente as fotos da armadilha fotográfica e a primeira imagem era logo a de um macaco a inspeccionar o ninho com a mão.

O macaco e o tordo

Nas semanas anteriores, já tínhamos sido surpreendidos com fotos de macacos, obtidas pelas câmaras fotográficas, a predarem ovos de codorniz nos nossos ninhos artificiais. Por essa razão, já suspeitávamos que eles também pudessem alimentar-se de ovos do tordo-do-príncipe. Agora, tínhamos provas de que, de facto, tentam. De todos os animais introduzidos na ilha, esperávamos que os ratos fossem o principal problema, já que a chegada destes roedores a sítios novos tende a ser devastadora para o ecossistema. Mas aqui parece não ser o caso.

Só há uma espécie de macaco na ilha: o macaco-mona (*Cercopithecus mona*), nativo da África Ocidental. Pensa-se que a chegada deste macaco à ilha esteja directamente ligada ao tráfico transatlântico de pessoas escravizadas, em que se utilizavam os portos desta região. Na altura, era comum os marinheiros comercializarem animais exóticos que também eram os seus animais de estimação. Apesar de não se saber uma data exacta da sua chegada, os registos históricos relatam a presença de macacos na ilha a partir do século XVII. Esta espécie tem uma dieta maioritariamente herbívora, comendo frutos, folhas e raízes. No entanto, sabe-se que podem alimentar-se de ovos e crias de aves, pequenos répteis e insectos, se tiverem oportunidade.

Ao verificar as fotos com mais atenção, pude ver que os macacos visitaram o ninho de tordo cinco vezes. Os tordos aparentavam estar a ocupar o ninho, mas não conseguimos ver se em algum momento puseram ovos. Apesar de não sabermos se houve predação, vimos que houve bastante perturbação por parte dos macacos, o que poderá ter sido o suficiente para causar o abandono do ninho.

Infelizmente, não encontrámos mais nenhum ninho durante a minha estadia no Príncipe. No entanto, tive a oportunidade de ver tordos duas vezes quando fomos colocar os ninhos artificiais na parte sul da ilha. Com o Yodi a liderar o caminho, avançávamos pela floresta em fila indiana e em amena cavaqueira. Sem aviso, o Yodi pára e faz sinal para pararmos de falar. Uns segundos depois, vejo um movimento mais adiante no trilho e reparo num tordo calmamente pousado numa rocha. Estava longe, mas, mesmo assim, consegui ver os traços que definem esta ave: o peito castanho pintalgado de branco, asas e dorso castanho e bico bem amarelo. Foi uma sensação indescritível. A escassos metros de mim estava um dos poucos exemplares do mundo de um tordo-do-príncipe. O tordo rapidamente seguiu a sua vida, voando e pousando no chão, e nós continuámos a nossa caminhada, mas aquela imagem vai estar para sempre guardada na minha mente.

A segunda vez foi mais fugaz, tendo apenas conseguido um pequeno vislumbre de um tordo que andava a saltitar por entre a vegetação paralela ao trilho que seguíamos. Ainda parámos para o tentar ver melhor, mas as ervas densas serviram-lhe de abrigo e perdemos-lhe o rasto.

O futuro do tordo-do-príncipe é incerto. Estamos a trabalhar na publicação dos resultados do estudo com os ninhos artificiais, que indicam o macaco como o maior predador de ovos de ave. No entanto, não é claro que medidas é que podem ser adoptadas para melhorar esta situação. Os esforços para se saber mais sobre esta ave continuam, com esperança que mais conhecimento nos mostre outras maneiras de salvá-la. Seria uma perda imensurável se o tordo-do-príncipe se extinguisse. Espero que este estudo, apesar de modesto, ajude a manter o canto do tordo na sinfonia da floresta do Príncipe.

Patrícia Guedes

Técnica de campo

Sou bióloga, com mestrado em Biologia da Conservação. Tenho feito trabalho de campo em diferentes ambientes, desde ilhas desérticas a florestas tropicais, mas, nos últimos anos, tenho trabalhado maioritariamente em África e especialmente em países tropicais. Um dos lugares onde estive foi na ilha do Príncipe, onde estudei uma espécie de ave endémica ameaçada de extinção.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Ecologia e Conservação de Florestas Tropicais (Rainforets)

A minha fotografia favorita

Leonel de Castro nasceu na Alemanha (Münster, 1973), mas tem as suas raízes bem firmadas em Trás-os-Montes. É fotojornalista no *Jornal de Notícias* e no grupo onde este diário se insere. Numa carreira que incluiu também a docência, conquistou várias distinções, como o Poy-Pictures of the Year International e os prémios da Society for News Design, Visão, Fuji Fotojornalismo Portugal, Estação Imagem, além ainda do Prémio Pacheco de Miranda para reportagens realizadas em Timor-Leste, África do Sul e EUA. As suas obras têm sido apresentadas em exposições individuais e colectivas, e em publicações como *Pare, Escute, Olhe* (Civilização Editora), *Minhotos de Pele Salgada* e *Lugares Alentejanos na Literatura Portuguesa* (Estação Imagem) e *Um Território Musealizado – Museu da Memória Rural*. O seu mais recente ensaio documental, *Despojos de Guerra*, deu já um fotolivro e uma exposição, patente, até Outubro, no Centro Português de Fotografia (Porto).

Mais em Instagram: @leonel_de_castro e Facebook: Leonel de Castro

Leonel de Castro

"Vi esta menina a voar pelos céus no meio da catástrofe"

"Captei esta fotografia mal cheguei à cidade da Beira, em Moçambique, após a passagem do ciclone *Idai*, que destruiu por completo a província de Sofala e deixou milhares de pessoas desalojadas. O desastre ocorreu em 14 de Março de 2019, mas só duas semanas depois cheguei ao território, com os meus colegas José Miguel Gaspar, do *Jornal de Notícias*, e Céu Neves, do *Diário de Notícias*. Esta imagem foi feita no dia 1 de Abril.

A cidade era apenas destruição: as árvores estavam completamente despidas, as casas sem telhado, muros derrubados… E ainda havia aldeias alagadas. No meio de tal desolação e num ambiente que parecia de guerra, vi esta menina, em plena Avenida na Beira, a voar pelos céus num baloiço, no meio das árvores despedaçadas. Depois de a fotografar, ainda tentei falar-lhe, mas ela não dominava o português, apenas um dialecto moçambicano. A fotografia, porém, não precisava da voz dela.

Temos aqui o confronto entre a paz e a guerra. A paz, transmitida pelo voo a rasgar os céus, pela calma e pela pose da miúda no baloiço, que contrasta com a destruição provocada por uma catástrofe natural. Estas árvores que se vêem à volta da menina deviam estar verdes, frondosas, mas aparecem totalmente despidas, esvaziadas de vida pelos ventos ciclónicos.

No contexto do trabalho jornalístico, feito em conjunto com os redactores, sabemos o que se passa fora de campo, fora da fotografia. E aqui ganha importância toda a composição da imagem. A menina está colocada em voo no lado direito, antevemos que quando ela fizer o movimento descendente irá saltar deste cenário - dá-nos a ideia de que vai atravessar os céus.

Há também a parte cromática: temos o céu azul, vivo, que nos transmite também muita tranquilidade, mas que, ao mesmo tempo, vai contrastar com todo o cenário de desolação com que fomos confrontados por todo o distrito da Beira.

Creio que este é um trabalho de fotojornalismo puro e duro: regista um acontecimento que não estava agendado, não estava previsto, e respeita o paradigma do género: tanto do ponto de vista técnico, como estético, como informativo, responde às exigências do trabalho do fotojornalista.

Publiquei a fotografia no *Jornal de Notícias* e no *Diário de Notícias*, logo no início de Abril, mas ela foi já também mostrada em várias exposições e, em 2020, foi classificada como 'Fotografa do Ano 2019' no Concurso Internacional de Fotojornalismo Estação Imagem."

Depoimento recolhido por Sérgio C. Andrade

7 dias 7 Fugas

A encarrilar por jardins, pitéus e o Camões em festa

Da arte limiana de bem jardinar até ao guia castromarinense do bem trajar vai a cozinha portuguesa num comboio histórico, a caminho de uma Lisboa estrelada e outros festivais. *Sílvia Pereira*

Ponte de Lima

P'ra me perder nesses recantos

Com a criatividade como motor, a sustentabilidade em mente e, este ano, com *O Imaginário na Arte dos Jardins* à solta. É neste tom que acontece o 19.º Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima. Todos os anos se deixa renovar por 11 projectos efémeros seleccionados por um painel de especialistas. Os deste ano vêm de mais de uma dezena de países, com títulos como *Olho Interior* (na imagem), *Constelação da Imaginação*, *O Mar de Areia*, *Intenção Paradoxal*, *O Portal dos Sentidos* ou *O Sonho Imaginário de Uma Infância Asiática*. Junta-se-lhes *Viva la Vida*, da argentina Victoria Magnano, herdado da edição de 2023 por ter sido o mais votado. As portas estão abertas até 31 de Outubro, das 10h às 19h (excepto às segundas de manhã). A entrada fica a 1€ para adultos e a custo zero até aos 12 anos. Só mais uma dica: a uns passos, há uma piscina.

Vila do Conde

Vai honrar o Camões, à portuguesa

Ingredientes para a 24.ª edição da Cozinha à Portuguesa: cinco restaurantes regionais, outras tantas petisqueiras, três tabernas, mais de 70 bancas, demonstrações culinárias, cantares e dançares, uma livraria e uma pitada de memórias poéticas. A grande feira de gastronomia assenta arraiais nos jardins da Avenida Júlio Graça a partir de hoje. Ali fica até dia 25, pronta a saciar a vontade de degustar, num único lugar, sabores de todo o país. Este ano, aventura-se também em "pratos que evocam as memórias dos *Lugares de Camões*". São servidos no restaurante temático, a propósito dos 500 anos do nascimento do poeta. A partir de amanhã, a feira sorve inspiração também de *showcookings* diários. Está aberta todos os dias até à meia-noite, a partir das 15h entre sexta e domingo e a partir das 17h nos outros dias, com entrada livre. Os restaurantes servem entre as 12h e as 14h30.

Vale do Douro

Com o histórico em linha

Todos a bordo: está em marcha "uma viagem no tempo ao longo do deslumbrante vale do Douro", anuncia a CP – Comboios de Portugal. É que o Comboio Histórico do Douro está de volta aos carris, desde meados de Junho, e não promete menos que "uma experiência verdadeiramente autêntica e inesquecível". Puxadas por uma locomotiva a vapor com quase cem anos (a CP 0186, construída em 1925), as cinco carruagens da composição, datadas de entre 1908 e 1934, percorrem os 36 quilómetros que ligam as estações da Régua e do Tua, com paragem no Pinhão e oferta de vinho do Porto, doces típicos e animação. O comboio faz-se à linha até 27 de Outubro, quartas-feiras, sábados e domingos, com partida às 15h30. O embarque custa 28€ para crianças e 54€ para adultos.

Ílhavo

"Tau, tau, tau/ vira o bacalhau"

O fiel amigo torna a ter honras de festival no Jardim Oudinot, até domingo. As muitas formas de o preparar revelam-se em tasquinhas e demonstrações culinárias. Exposições temáticas e visitas ao navio-museu *Santo André* (guiadas por antigos tripulantes "que recordam aventuras em alto-mar") enaltecem a sua importância histórica. Os vinhos da Região Demarcada da Bairrada e o pão do vale de Ílhavo juntam-se ao Festival do Bacalhau. Artesanato, jogos, animação de rua, desporto, oficinas e um Forte das Brincadeiras para os miúdos são outros atractivos, assim como competições tão emblemáticas como a Corrida Mais Louca da Ria (amanhã, às 15h) ou a Volta ao Cais em Pasteleira (domingo, às 17h). E se antigamente, nas secas tradicionais, se cantava "tau, tau, tau/ vira, vira, vira/ tau, tau, tau/ vira o bacalhau" para espantar o cansaço, agora canta-se com artistas como GNR, Áurea ou Buba Espinho para atiçar a festa. A entrada é livre; as visitas ao navio vão de 1,50€ a 3€. O programa detalhado está em www.cm-ilhavo.pt.

Lisboa

Luzes, ruínas, acção (outra vez)!

Mais de 170 mil pessoas já ficaram a olhar para a parede e a ver estrelas desde 2018, o ano de estreia do *Lisbon Unders Stars*. A 22 de Agosto, o espectáculo imersivo de *video mapping*, saído do ateliê Ocubo, regressa para nova temporada. Instala-se no Convento do Carmo para evocar o sismo que o deixou em ruínas, em 1755, e outros episódios históricos dos últimos seis séculos, seja a Batalha de Aljubarrota ou a Revolução dos Cravos. Para contar as histórias, contribuem a narradora Catarina Furtado, as vozes de Mariza, Amália, Teresa Salgueiro, Salvador Sobral, José Afonso e Coro de Câmara Lisboa Cantat, a música de Lopes-Graça, Freitas Branco, Tocá Rufar, Rão Kyao, Paulo Marinho e Orquestra de Câmara da GNR, o bailado virtual coreografado por Catarina Casqueiro e Tiago Coelho, e a arte urbana de Add Fuel, Daniel Eime, Vanessa Teodoro e Mafalda M. Gonçalves. A experiência, que dura cerca de 45 minutos, volta a estar à vista de segunda a sábado, às 21h, com sessões também às 22h de quinta a sábado. A entrada custa entre 15€ e 20€, sendo gratuita até aos cinco anos.

Grândola

Vila morena em festa

Os encantos, os recursos e as potencialidades do Litoral Alentejano estão em foco na Feira de Agosto de Grândola, a maior da zona e uma das mais antigas do país. Ocupa o Parque de Feiras e Exposições, entre os dias 22 e 26. Acolhe centenas de expositores, ansiosos por dar a conhecer produtos regionais de gastronomia e artesanato, além de actividades económicas. Entrega o palco a artistas como Supa Squad, T-Rex, Nininho Vaz Maia, Marisa Liz (na imagem), Mariza ou Fernando Daniel. Proporciona baptismos equestres, um festival hípico, passeios de charrete, animação de rua, sevilhanas e mais. Sempre sintonizada com Abril, a terra da fraternidade dá-lhe uma atenção ainda mais especial este ano, por causa do cinquentenário, com uma exposição. Tudo com entrada livre. Mais informações em www.cm-grandola.pt.

Castro Marim

Em bom rigor, à luz das tochas

Feiras medievais há muitas. Mas esta ostenta o orgulho do rigor no estandarte. Acontece no castelo – "o cenário mais leal possível", frisa a organização – e disponibiliza um *Guia do Bem Trajar* para quem quiser recuar nos séculos a preceito (e, assim, não pagar entrada). Os portões dos Dias Medievais de Castro Marim reabrem entre 21 e 25 de Agosto para a 25.ª edição. À luz das tochas, ao ritmo de música profana e ao sabor de gastronomia que remete para a época, a vila algarvia raiana deixa-se povoar por cavaleiros, realeza, artesãos, guerreiros, gaiteiros, jograis, malabaristas, contorcionistas, zaragateiros, bobos, encantadores de serpentes, falcoeiros, contadores de histórias... O programa passa ainda por torneios a cavalo, uma exposição de instrumentos de tortura, um espectáculo de *video mapping* em honra do castelo, banquetes à luz das tochas e a experiência de ser rei por uma noite. A animação começa às 17h (no último dia, às 16h) e termina à meia-noite. O preço do bilhete diário vai dos 4€ aos 8€; o passe, de 8€ a 16€. O banquete fica a 50€; a experiência real, a 60€.

Cinema

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt

Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Ryuichi Sakamoto - Opus M12. 19h45; **Banel & Adama** M12. 13h25; **A Última Sessão de Freud** M12. 15h15; **A Ama de Cabo Verde** M12. 13h40; **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 15h35 (VP), 17h45 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 21h45; **A Ilha Vermelha** M12. 17h25; **Crossing - A Travessia** M14. 19h25; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 17h20; **Oh Lá Lá!** M12. 15h25, 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h20, 17h50, 21h45; **Alien: Romulus** M16. 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h25 (VP); **Yupumá** M12. 20h20; **Sobretudo de Noite** M12. 19h30

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h45, 15h50 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 15h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h20, 15h30, 19h50 (VP), 19h25, 21h30, 23h40 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 19h10, 21h40, 23h30; **O Coleccionador de Almas** M16. 22h, 00h05; **Oh Lá Lá!** M12. 20h, 24h; **Armadilha** M12. 21h55; **Borderlands** M12. 21h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h20, 19h, 21h35, 00h10; **Alien: Romulus** M16. 13h10, 15h30, 19h20, 21h50, 00h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 15h40, 21h45, 24h; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** 13h15, 15h15 (VP)

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Banel & Adama M12. 17h40; **A Ilha Vermelha** M12. 19h20; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 15h45, 21h30

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h30, 15h55, 18h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 16h15, 18h35 (VP), 20h55 (VO); **Um Lugar Silencioso: Dia Um** M14. 18h55, 21h15; **Divertida-Mente 2** M6. 13h15, 15h45, 18h15 (VP), 20h45 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h10, 15h50, 18h30, 21h20; **Tornados** M12. 13h45, 16h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 23h50 (2D), 18h40, 21h40 (3D); **O Coleccionador de Almas** M16. 21h05, 23h35; **Armadilha** M12. 19h15, 21h45; **Borderlands** M12. 13h50, 16h20, 18h50, 21h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h10, 19h, 21h50; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 13h55, 16h25 (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h25, 16h05, 18h45, 21h25; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 13h30, 16h, 18h40, 21h20, 23h55; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h40, 16h20 (VP)

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h10, 15h30, 17h50 (VP); **A Última Sessão de Freud** M12. 20h50; **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h50, 16h20, 18h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h40, 16h, 18h20 (VP), 21h, 23h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 20h30, 23h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h25, 16h10, 19h, 21h50, 23h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h30, 15h50, 19h, 21h20, 23h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h45, 16h50, 20h25; **Alien: Romulus** M16. 13h10, 15h50, 18h30, 21h10, 23h50

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h20, 15h40 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h50, 16h20, 18h40 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h30, 15h50, 18h, 18h30 (VP), 20h50, 23h30 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 21h50, 00h20; **Armadilha** M12. 17h50, 20h30, 23h20; **Borderlands** M12. 21h20, 24h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h40, 17h30, 21h, 00h10; **Alien: Romulus** M16. 12h40, 15h30, 18h10, 21h10 23h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 13h, 16h, 18h45, 21h30, 00h15; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 14h, 17h, 20h40, 23h40; **Alien: Romulus** M16. Sala Imax - 13h10, 16h, 18h50, 21h40, 00h30

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h50, 13h40, 16h15, 18h35 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 16h, 18h30 (VP), 21h (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h10; **Deadpool & Wolverine** M12. Sala Atmos - 13h10, 16h05, 19h, 22h, 23h40; **Armadilha** M12. 18h15, 21h05; **Borderlands** M12. 13h15, 15h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h25, 16h30, 20h45, 23h45; **Alien: Romulus** M16. 13h20, 16h20, 19h05, 21h50, 23h30

Medeia Nimas
Depois do Ensaio M12. 17h30; **O Rosto** M16. 13h30; **A Prisão** 22h; **Uma Luz nas Trevas** 15h30; **A Torre Sem Sombra** 19h15;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h40, 15h50, 18h15, 21h05 (VP); **Ryuichi Sakamoto: Coda** M12. 13h55, 16h10, 18h25; **Banel & Adama** M12. 14h25, 19h30; **A Última Sessão de Freud** M12. 13h25, 16h, 18h35; **Horizon: Uma Saga Americana - Capítulo 1** M14. 21h10; **Divertida-Mente 2** M6. 14h, 16h25, 18h45 (VP), 21h15 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 16h50, 21h40; **Tornados** M12. 18h30, 21h20, 23h55; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h30, 16h15, 19h05, 21h55, 23h45; **O Coleccionador de Almas** M16. 19h30, 21h35, 24h; **A Ilha Vermelha** M12. 13h35, 18h40; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 16h40, 19h25; **Oh Lá Lá!** M12. 14h10, 16h45, 19h15, 21h25; **Armadilha** M12. 19h15, 21h35, 00h15; **Borderlands** M12. 14h05, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h05, 18h55, 21h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h30, 17h (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h45, 16h30, 19h10, 21h50, 00h10; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 16h20, 21h30, 00h05; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** 14h35, 16h55 (VP); **Mais Que Nunca** 13h15, 15h55; **Stree 2** 21h

Estreias

A Torre Sem Sombra

De Zhang Lü. Com Xin Baiqing, Huang Yao, Tian Zhuangzhuang. China. 2023. 144m. Dra. M12.

Gu conhece Ouyang, uma jovem fotógrafa que luta contra o trauma de ter sido abandonada em criança, com quem inicia um relacionamento amoroso. Quando ele descobre o paradeiro do pai, de quem perdeu o rasto há mais de 40 anos, é encorajado por ela a tentar uma reaproximação.

Sobretudo de Noite

De Víctor Iriarte. Com Lola Dueñas, Ana Torrent, Manuel Egozkue , María Vázquez. FRA/ESP/POR. 2023. Drama, Negro. M12.

Na juventude, Vera deu o seu filho para adopção, passando o resto da vida a tentar recuperá-lo. Cora, que nunca conseguiu engravidar, optou por cuidar de uma criança sem família. Um dia as duas mulheres encontram-se. São ambas mães de Egoz, que está prestes a fazer 18 anos.

Alien: Romulus

De Fede Alvarez. Com Isabela Merced, Cailee Spaeny, Archie Renaux. EUA/GB. 2024. 119m. Terror, Ficção Científica. M16.

Com realização do uruguaio Fede Álvarez, este filme segue jovens colonizadores que ao explorarem uma estação espacial abandonada se deparam com perigosos seres alienígenas.

Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa

De Luis Ismael. POR. 2024. Com Jorge Neto, Luís Ismael, J. D. Duarte e João Pires. 113m. Comédia. M14.

Rato, Tone, Culatra e Bino, o mais famoso grupo de "cromos" do Norte, são obrigados a regressar às origens, que é o mesmo que dizer às casas dos pais e têm mais algumas coisas para dizer.

Gracie e Pedro - Dupla Improvável

De Kevin Donovan, Gottfried Roodt. Com Bill Nighy (Voz), Brooke Shields (Voz), Danny Trejo (Voz), Al Franken (Voz). África do Sul/CAN/EUA. 2024. 87m. Animação, Comédia. M6.

Gracie é uma cadelinha de raça pura, orgulhosa e cheia de si; Pedro é um gato auto-suficiente que, apesar de muito acarinhado, nunca chegou a deixar alguns dos seus hábitos de vadio. Os dois tinham uma relação difícil até se perderem dos donos.

Harold e o Lápis Mágico

De Carlos Saldanha. Com Zachary Levi , Zooey Deschanel. EUA. 2023. 82m. Animação. M6.

Quando uma história é escrita, as personagens ficam presas ao papel. Mas o que aconteceu a Harold foi algo bastante inusitado. Criado dentro de um livro, ele tem um lápis mágico que materializa absolutamente tudo o que é possível desenhar. Um dia, decide desenhar uma porta que o faz atravessar para o mundo real.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	—
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel e Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Borderlands	—	★☆☆☆☆	—
Deadpool & Wolverine	—	★☆☆☆☆	—
Depois do Ensaio	★★★★☆	★★★★★	★★★★★
Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
Geração Low-Cost	—	★★★☆☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Mais que Nunca	—	★☆☆☆☆	★★☆☆☆
Mulheres que Esperam	—	★★★★★	★★★★☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆
A Travessia	★★☆☆☆	★★★☆☆	★★☆☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Amadora

Cinema City Alegro Alfragide
C.C. Alegro Alfragide. T. 214221030
Harold e o Lápis Mágico M6. 15h20, 17h25 (VP); **A Última Sessão de Freud** M12. 22h; **Gru 4** M6. 15h25 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 15h40, 17h15, 18h20, 19h30, 21h45, 24h (VP), 15h55, 17h55, 19h55, 21h55, 24h (VO); **Tornados** 19h35, 00h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 15h50, 17h20, 18h30, 19h15, 21h45, 23h40; **O Coleccionador de Almas** M16. 20h, 00h05; **Oh Lá Lá!** M12. 15h20, 20h, 21h55, 23h50; **Armadilha** M12. 22h; **Borderlands** M12. 21h35; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h45, 19h10, 17h30, 21h30, 00h10; **Alien: Romulus** M16. 15h35, 18h50, 21h40, 00h15; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 15h15, 21h55, 00h15; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h15 (VP)

UCI Cinemas - Ubbo
Estrada Nacional 249/1, Venteira.
Harold e o Lápis Mágico M6. 14h10, 16h35, 18h50, 21h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h35, 15h55 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h55, 16h20, 18h45, 21h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h15, 13h25, 16h10, 18h40, 19h, 21h45, 00h20; **O Coleccionador de Almas** M16. 14h, 19h10, 00h05; **Armadilha** M12. 16h30, 21h35; **Borderlands** M12. 16h25, 18h55, 23h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h05, 18h55, 21h40, 23h45; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h15 (VP); **Alien: Romulus** M16. 13h45, 16h, 16h25, 19h05, 21h30, 21h50, 00h15; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 18h35, 21h05, 24h; **Stree 2** 21h

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro
Campo das Cordoarias. T. 212069440
Gru - O Maldisposto 4 M6. 16h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 18h45 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20; **Oh Lá Lá!** M12. 21h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20; **Alien: Romulus** M16. 21h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 13h30, 19h05; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h55 (VP)

Sintra

Castello Lopes - Alegro Sintra
Alegro Sintra, Alto do Forte. T. 219184352
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h25, 15h25, 17h25 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h10, 17h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 14h15, 16h30, 18h45, 21h, 23h30 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 21h35; **Deadpool & Wolverine** M12. 13h35, 16h10, 18h45, 21h20, 23h55; **Oh Lá Lá!** M12. 19h35, 00h10 **Armadilha** 00h15; **Borderlands** M12. 19h25; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h20, 16h, 18h40, 21h20, 23h50; **Alien: Romulus** M16. 14h, 16h30, 19h, 21h30, 24h; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35, 00h05; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 15h25 (VP)

Loures

Cineplace - Loures Shopping
Quinta do Infantado, Loja A003.
Harold e o Lápis Mágico M6. 12h30, 14h, 16h, 18h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 12h30, 14h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h50, 19h, 21h30; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** M6. 12h30 (VP); **Armadilha** M12. 21h40; **Borderlands** M12. 20h, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 16h10, 18h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 14h20 (VP); **Alien: Romulus** M16. 14h20, 16h50, 19h20, 21h50; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** M14. 17h, 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 13h, 15h (VP)

Oeiras

Cinemas Nos Oeiras Parque
C. C. Oeirashopping. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 12h55, 15h20, 17h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 16h20, 19h10 (VP); **Podia Ter Esperado por Agosto** 20h45; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h45, 15h45, 18h35, 21h35; **Oh Lá Lá!** M12. 12h50, 15h10, 18h, 20h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h35, 15h30, 18h25, 21h20; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 13h, 16h, 18h50, 21h50, 22h45

Lazer

FESTIVAIS

Palmela Wine Jazz
PALMELA Parque Venâncio Ribeiro da Costa (junto ao castelo). De 16/8 a 18/8. Sexta e sábado, às 19h30 (concertos às 21h30); domingo, às 18h30 (concertos às 19h e 21h30). Entrada livre; copo a 5€ (inclui duas provas)
Jazz e vinho harmonizam-se neste festival à beira do castelo. Os anfitriões musicais desta décima edição são Iiolanda (hoje), Maria João & Carlos Bica Quarteto (amanhã) e Eugénia Contente Trio e Anna Lundqvist Lisboa Cinco (amanhã). Para brindar aos concertos de fim de tarde, há provas comentadas, degustações, um *wine bar* e uma feira fornecida por nove produtores da península de Setúbal, lado a lado com outros sabores da região, como queijo, azeite e doçaria. Está também prevista uma caminhada e uma conversa sobre *As Mulheres no Vinho e nas Artes*. Carta completa em www.cm-palmela.pt.

Festival do Petisco e Festival Nacional de Folclore
LEIRIA Praia da Vieira — Largo dos Pescadores. Dias 16/8 e 17/8. Entrada livre
A segunda edição da petiscaria junta-se à 36.ª do encontro de ranchos folclóricos. Chouriça assada, carapaus fritos, moelas, torresmos e outras iguarias começam a ser servidas ao meio-dia. Hoje, às 21h, há baile; amanhã, a esta hora, actuam os ranchos. Uma feira do livro usado e a exposição *Peixeiras da Vieira* completam o cardápio.

PASSEIOS

Visitas Cantadas
LISBOA Alfama. De 5/7 a 31/8. Sexta, sábado e domingo, às 16h. Grátis, mediante inscrição: comunicacao@museudofado.pt
O Museu do Fado promove percursos pelo bairro típico lisboeta em que é o fado ao vivo, fornecido por casas da especialidade, a marcar o passo. O elenco de hoje vem das Lucindas: Jéssica Crispim canta ladeada por Rui Pedro na guitarra portuguesa e Luciano Matos na viola de fado. No domingo, a música é oferecida por Luís Carlos, Acácio Barbosa e João Machado, por cortesia da Tasquinha Canto do Fado.
Mais informações: www.museudofado.pt/evento/visitas-cantadas-6.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

EuroDreams 6 14 20 34 38 40 3

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Popular 2 8 1 8 1

1.º Prémio 75.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.524

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. O abrandamento nestes chegou e veio para ficar. Símbolo de centigrama. **2.** Foi tentada pela serpente e comeu o fruto proibido. Relativo a ermo. **3.** "Por mais (...), menos valer". Prefixo, de origem latina, que exprime a ideia de união, companhia. **4.** Terceira nota musical. Gastam todos os meses 900 euros para estudar no ensino superior. **5.** Padroeiro. Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares. **6.** Larga faixa de seda para cingir o quimono. Ajustado. **7.** Pediu à Polónia que prendesse mergulhador ucraniano em investigação sobre o Nord Stream. **8.** Organização das Nações Unidas. Pessoa, animal ou coisa a que se atribui o dom de proporcionar boa sorte. **9.** Deitar calda em. Alternativa. **10.** Está a receber 55 pedidos de ajuda por dia, mais do que no ano passado. Idónea. **11.** Lentigem. Espaço plano.
Verticais: 1. Terreno sesmado. Ditos provocatórios, sem fundamento (gíria). **2.** Capital Portuguesa da Cultura 2024. Espécie de pelica artificial, fina e macia. **3.** Face inferior do pão. Amoldar à maneira de baú. **4.** Que está acordado. Digital Video Disc. **5.** Monarca. Ave pernalta corredora. **6.** Interjeição que designa repulsa ou raiva. Adorara. **7.** O mantra mais importante do Hinduísmo e outras religiões. Importância recebida pela assinatura de um contrato. Computador Pessoal. **8.** Foi à rua. Instiga. **9.** Lar (fig.). Antes do meio-dia. **10.** Pacato, sensato. **11.** De grande diâmetro. Moeda europeia.

Solução do problema anterior:
Horizontais: 1. Venezuela. **2.** Ala. Emu. RAM. **3.** Goral. Nero. **4.** EasyJet. **5.** Ming. Belona. **6.** Marma. Gr. **7.** Ca. Ucrânia. **8.** Anca. AM. **9.** Rei. Acaba. **10.** Advogados. **11.** Ah. Melopeia.
Verticais: 1. Vagem. Carga. **2.** Elo. Imane. **3.** Narina. CIA. **4.** Grua. Dm. **5.** Zele. MC. Ave. **6.** Um. Abara. Ol. **7.** Eu. Se. Âmago. **8.** Nylon. CAP. **9.** Arejo. Idade. **10.** Arenga. Boi. **11.** Amotar. Vasa.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: EO

Oeste	Norte	Este	Sul
			2♣1
passo	2♦2	passo	2ST
passo	3♥3	passo	3♠
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Qualquer forma de Bridge. 1 – Forte indeterminado; 2 – Relais; 3 – Transfer para espadas

Carteio: Saída: 10♦. Qual o seu plano de jogo?

Solução: Temos oito vazas certas. As idas ao morto não abundam. Tentar apurar o naipe de espadas seria um esforço em vão, somente com Rei e Dama secos num dos adversários é que seria possível viabilizar uma segunda vaza nesse naipe, probabilidade remota... O destino do contrato parece então depender das copas: se o Rei estiver em Este ganharemos facilmente ao jogar simplesmente uma copa de Norte em direção à Dama de Sul, num momento qualquer. Mas podemos melhorar as nossas hipóteses de cumprir consideravelmente, se soubermos aproveitar bem o 10 de copas do morto! Jogue copa em direção ao 10. Se Oeste tiver o Valete, está ganho! Suponhamos que ele o joga e que insiste em paus, por exemplo. Prendemos e jogamos novamente pequena copa para o 10, para ceder o Rei, mas ao mesmo tempo asseguramos que a Dama de copas fica firme! Somente se Este tiver o Valete de copas e Oeste o Rei é que este contrato não tem viabilidade.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♥	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠AQ654 ♥K863 ♦K7 ♣76

Resposta: *Temos o suficiente para jogar uma partida em copas e uma opção seria saltar desde logo para 4♥ diretamente. Mas, nos dias de hoje, a sequência 1♥ – 4♥ é geralmente usada com o propósito de barrar, tendo o respondente cinco cartas de apoio e uma mão fraca. Sendo assim, as escolhas óbvias são: — marcar 1♠ e depois saltar para 4♥, mostrando uma mão com um bom naipe de espadas e apoio a copas, com valores de partida; — marcar 2ST "Jacoby", que mostra quatro cartas de apoio e valores de partida. A prioridade recai sobre o bom naipe de cinco cartas, pois será vital para viabilizar um chelleme.*

Novos cursos de Bridge estão aí à porta, Setembro e Outubro novos horários e em diferentes níveis, desde o zero até aos níveis mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores, saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

www.indigopuzzles.com

Problema 12.812 (Fácil)

Solução 12.810

7	2	3	5	9	6	1	4	8
1	9	5	8	7	4	2	6	3
8	6	4	1	2	3	7	5	9
4	5	6	7	8	1	9	3	2
2	1	9	4	3	5	6	8	7
3	8	7	2	6	9	4	1	5
6	7	1	3	5	2	8	9	4
9	3	2	6	4	8	5	7	1
5	4	8	9	1	7	3	2	6

Problema 12.813 (Muito difícil)

Solução 12.811

1	7	4	5	9	6	8	2	3
9	6	8	4	2	3	5	7	1
3	2	5	7	1	8	9	6	4
4	3	9	6	8	1	2	5	7
6	8	7	2	5	4	3	1	9
2	5	1	3	7	9	6	4	8
8	9	2	1	6	7	4	3	5
5	1	3	8	4	2	7	9	6
7	4	6	9	3	5	1	8	2

CINEMA

Priscilla
TVCine Top, 21h30
Estreia. Com realização de Sofia Coppola, este é um drama biográfico sobre a tempestuosa relação de Elvis Presley (1935-1977) e Priscilla Beaulieu (n.1945, Nova Iorque), desde o momento em que se conheceram até à morte dele. O argumento tem por base o livro *Elvis e Eu*, escrito em 1985 por Priscilla e Sandra Harmon que deu origem à minissérie homónima de 1988. Tal como a minissérie e o livro, o filme segue o ponto de vista de Priscilla após conhecer o cantor na Alemanha Ocidental, ela com apenas 14 anos, ele com mais dez e já uma superestrela da música. Acompanhamos as dificuldades vividas durante todos os anos de relacionamento, com Elvis a revelar uma faceta mais sombria, instável e abusiva, até à separação final em 1972 (o divórcio oficial ocorreu um ano depois), cinco anos antes de Elvis morrer, com apenas 42 anos. Datado de 2023, conta outro lado da história de Elvis um ano após o *biopic* Elvis, de Baz Luhrmann.

Duas Mulheres, Um Encontro
RTP2, 22h54
Generosa, íntegra e bem-intencionada, Claire é uma mãe solteira de 49 anos que dedicou toda a vida ao filho e à profissão de parteira. Na mesma altura em que se debate com o possível encerramento da maternidade onde sempre trabalhou, depara-se com o súbito reaparecimento de Béatrice, a ex-namorada do seu falecido pai, de quem não tinha notícias há quase 40 anos. Ao contrário dela, Béatrice é exuberante, superficial e autocentrada. Este encontro vem causar algum desequilíbrio à vida de Claire, que nunca lhe perdoou o facto de ter levado o pai ao suicídio. Mesmo que a princípio o relacionamento entre elas se revele difícil, aos poucos vão criando laços e, apesar das diferenças óbvias, ambas sabem que têm muito a aprender uma com a outra... Escrito e realizado por Martin Provost, um filme drama protagonizado por duas das mais importantes actrizes francesas: as Catherines Deneuve e Frot.

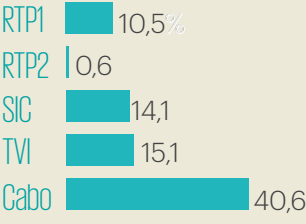
Furiosa, Uma Saga Mad Max
Max, *streaming*
Chega à Max a prequela deste ano de *Mad Max: Estrada da Fúria*, centrada em Furiosa, a personagem que Charlize Theron fazia no filme de 2015. Agora é Anya Taylor-Joy quem lhe dá vida em mais uma história pós-apocalíptica de George Miller.

Televisão

Os mais vistos da TV
Quarta-feira, 14

		%	Aud.	Share
Cacau	TVI		8,8	20,3
Dilema - Especial	TVI		8,6	19,4
Jornal da Noite	SIC		7,5	17,5
A Promessa	SIC		7,3	16,5
Jornal Nacional	TVI		6,8	16,4

FONTE: CAEM

RTP1 10,5%
RTP2 0,6
SIC 14,1
TVI 15,1
Cabo 40,6

RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.23** Amor Sem Igual **15.21** A Nossa Tarde **17.30** Portugal em Directo

19.07 O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Salto de Fé

21.41 Joker

22.42 Taskmaster

0.40 O Sol da Caparica

RTP2

5.59 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **13.09** Esec TV **13.37** A Conversa dos Outros **14.09** As Caminhantes **15.05** A Fé dos Homens **15.38** Primeiro Estranha Depois Entranha **16.04** Às Manchas e às Riscas **16.56** Espaço Zig Zag **20.40** Heróis de Verde **21.30** Jornal 2 **22.01** O Veterinário de Província **22.47** Folha de Sala

22.54 Duas Mulheres, Um Encontro

0.49 Sangue em Viena **1.37** Prova Oral **2.53** Os Violinhos **3.58** Pompeia, O Segredo da Cidade Civita Giulina **4.50** Fanny e a Melancolia **5.21** Volta ao Mundo 2016 **5.35** Nada Será como Dante

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.10** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.25** Querida Filha **15.50** Linha Aberta **17.00** Júlia

18.30 Terra e Paixão

19.57 Jornal da Noite

21.55 A Promessa

22.45 Senhora do Mar

0.15 Nazaré

0.55 Papel Principal

1.20 Passadeira Vermelha

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** TVI - Em Cima da Hora

14.35 A Sentença

16.35 Goucha

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.30 Dilema

22.10 Cacau

23.05 Festa É Festa

0.00 Dilema

2.00 Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

17.20 Iron Claw **19.30** Quero-te de Volta **21.30** Priscilla **23.25** Beautiful Wedding: Um Casamento Maravilhoso **1.00** Pássaro Branco **2.30** O Código Da Vinci

STAR MOVIES

15.58 Sicario: Guerra de Cartéis **17.51** Perigoso **19.24** Triplo Nove **21.15** Resgate Arriscado **22.50** Missão Final **0.18** Instinto Fatal **2.22** Delta de Vénus

HOLLYWOOD

15.37 Minari **17.33** A Bela Memphis **19.23** Os Mercenários 3 **21.30** O Exótico Hotel Marigold **23.37** A Purga: Anarquia **1.22** O Fim da Inocência **3.01** Moonlight

AXN

16.21 S.W.A.T.: Força de Intervenção **17.54** The Rookie **21.04** Hudson & Rex **22.00** Noite em Fuga **0.02** The Equalizar - Sem Misericórdia **2.18** Exterminador Implacável - Destino Sombrio

STAR CHANNEL

17.32 Investigação Criminal: Los Angeles **19.02** Magnum P.I. **20.40** Hawai Força Especial **22.15** Thor: Ragnarok **0.44** Missão Impossível 3 **2.45** A Branca de Neve e o Caçador

DISNEY CHANNEL

16.30 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **18.55** Monstros: Ao Trabalho! **19.15** Hamster & Gretel **20.00** Os Green na Cidade Grande **20.50** The Incredibles: Os Super-Heróis (VP)

DISCOVERY

16.24 Mestres do Restauro **19.06** Aventura à Flor da Pele XL **21.00** Exposed: Naked Crime **22.52** Operação Fronteira América Latina **0.32** Exposed: Naked Crimes

HISTÓRIA

15.43 Engenharia Antiga **18.18** Impérios da Antiguidade **20.09** A Comida que Mudou o Mundo **22.15** As Invenções Mais Sinistras da História

ODISSEIA

16.32 Inverno Selvagem **18.16** Salvar o Paraíso **19.09** Planeta Terra **20.51** Mundo Mineral **21.45** A China Selvagem **22.31** Planeta Azul **23.22** Uma Quinta, 9 Filhos e 1.000 Ovelhas

SÉRIE

Rick and Morty: The Anime
Max, *streaming*
Estreia. *Rick and Morty*, a série animada criada por Justin Roiland e Dan Harmon em 2013, ganha agora uma versão *anime* com histórias diferentes das aventuras de Rick Sanchez, cientista louco e samurai, e Morty Smith, o seu neto de 14 anos, bem como a irmã Summer, de 17 anos. Foi desenvolvida por Takashi Sano. As vozes são do elenco que dobra a série original para japonês, não tendo qualquer um dos actores americanos.

DOCUMENTÁRIOS

A Viagem de Papa Francisco
TVCine Edition, 22h
Jorge Mario Bergoglio, nascido na Argentina no dia 17 de Dezembro de 1936, foi eleito Papa em 13 de Março de 2013, no segundo dia do conclave. Inspirado pelo facto de duas das suas viagens – a primeira, ainda em 2013, aos refugiados que desembarcam na ilha de Lampedusa (Itália); a segunda, em 2021, ao Médio Oriente – coincidirem com os itinerários dos filmes *Fogo no Mar* e *Nocturno*, o multipremiado cineasta italiano Gianfranco Rosi usa imagens dos arquivos do Vaticano e com elas faz um tributo a um dos mais consensuais líderes da Igreja Católica. Ao mesmo tempo, dá-nos uma visão do actual estado do mundo. Marca a estreia do ciclo *Tripla Documentários: Em Viagem*, que ocupará as sextas do TVCine Edition até ao final do mês.

How to Hire a Hitman
SIC Radical, 23h15
Yinka Bokinni é radialista e fã das histórias de *true crime* tão em voga nos dias que correm. Nesta série documental de dois episódios do Channel 4 estreada em 2022, a britânica tenta investigar a parte da *dark web* em que, supostamente, dá para contratar assassinos profissionais para matarem alguém. Dá mesmo para o fazer? Dará para salvar alguém com a cabeça a prémio? São estas algumas das respostas a que ela tenta responder.

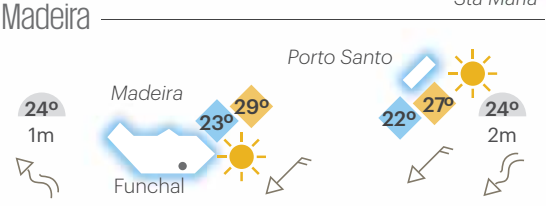
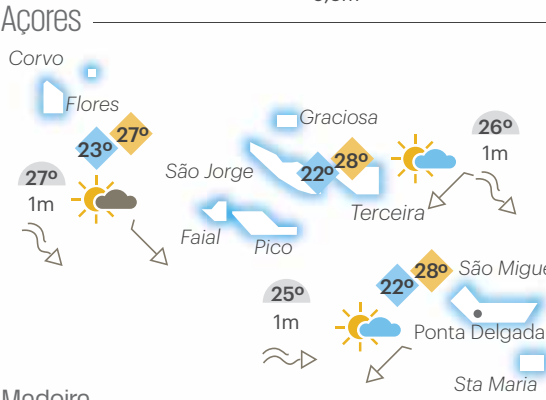
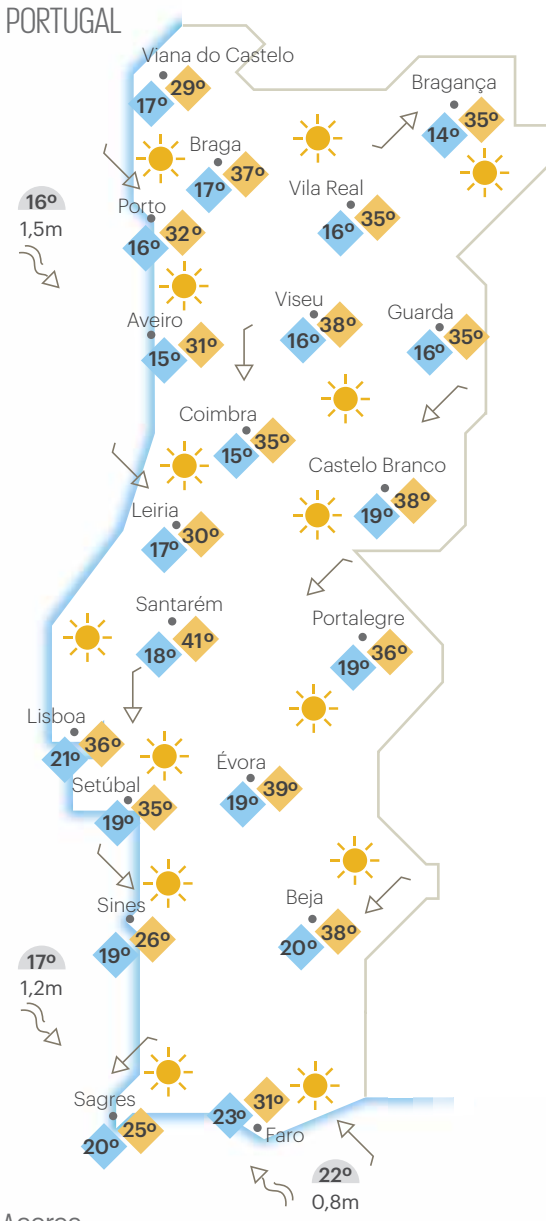
INFANTIL

A Volta ao Mundo em 80 Dias (VP)
SIC K, 20h53
Nesta versão em animação 3D do clássico de Júlio Verne editado em 1872, Phileas Fogg é um sagui que é convencido por uma rã gananciosa a dar a volta ao mundo em apenas 80 dias. Um filme de Samuel Tourneux.

Meteorologia

PORTUGAL

MARÉS

Preia-mar · Baixa-mar · *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Baixa-mar 06h57	1,3	Baixa-mar 06h34	1,4	Baixa-mar 06h24	1,3
Preia-mar 13h11	2,8	Preia-mar 12h50	2,9	Preia-mar 12h52	2,8
Baixa-mar 19h35	1,1	Baixa-mar 19h14	1,3	Baixa-mar 19h08	1,1
Preia-mar 01h47*	2,8	Preia-mar 01h24*	2,8	Preia-mar 01h22*	2,8

PRÓXIMOS DIAS LISBOA

	Sábado, 17	Domingo, 18	Segunda-feira, 19
Mín./Máx.	20º / 32º	19º / 29º	19º / 31º
Índice UV	Alto	M. alto	M. alto
Vento	Moderado	Moderado	Moderado
Humidade	53%	63%	54%

MEDIDOR DE CO2

Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 4 Ago.	424,18
Há um ano	420,16
Há dez anos	397,93
Semana de 28 Jul.	424,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

Portugal

- Excelente
- Razoável
- Mau
- Não é saudável
- Nada saudável
- Perigoso

Porto · Coimbra · Lisboa · Évora · Faro

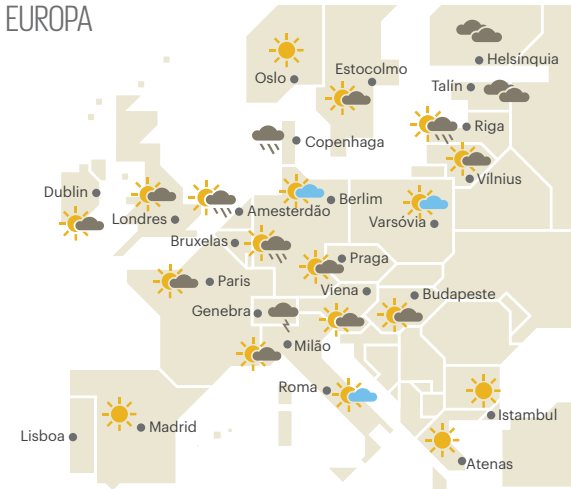
SOL

Nascente 06h52 · Poente 20h29

LUA

- 19 Ago. 19h26
- 26 Ago. 10h28
- 3 Set. 02h55
- 11 Set. 07h06

Nascente 18h36 · Poente 03h39*
*de amanhã

EUROPA

TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	16	22	Roma	24	36
Atenas	27	37	Viena	21	34
Berlim	19	30	Bissau	26	31
Bruxelas	18	22	Buenos Aires	9	14
Bucareste	21	38	Cairo	26	37
Budapeste	22	36	Caracas	21	30
Copenhaga	13	21	Cid. do Cabo	11	17
Dublin	12	20	Cid. do México	15	23
Estocolmo	13	22	Díli	21	31
Frankfurt	18	29	Hong Kong	26	29
Genebra	17	29	Jerusalém	20	31
Istambul	23	31	Los Angeles	19	32
Kiev	16	29	Luanda	20	26
Londres	13	25	Nova Deli	27	33
Madrid	20	34	Nova Iorque	21	31
Milão	21	33	Pequim	24	31
Moscovo	14	25	Praia	25	30
Oslo	11	23	Rio de Janeiro	19	29
Paris	19	26	Riga	15	26
Praga	19	32	Singapura	26	30

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Tudo pela Minha Terra

PAULO PIMENTA

Carlos, o empresário das bolachas sempre disponível a ajudar

Pedro Manuel Magalhães

Assumiu o negócio da família Vieira de Castro e tornou-se uma das figuras mais acarinhadas de Famalicão

À primeira vista, o nome Vieira de Castro pode passar despercebido. Mas se mencionarmos as bolachas de água e sal de pacote azul ou os rebuçados flocos de neve, brancos e de embalagem vermelha, as memórias com certeza vêm ao de cima. O negócio começou nos anos 1940 com António Vieira de Castro, em Famalicão. O seu caçula, Carlos, acabou por herdar o grupo alimentar e é hoje, aos 76 anos, uma das figuras mais acarinhadas da cidade. Pelas bolachas e pelo filantropismo.

Nas fábricas da Vieira de Castro, na freguesia de Gavião, o aroma a bolachas recém-assadas paira no ar. Ali ao lado, estão os escritórios, onde se traçam as alquimias por que passam as bolachas, as amêndoas e os rebuçados. Lá dentro, abundam amostras de produtos, bustos, quadros e uma cronologia da empresa.

Numa das salas, de sorriso empático e descomplexado, recebe-nos Carlos Vieira de Castro. Para muitos, apesar da sua respeitosa idade, é o Carlinhos. "Há muitos funcionários que me tratam por Carlinhos. Muitos nem me conheceram assim, mas ficaram com o nome do tempo dos pais deles. Não me importo nada."

Nos corredores da Vieira de Castro, actualmente conhecida apenas por Vieira, o trato e os gracejos imperam sempre que Carlos passa. "Oh senhor Carlos, tudo bem? Veio cá visitar-nos?", diz uma das 400 funcionárias do grupo alimentar.

Carlos Vieira de Castro é filho de António Vieira de Castro, um dos precursores da produção de bolachas no país. Carlos e os seus três irmãos – dois rapazes e uma rapariga – tomaram conta do negócio do pai, mas seria o caçula Carlos a agarrar exclusivamente no negócio no final da década de 1990. Deixou o negócio aos filhos há cerca de cinco anos e, hoje, apesar de continuar a acompanhar a actividade do grupo, só aparece na empresa de três em três meses, "para ver como as coisas estão".

Mas, em Famalicão, o nome de Carlos Vieira de Castro está associado a algo mais do que os doces. Está também ligado aos apoios sociais. Ajuda, desde jovem, várias corporações de bombeiros voluntários da cidade e da região. Foi fundador do Lions de Famalicão e da associação local Círculo de Cultura Famalicense. É vice-presidente e mecenas de grupos recreativos e musicais e ajudou a projectar uma IPSS de solidariedade social a jovens e idosos.

"É visto como o Rui Nabeiro de Famalicão. O homem bom com quem se pode contar nas alturas de aperto. Está sempre disponível para ouvir." O retrato é feito por Carlos de Sousa, presidente da associação Casa da Memória Viva, que homenageou, em Julho, o contributo que Carlos Vieira de Castro "há muito dá, como cidadão e empresário, para a economia, a coesão social e a projecção de Vila Nova de Famalicão no mundo".

Carlos Vieira de Castro rejeita o epíteto de "homem bom" e recusa desvendar exemplos concretos de apoios que já deu. Lá concede que é "difícil dizer não a quem pede ajuda", mas reforça que não gosta de "dar nas vistas". "Costumo dizer que não dou para a caridade. Ajudo. Assim durmo mais descansado."

De tudo o que dá, o apoio aos bombeiros é o que mais sobressai. Em criança, recorda, em vez de ir à catequese, interessava-lhe a "fanfarra e os tambores" da corporação. Depois, cativou-o o apoio diário realizado pelos soldados da paz. E lembra um episódio marcante. "Tinha eu os meus 22 anos e um homem, com ar desesperado, estava à porta dos bombeiros a dizer que a sua mãe tinha morrido e não tinha dinheiro para a carregar. Ajudei-o e levei-o a ele e à mãe ao hospital."

Hoje, graças à sua actividade e aos muitos euros que despendeu a ajudar a corporação, existem nove carros dos Bombeiros Voluntários Famalicenses baptizados com os nomes de filhos e netos de Carlos.

O reguila-filantropo

O negócio alimentar dos Vieira de Castro começou em 1943, numa das principais ruas de Famalicão. O patriarca António, a quem Carlos atribui muito do crédito da sua prolífica carreira, criou uma confeitaria e, tomado pela ambição, projectou, anos mais tarde, uma fábrica.

Entregou o negócio aos filhos, mas para o benjamim Carlos, que agarraria no negócio a solo anos mais tarde, o destino sempre esteve longe de estar escrito. "Fui sempre muito mau aluno, já desde a instrução primária. Estive numa escola industrial e houve uma altura em que não me deixaram matricular porque era muito 'travesso'. Só quando fui tirar uma formação na Alemanha, numa escola especializada em amêndoas, é que comecei a gostar disto", enquadra.

Pode apenas ser sinal de modéstia, mas sempre que questionámos Carlos sobre a sua carreira e filantropia, o seu pai António vem à conversa. "Isto caminhou num processo de boas relações. Já no tempo do meu pai era assim: ele acompanhava os funcionários e queria saber a vida deles – não no pormenor, mas sim as dificuldades." E Carlos acabou por herdar. "Fiz amizades com pessoas com quem trabalhei que se tornaram família."

Hoje, a Vieira factura milhões de euros por ano. O sucesso empresarial que tomou a vida de Carlos explica-se, diz o próprio, por quem se rodeou. "Tive a sorte de ter ao meu lado gente muito cumpridora, aventureira que alinhou nos meus projectos."

E a compaixão pelo outro, que se alastrou para lá da actividade empresarial, despertou quando a Vieira de Castro era ainda uma confeitaria. "Nas épocas festivas, gastavam-se milhares de ovos e só se aproveitavam as gemas. À porta da confeitaria, faziam-se filas de pessoas que vinham com garrafões com latas para levar as claras para casa. A gente sentia a pobreza que aparecia ali à porta", lembra. E, "sem dar por ela, ficou-se marcado por isso".

Carlos é cidadão honorário de Famalicão desde 2018 e em Julho passado foi agraciado com a Comenda de Ordem de Mérito Empresarial pelo Presidente da República.

Questionário Pós-Proustiano

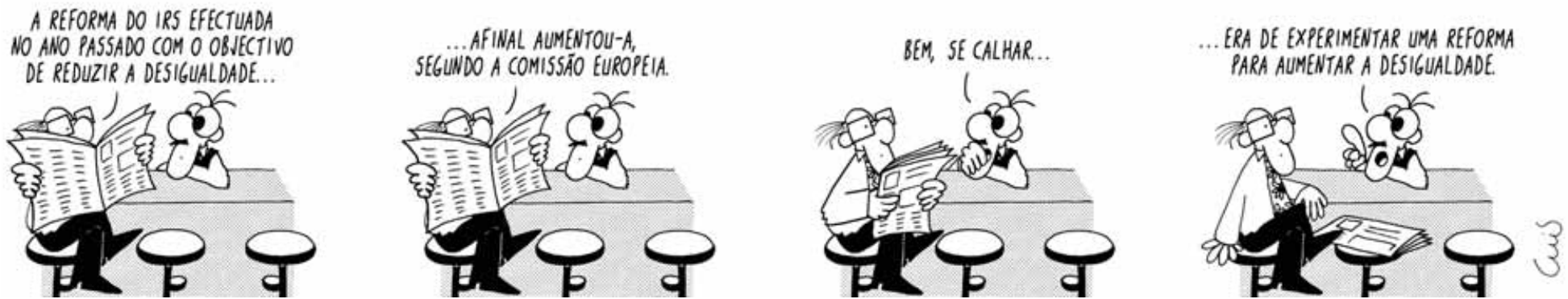
DR

A líder da Too Good To Go em Portugal considera-se uma pessoa positiva

Maria Tolentino

“Gostava de viver no cenário de *O Deus das Pequenas Coisas*”

Que rede social mais usa? Já desistiu de alguma e porquê?
Actualmente, o LinkedIn – para *networking*, partilhar notícias da Too Good To Go e para me manter actualizada relativamente à indústria. Já desisti de várias redes sociais – gosto de instalar e experimentar, mas não há tempo para manter todas.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social? O quê?
Não.
Tem a noção de quantos ex-amigos tem? Cinco? Dez? Ou nunca se zangou com um amigo?
Acontece por vezes afastarmo-nos de pessoas com quem tivemos uma forte amizade. Mas nunca me zanguei com um amigo ao ponto de deixarmos de ser amigos por esse motivo.
Qual é o elogio que menos gosta que lhe façam?
O elogio que é demasiado ambíguo – geralmente, soa forçado e pouco sincero. Mais do que o conteúdo, é a forma.
Se pudesse viver no cenário de um romance literário, qual escolheria?
Provavelmente, o cenário de *O Deus das Pequenas Coisas*, de Arundhati Roy. Ambientado no sul da Índia, permitir-me-ia explorar um contexto mais próximo das minhas origens, numa rica (apesar de muito dura) e complexa narrativa, imersa em cultura, história e natureza.
Fora de Portugal, qual é o lugar onde se sente em casa? E porquê?
Em Itália – vivi e estudei na Toscana e fui tão bem recebida, tive uma experiência tão enriquecedora e feliz, que continuo a ter uma conexão muito positiva com o país.
Qual o melhor conselho que lhe deram na vida?
“Ambicionar com excelência” – um conselho da minha mãe que me acompanhou até hoje, porque não basta apenas querer chegar o mais longe possível, mas a direcção e o modo como se chega são tão ou mais essenciais para gerar o impacto que se pretende alcançar.
Em que situações se considera uma “chata”?
Quando estou muito entusiasmada ou inspirada com algo, como o facto de trabalhar numa empresa como a Too Good To Go – que me centra diariamente na relevância do combate ao desperdício alimentar e no quanto os pequenos actos individuais podem ter um enorme impacto positivo –, gosto de partilhar essas descobertas. É-me natural. Isso pode inspirar outras pessoas a experimentarem, mas reconheço que corro o risco de me tornar repetitiva, ou até “chata”. Mas vale o risco, e, até agora, acredito que tem corrido bem.
Tem algum vício que gostaria de não ter? E um de que se orgulhe?
Quando começo a ler um livro que me prende ou a ver uma série que me entusiasma, tenho de fazer um esforço para parar. Por outro lado, tenho este hábito de me desafiar constantemente e orgulho-me de planear a cada semestre experimentar algo novo a incluir na minha rotina ou aprender algo diferente, como um desporto ou uma língua estrangeira.
Diga o nome de três portugueses vivos que admira (não vale a sua mãe nem o seu pai).
Rosa Mota, Joana Vasconcelos, Salvador Mendes de Almeida, exemplos de resiliência e dedicação nas suas respectivas áreas.
Já teve algum ataque de ansiedade? Em que circunstâncias?
Considero-me uma pessoa centrada e optimista, o que geralmente me ajuda a lidar melhor com eventuais picos de ansiedade. Ainda assim, faço um esforço consciente para fazer um *self check-in* regularmente e identificar situações que possam ser mais desafiantes, nomeadamente aquelas que nos geram maior desconforto.
E já se sentiu profundamente exausta? Foi *burnout*?
Sou uma pessoa muito empenhada em entregar o melhor de mim em tudo o que faço, e esta característica não joga a meu favor neste sentido. Nunca identifiquei um *burnout*, mas já me senti bastante cansada em situações específicas das quais procuro sair o mais rapidamente possível. Recordo-me de uma em particular, na qual estava a cobrir a função de uma pessoa que estava de licença durante um período, e comecei a sentir-me tão dispersa, a começar sem terminar nenhuma tarefa, que simplesmente decidi parar. Desliguei tudo e fui caminhar, sem música nem nada que me distraísse, até que aquela sensação de dispersão me deixasse e eu conseguisse prestar novamente atenção às pessoas com quem me cruzava na rua, aos detalhes do jardim, presente. Caminhar assim regularmente é um bom termómetro para os meus níveis de cansaço.
Se lhe pedissem conselhos para uma relação amorosa feliz, o que é que dizia?
“Dar conselhos gerais sobre temas tão específicos e complexos não é tarefa fácil.” Ainda assim, depois do *disclaimer*, penso que mencionaria aqueles que considero os ingredientes base para qualquer relação: o respeito, a comunicação e a cumplicidade – e que devem ser cultivados cuidadosa e diariamente.
Qual foi o último filme que viu? E qual foi o último de que gostou?
Dune: Part 2. Com um elenco forte e uma produção ao meu gosto, a dar vida a uma narrativa complexa e profunda – que vai da complexidade das relações humanas em sociedade à identidade, destino e livre arbítrio. O filme não desilude em relação à primeira parte.
Qual o seu maior arrependimento?
Gosto de encarar as situações em que não tomei a melhor decisão possível como momentos de auto-reflexão e aprendizagem, convertidos nas melhores oportunidades de crescimento.
Qual foi a última vez em que se surpreendeu?
Surpreendo-me frequentemente quando vou buscar uma *surprise bag* da Too Good To Go. É incrível ver como pequenas acções podem (mesmo) ter um impacto tão positivo no combate ao desperdício alimentar e, consequentemente, no ambiente.

BARTOON LUÍS AFONSO

Uma ideia para um pacto de regime na saúde

Não é o fim do mundo

Pedro Adão e Silva

Em Quarteira, Luís Montenegro utilizou uma variação do popular "se fosse fácil era para os outros" para explicar os primeiros meses do executivo. Não fica claro onde é que o primeiro-ministro queria chegar quando, respondendo a quem o acusa de só estar a resolver problemas fáceis, afirmou que "se fosse fácil tinha sido feito por eles". Para depois rematar com uma questão: "Acham que os portugueses são estúpidos?" Deixemos a elegância da linguagem à parte e regressemos à saúde, o subtexto que marca o fim das férias políticas.

Já aqui escrevi que se trata de uma área das políticas públicas particularmente intrincada: a despesa cresce a um ritmo quase imparável, os recursos humanos alocados são cada vez mais e mesmo assim os problemas são recorrentes. Parte da explicação prende-se com transformações muito positivas nas nossas sociedades – o prolongamento da esperança média de vida e a sofisticação dos tratamentos –, outra com dificuldades que se colocam a sistemas tão complexos. Dificuldades que obrigam a repensar os modelos de gestão, sem os preconceitos ideológicos que tendem a marcar, de forma por vezes estéril, a discussão sobre políticas de saúde. No fim, a prestação de cuidados de saúde à população merece globalmente uma avaliação bem mais positiva do que se quer fazer crer.

Quando os problemas são complexos, é politicamente "estúpido" acenar com soluções fáceis e respostas para amanhã. Foi o que o Governo fez, criando expetativas que chocaram de frente no verão com a realidade das urgências. A questão, contudo, não é só de gestão de expetativas: enquanto acenava com um "Programa de Emergência para a Saúde", que a meio de agosto teima em só ter duas das suas "medidas urgentes" concluídas, o Governo terraplanava o que vinha sendo construído, escolhendo um caminho estéril de afronta pessoal com o responsável pela direção executiva do SNS, estrutura que dava os primeiros passos.

ADRIANO MIRANDA

> **Quando os problemas são complexos, é politicamente 'estúpido' acenar com soluções fáceis e respostas para amanhã**

Em julho, num artigo do *Expresso* ao qual vale a pena regressar, Fernando Araújo bem que alertava: "Políticos que utilizam o caminho mais simples, crucificando as instituições que tutelam, tendem inexoravelmente a falhar." Para depois acrescentar que, quando isso acontece, "as instituições ficam sem rumo. Fica-se à espera, reduz-se a atividade ao essencial, foge-se a tomar decisões, coloca-se o futuro em risco." A lição serve à medida a muitos governantes e talvez passe por aqui a clivagem mais relevante entre bons e maus ministros. Deste Governo e dos anteriores: os que governam contra os serviços que tutelam e os que se ancoram na administração pública, reforçando as suas capacidades.

Entretanto, perante as dificuldades, logo se formou o tradicional clamor a apelar a um pacto de regime. Bem sei que, por estes dias, a palavra do Presidente da República foi perdendo valor, mas vale a pena atentar no que disse. Para Marcelo, "é fundamental um pacto de regime no sentido de haver continuidade política, para dar estabilidade ao SNS", até porque "ainda não se tinha começado a aplicar a reforma (do anterior Governo) no modelo de gestão do SNS". Ou seja, um pacto de regime que se concentre nas continuidades e na consolidação de modelos de gestão. Exatamente o que não sucedeu.

Ora aí está uma ideia singela, mas provavelmente eficaz para as políticas de saúde: procurar consolidar as mudanças, monitorizar a sua implementação, avaliar o seu impacto e só depois reorientar as estratégias. Pelo caminho, promovia-se uma autonomização salutar da administração pública face aos ciclos políticos. Talvez, por uma vez, valha a pena apostar neste pacto de regime. É capaz de funcionar.

Colunista